



Claudio Duarte

CASAMENTO

O DESAFIO DA FELICIDADE EM
MEIO ÀS IMPERFEIÇÕES



Claudio Duarte

CASAMENTO

O DESAFIO
DA FELICIDADE EM MEIO
ÀS IMPERFEIÇÕES



1ª Edição
Rio de Janeiro 2022

**CASAMENTO: O Desafio da
Felicidade em meio às Imperfeições**
© 2022 Editora Luz às Nações
Coordenação Editorial | Equipe Edilan
Revisão | Equipe Edilan

Copyright © 2022 por Claudio Duarte, todos os direitos reservados. Publicado no Brasil pela Editora Luz às Nações, Rua Rancharia, 62, parte — Itanhangá — Rio de Janeiro, Brasil. CEP: 22753-070. Tel. (21) 2490-2551. 1ª edição brasileira: abril de 2022. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por qualquer forma, armazenada em sistema de recuperação de dados, ou transmitida por qualquer forma ou meio — seja eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro — sem a autorização prévia da editora.

Exceto em caso de indicação em contrário, todas as citações bíblicas foram extraídas da Bíblia Sagrada NVI (Nova Versão Internacional, Editora Vida). Outras versões utilizadas: ARC (Almeida Corrigida e Revista), AA (Almeida Atualizada, SBB) e ACF (Almeida Corrigida e Revista Fiel, Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Duarte, Claudio

Casamento : o desafio da felicidade em meio às
imperfeições / Claudio Duarte. -- 1. ed. --
Rio de Janeiro : Editora Luz das Nações, 2022.

ISBN 978-65-87343-49-5

1. Casamento 2. Casais - Aspectos religiosos
3. Casais - Comportamento sexual 4. Casais -
Conduta de vida 5. Casais - Finanças pessoais I.
Título.

22-108192

CDD-248.844

Índices para catálogo sistemático:

1. Casamento : Aspectos religiosos : Vida cristã
248.844
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Prefácio

Ao longo dos 30 anos que temos de casados tenho acompanhado o crescimento do Claudio como crente, marido e pastor. Já enfrentamos muitas adversidades em nosso casamento e graças a Deus conseguimos vencer os desafios juntos.

Vocês já devem tê-lo visto falando de nossas diferenças, mas não fazem ideia de quão grandes elas são, mas para ele quase tudo é motivo de graça ou aprendizado e isso acabou se transformando em palestras, pregações e literatura.

Sua habilidade para aconselhamentos e aplicações práticas o tornaram uma autoridade no assunto relacionamento familiar. Hoje por onde andamos somos abordados por pessoas que falam de suas experiências com as mensagens e testemunhos que ele compartilha. Juntos, aprendemos a lidar com nossas imperfeições e, mais que isso, criamos um relacionamento forte, porém ainda imperfeito.

Descobrir o que é o casamento e o cuidado que devemos ter com algumas áreas desse relacionamento tão desafiador é a proposta de “O DESAFIO DA FELICIDADE EM MEIO ÀS IMPERFEIÇÕES”. Na verdade o conteúdo tem a ver com nossas experiências e também relatos de outras pessoas que compartilharam seus desafios.

Espero que você seja ricamente abençoado (a) com esse livro e que seu casamento e família vivam a plenitude de um relacionamento de imperfeitos mas felizes.

MARY DUARTE

Agradecimentos

Quero agradecer a Deus em primeiro lugar por me conceder a vida e a oportunidade de aprender com ela.

Quero agradecer a minha esposa Mary e meus filhos Caio e Filipe por serem meu porto seguro.

Agradeço a todos os casais que depositam confiança em meu ministério.

Agradeço aos meus pais que foram instrumentos para que eu estivesse aqui.

Agradeço também aos amigos que sempre me incentivaram a prosseguir nessa caminhada.

PR. CLAUDIO DUARTE

Claudio Duarte se tornou uma referência e um fenômeno para falar de família e casamento e hoje nos presenteia com a possibilidade de aprendermos a ser feliz mesmo com as imperfeições.

Conheço Cláudio e Mary e sei que o livro vai te ajudar, abençoar, edificar e divertir. Ele fala com autoridade sobre o assunto.

Boa leitura.

— PASTOR RICARDO VASCONCELLOS

É impossível não associar a imagem do Cláudio Duarte aos assuntos de casamento e família, áreas predominantes em suas pregações. O que muitos não sabem é o quanto aquilo que ele fala externa a importância que ele dá a tais questões. Como amigo do autor, e não apenas como admirador do seu ministério, atesto que a partir de sua própria casa ele vive e valoriza o que ensina. Seu estilo de comunicação pode ser divertido mas a seriedade com que lida com a família é inspiradora. Recomendo entusiasticamente a leitura desse livro!”

— LUCIANO SUBIRÁ, Pastor na Comunidade

Alcance, em Curitiba, e responsável pelo

Orvalho.Com

O bom humor será sempre o melhor caminho para que os problemas sejam resolvidos. Quando o assunto é casamento, trabalho e amizade...meu amigo, Cláudio Duarte, consegue de forma leve e muito divertida, passar uma mensagem envolvente e certa, fazendo todo mundo rir e refletir. Isso, é uma dádiva! Perdi a conta de quantas vezes me peguei assistindo seus vídeos e com eles, rindo e entendendo claramente o significado de viver bem com os que me cercam. As palavras do Pastor Cláudio Duarte são, com toda certeza, minha fonte de alegria e serão suas também. Deus já cuida disso há muito tempo.

— MAURÍCIO MANFRINI (Paulinho Gogó)

Uma das questões mais preocupantes em nossos dias é a crescente confusão a respeito do casamento. Nossa sociedade está cada dia mais perdida sobre o que é o casamento e como ele deve ser vivido. Uma compreensão bíblica sobre o assunto se faz mais do que necessária. Deus criou e projetou o casamento. Toda vez que nos desviamos do desígnio de Deus, colhemos desilusão e mágoa.

E quando se fala em um relacionamento entre marido e mulher, ninguém melhor que o amigo Cláudio Duarte para nos ajudar de forma leve e descontraída, a resgatar o propósito de Deus para um casamento saudável.

— FLAVIO VALVASSOURA

Vivo convencido de que Deus não une pessoas mas une propósitos. Acredito que quando o Eterno uniu os pastores Cláudio e Mary Duarte foi com o propósito de abençoar milhares de pessoas por suas vidas, ministérios e testemunhos. Para mim, eles são uma referência de autoridade em matéria de casamento e família. Não é só pelo conhecimento, mas também

porque vivem o que ensinam. O objetivo deste livro é que aprendamos a ter uma vida familiar melhor aplicando os princípios de maneira prática. Espero que vocês valorizem e tirem o maximo proveito desta poderosa ferramenta. Parabéns pastores pelo nascimento deste tão esperado projeto literário!

— DR. BENNY RODRIGUEZ, Psicólogo Clínico &
Master Coach Orlando, FL - EUA

Índice

[Prefácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Elogios](#)

[Introdução](#)

[Casamento: Uma Proposta Opcional](#)

[Diálogo: É Conversando que a Gente se Desentende](#)

[Dinheiro: Um Recurso, Não um Pilar](#)

[Credibilidade: É Possível Recuperá-la?](#)

[Sexualidade: O Lado Escolhido é o da Santidade](#)

[Liberdade x Privacidade](#)

[Imprevistos: O “De Repente” Chegou](#)

[E o Futuro? A Deus Pertence?](#)

[Gravidez e Filhos? Problema, Solução ou Benção?](#)

[Parceria e Cumplicidade: O Sucesso está na Reciprocidade](#)

[Bibliografia](#)

INTRODUÇÃO

S seja bem-vindo(a)! Fico feliz pela sua decisão de investir o seu tempo nesta leitura tão especial. Não sei ao certo o que o motivou a estar aqui, mas tenho a absoluta certeza de que o Espírito Santo nos guiará nesta jornada que está apenas começando.

Meu objetivo não é lhe prometer milagres, porém quero lhe apresentar Aquele que pode fazê-los. Da mesma forma, não quero lhe prometer fórmulas mágicas de restauração matrimonial em tantos dias ou em tantos capítulos, mas compartilhar ferramentas poderosas que, se aplicadas com o devido empenho e comprometimento, com certeza serão capazes de produzir os resultados esperados e, quiçá, necessários.

A proposta é um crescimento conjunto, sólido, construído passo-a-passo, e pautado em premissas e valores inegociáveis: sinceridade, disponibilidade, compromisso, foco, fé, atitude, esperança e amor.

Irei lhe conduzir por ambientes, temas e lembranças nem sempre confortáveis, mas não farei isso de forma irresponsável e sem compromisso com a solução. O objetivo é retirar as pedras de poços que ainda estão saudáveis apesar de escondidos nos escombros, retirar a trave dos olhos que com o tempo deixou sua visão contaminada por problemas desnecessários, trazer luz para o que hoje reside na escuridão e trazer paz para aquilo que hoje não descansa. E se você está se perguntando: “Como faremos isso?” A resposta é simples: A partir de exemplos, dinâmicas, exercícios e, principalmente, de apresentação de lições e ferramentas pautadas nos valores judaico-cristãos e, por consequência, no Evangelho.

Posso contar com a sua ajuda? Posso começar a trilhar este caminho rumo a um matrimônio sustentável, abençoado, vitalício, monogâmico e possível? Acho que posso ouvir o seu “sim” tímido agora, e isso já é um bom sinal! Porém, até o final desta leitura o seu tom será de alegria e esperança por já estar implementando o que irá aprender a cada capítulo.

Como você verá, o conteúdo deste livro não é apenas teórico, mas bastante dinâmico. Cada capítulo poderá conter um ou mais exercícios, e é aí que você irá se divertir. Os exercícios farão com que o conhecimento salte destas páginas e seja aplicado na sua vida de forma prática. Além disso, você também encontrará dicas e análises de diferentes cenários que acontecem no relacionamento a dois. Tenho certeza de que você se identificará com vários. Por fim, ao término de cada capítulo, você encontrará referências bíblicas relacionadas ao tema que abordamos. Minha sugestão é que você leia os versículos após termos mergulhado no conteúdo do capítulo a fim de adquirir a base bíblica necessária para solidificar o conhecimento adquirido.

Bem, então agora você está pronto para começar essa jornada. Se possível, convide seu cônjuge para esta leitura ou pelo menos para participar dos exercícios com você. Diga para ele(a) que é meu convidado/minha convidada especial. Será uma experiência de grande aprendizado para ambos.

Divirtam-se!

Pr. Claudio Duarte



Casamento é uma sociedade onde o maior
investimento é feito no outro sócio.
Invista no seu sócio!



1

CASAMENTO

Uma proposta opcional, vitalícia, monogâmica,
heterossexual, divina e decrescimento do corpo,
da alma e do espírito

Começamos tratando do início de tudo. O que é o Casamento? Se não sabemos o que é o casamento e do que se trata a aliança que estabelecemos, não estamos habilitados a lidar com ele de forma correta, não é mesmo?

Muitas pessoas se perdem simplesmente por não saber o que é o casamento, suas propostas, seus valores, seus objetivos, as possíveis motivações e como entrar e “sair” desta união. Em meio a uma confusão generalizada, sua mente é impulsionada para um padrão de rejeição tão forte que cria uma espécie de escudo em torno do tema. Não se permite ver nada de diferente e, muito menos, que soluções sejam apresentadas. Acaba repetindo, mesmo sem nenhuma tentativa concreta, a seguinte frase: “Não tem jeito. A única solução é o divórcio”. Toda vez que me dizem que já tentaram de tudo eu pergunto: “Tentaram o quê? Procuraram um especialista, consultaram um psicólogo, uma terapia, buscaram algum tipo de aconselhamento pastoral, mudaram suas posturas, leram quais livros sobre o assunto?” E sempre que faço esta pergunta percebo que a maioria das pessoas não sabe a diferença entre tentativa e tolerância. Se permitem tolerar alguns erros por anos e depois justificam o divórcio de forma equivocada e sem nenhuma tentativa de solução prévia.

Com o objetivo de fazer o seu casamento ser um exemplo positivo — um case de sucesso — quero começar falando sobre **o que é o casamento**. Sei que você já é casado e que talvez esta informação fosse mais valiosa antes da tomada de decisão, mas acredito que nunca é tarde para recomeços.

O matrimônio é um projeto de Deus. Sendo um projeto de Deus, não podemos acreditar que seja falho, um suposto equívoco ou uma instituição falida como muitos costumam dizer. Precisamos lembrar que *“de todas as promessas do Senhor à nação de Israel, nenhuma delas falhou, todas se cumpriram”* (Josué 21:45); *“Aquele que prometeu é fiel”* (Hebreus 10:23); *“os planos do Senhor permanecem para sempre”* (Salmos 33:11); *“Deus não é homem para que minta, nem filho do homem para que se arrependa. Acaso Ele fala e deixa de agir? Acaso promete e deixa de cumprir?”* (Números 23:19). Percebeu? Sendo o casamento um projeto de Deus para o homem e conhecendo o caráter de Deus, não podemos

acreditar que justamente neste assunto teríamos uma exceção. Casamento é uma bênção de Deus e as bênçãos do Senhor não trazem dor. Se dores estão sendo administradas, o problema não é o matrimônio propriamente dito e muito menos seu idealizador, mas posturas e até mesmo possíveis motivações erradas.

O casamento é opcional, mas uma vez estabelecido torna-se vitalício. Quando lemos o texto de 1 Coríntios 7:27-28, chegamos à conclusão de que o casamento é opcional, mas uma vez estabelecido, “*não busque separar*”. Enquanto solteiros, tínhamos a opção de permanecer solteiros, porém, uma vez casados, casados para sempre. A grande questão é que muitos cônjuges estão confundindo o matrimônio da visão humanista com o da visão cristã. Na visão humanista, celebramos um contrato e, como todo contrato, pode ser anulado, cancelado ou revogado. Na visão judaico-cristã, além do contrato, firmamos também uma aliança e, neste caso, alianças não podem ser quebradas. O divórcio não é uma opção para os cristãos, exceto em raríssima exceção. Exceção esta que não garante obrigatoriamente o direito do novo matrimônio. É importante que você entenda que o que Deus uniu o homem não separa, ou seja, o seu casamento está sob uma proposta vitalícia aos olhos de Deus.

O seu casamento está sob uma proposta vitalícia aos
olhos de Deus.

O casamento cristão é monogâmico. A monogamia e/ou a fidelidade é uma responsabilidade de ambas as partes, independentemente das circunstâncias que os cercam. Não há nada no casamento cristão que apresente uma brecha para uma possível “pulada de cerca”. A traição não tem espaço, pois além de ser um pecado à luz da Bíblia, é, da mesma forma, um desvio grave de caráter e um desrespeito para com o próximo. Precisamos lembrar que “*quem quer ser amigo do mundo faz-se inimigo de Deus*” (Tiago 4:4), ou seja, por mais que o mundo moderno insista em dizer que ninguém é dono de ninguém, que casamentos podem ser abertos se ambas as partes concordarem, que se há concordância da outra parte não há adultério, nós precisamos lembrar que a amizade com o mundo e estes conceitos contrários ao Evangelho certamente nos tornam inimigos de Deus. Vale ainda reforçar que, quando o assunto é adultério, temos as seguintes advertências bíblicas: “*O casamento deve ser honrado por todos; o leito conjugal, conservado puro; pois Deus julgará os imorais e os adúlteros*” (Hebreus 13:4); “*Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem; idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, fações e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto, como antes já os adverti: Aqueles que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus.*” ([Gálatas 5:19-21](#)); “*Vocês ouviram o que foi dito: ‘Não adulterarás’. Mas eu digo: Qualquer que olhar para uma mulher e desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração*” ([Mateus 5:27-28](#)).

É importante também entender que Deus não aproxima duas pessoas sem que haja um propósito e, acredite, o propósito é o crescimento. **O casamento é um convite de Deus para o crescimento do homem e da mulher conjuntamente.** O texto de 1 Tessalonicenses 5:23 nos diz que somos uma combinação de corpo, alma e espírito. Para ficar mais claro, talvez possamos dizer que todo indivíduo possui um corpo físico que por sua vez carrega consigo uma alma (ou suas emoções) e é animado por uma força que chamamos de espírito.

Deus não aproxima duas pessoas sem que haja um propósito e, acredite, o propósito é o crescimento.

Apesar de não ser meu objetivo, pelo menos por enquanto, falar sobre do que somos feitos, precisamos entrar neste conceito mesmo que de forma básica para que você entenda que a união pelo casamento traz consigo a proposta de crescimento, e este crescimento não deve ser apenas em um destes aspectos: corpo, alma ou espírito. A proposta é de crescimento integral: pessoas que, com o matrimônio, crescem no ambiente físico ou material, mas crescem também cultivando emoções saudáveis e fortalecendo o espírito e em espírito com Deus (1 Coríntios 6:17).

Lisa Bevere, em seu livro *Sem Rivals* (Chara, 2018), nos lembra de que quando Deus chama Abraão para ser o pai de uma grande nação, Ele não exclui Sara. Segundo Lisa, não daria para Abraão ser grande se Sara também não fosse. Esta reflexão é extremamente importante quando nos propomos a entender o casamento. Lares onde apenas uma das partes cresce, seja fisicamente, emocionalmente ou espiritualmente, tendem a alimentar uma ruptura interna, uma espécie de fratura ou rompimento de tendões. Esta ruptura acaba impedindo que grandes projetos lhes sejam confiados, afinal, a estrutura não está pronta e não será capaz de suportar o crescimento proposto.

Aquela aliança, a qual já nos referimos em outros momentos deste conteúdo, não se restringe apenas à duração do matrimônio (vitalício), ela acompanha o casal em todas as áreas do matrimônio. Lisa nos lembra de que, enquanto Sara não cresceu o suficiente para acreditar na promessa que havia sido feita, ela não recebeu a bênção. Não bastava Abraão crescer em fé, era necessário Sara crescer da mesma maneira. Isaque, ou a promessa, só se tornou realidade quando Sara entendeu que não seria através do ventre de Hagar, quando Abraão entendeu que Sara não era sua irmã e, por fim, quando Sara entendeu que não eram velhos para viverem o que Deus havia prometido. Como a própria Lisa diz: “Abraão e Sara começaram sua jornada juntos, e eles iriam carregar a promessa quando aprendessem a crescer juntos”.

Outro aspecto que precisamos frisar é que **o matrimônio cristão é uma proposta heterossexual**. Talvez adentremos em um dos temas mais polêmicos e constrangedores, mas não podemos nos eximir da responsabilidade de compartilhar um pensamento que vai muito além de ser nosso, pois nós o copiamos de Cristo. Temos total carinho e amor por todo e qualquer indivíduo que tenha a homossexualidade como um princípio de vida sexual e/ou relacional, mas esse carinho e esse amor não trazem consigo a irresponsabilidade da omissão em dizer o que aprendemos com o Evangelho. A proposta cristã continua sendo heterossexual. Não vamos avaliar aqui o certo ou errado, se o homossexualismo possui “cura” ou não, como alguns irmãos costumam discutir, e muito menos trabalhar com opiniões pessoais, por mais alinhadas que estejam com a verdade bíblica. Quero simplesmente reforçar que o casamento traz consigo o princípio da heterossexualidade — homem e mulher, macho e fêmea — e isso significa dizer que qualquer coisa diferente disso é contrária à vontade de Deus. Veja que em momento nenhum vamos nos propor discutir se isso leva ou não para o inferno, se esta prática alcança ou não a misericórdia de Deus, se a graça os alcançará e assim por diante. Assumi o desafio de apenas apresentar o que é o casamento cristão. Diante deste desafio, destaco que

ele é opcional, um projeto divino, traz consigo a proposta vitalícia, monogâmica, de crescimento e, por fim, é uma união heterossexual.

O casamento traz consigo o princípio da heterossexualidade. Qualquer coisa diferente disso é contrária à vontade de Deus.

Enfim, conseguiu entender o que é o casamento? Estas informações trazem conforto ou desconforto? Eu ficaria feliz em saber que o conforto tomou o seu coração, mas se o desconforto ainda persiste, fique tranquilo. Estou aqui para ajudá-lo ao longo dos próximos capítulos. Teremos inúmeras oportunidades de meditação, reflexão e discussão.

A seguir, você encontrará alguns cenários hipotéticos que são muito comuns em qualquer casamento. Também separei alguns pensamentos e citações para abordar determinados assuntos. Junto com eles, você verá algumas dicas valiosas. Então, meu amigo ou minha amiga, caia dentro e aprenda de uma vez por todas a sair por cima das dificuldades!

- a) *“Eu não sabia que era assim. Mas ele(a) mudou muito depois do casamento. Eu não concordo com esta história de que não podemos nos divorciar. Vamos viver infelizes para sempre?”*

Trazemos aqui algumas desculpas recorrentes e, junto com elas, uma informação que merece ser considerada: Desculpas continuam sendo desculpas e jamais terão o poder de mudar a sua realidade. O seu fracasso só dá espaço para o seu sucesso quando você abandona as desculpas e adota uma postura diante de Deus e dos homens.

- b) *“Mas as nossas relações sexuais não são como antes. Elas ficaram menos intensas e mais escassas.”*

Diante desta afirmação, quero apenas lembrar que dois erros não são capazes de construir um acerto. O adultério ou o divórcio não são estratégias possíveis. É hora de olhar para o problema com o olhar de Cristo, o mesmo olhar que disse: “Vá e não peques mais”. Ou seja, corrija o necessário e siga em frente. Lembra que falamos da diferença entre tentativas e tolerância? Quais as reais tentativas que já foram adotadas? Este é o caminho do sucesso.

- c) *“Nosso desejo é ter alguém que nos inspire a ser o que sabemos que podemos ser.”* (Ralph Waldo Emerson)

Muitos casais não encontram soluções para seus problemas simplesmente porque estão rodeados de exemplos negativos. *“Todos os meus amigos são divorciados. Ninguém é mais fiel hoje em dia.”* Frases como estas são típicas de casais que estão sendo inspirados pelas pessoas erradas. Reveja suas conexões. Busque estar perto de pessoas que os inspiram a ter o melhor casamento que vocês podem ter.

- d) *“A comparação é o ladrão da alegria.”* (Theodore Roosevelt)

Pessoas diferentes e, por consequência, casamentos diferentes, possuem medidas diferentes. Buscar avaliar a sua realidade pela vida do outro pode ser algo muito perigoso e extremamente frustrante. Seu casamento é único e o desafio é ser melhor do que ele mesmo a cada dia.

- e) *“Certa quantidade de oposição é de grande ajuda para o homem. As pipas se levantam contra e não a favor do vento”*. (Lewis Mumford)

A diferença entre o vencedor e o perdedor está justamente na forma como eles lidam com as oposições. Enquanto um percebe a oposição como uma desculpa para distanciá-lo dos seus objetivos, o vencedor vê estes mesmos obstáculos como algo a ser superado e que deixará a vitória ainda mais saborosa. Casamentos cristãos são especialistas na superação de oposições. Creia nisso.

- f) *Tudo muda quando você muda 50%. Se cada um mudar 50%, 100% será resolvido.*

As grandes soluções não estão obrigatoriamente nas grandes ações. As transformações que precisamos estão geralmente naquela fatia que nos cabe, nos 50% pelos quais somos responsáveis. Mas talvez você esteja se perguntando: *“E se ele(a) não fizer a parte dele(a)? Não vai adiantar nada eu ter mudado?”*. Acredite, adiantou sim. Se você fez os 50% que lhe cabia, você não está mais totalmente longe do seu objetivo, você está na metade do caminho e, com certeza, em algum momento, suas ações constrangerão aquele(a) que ainda não venceu a apostasia. Lembre-se: Pessoas diferentes precisam de forças diferentes para vencer sua inércia. Talvez você ainda não tenha encontrado a força capaz de impulsionar seu cônjuge, mas enquanto isso, não deixe de avançar no que lhe cabe, pois nem sempre quem sai por último chega por último. Ele(a) pode ter largado depois e chegar primeiro que você e, nesta hora, precisará ver que você está tentando, pois senão ele(a) repetirá a sua pergunta (*“E se ele(a) não fizer a parte dele(a)? Não vai adiantar nada eu ter mudado?”*) e vocês entrarão em um looping desnecessário e prejudicial ao matrimônio.

- g) *“Se você admite que já foi feliz no passado... Se você pensa que poderá ser feliz amanhã... Então, é possível ser feliz ainda hoje. Dê o primeiro passo”*. (José Haddad, *Os 5 S do coração*)

Ninguém consegue fazer aquilo em que não é capaz de acreditar. Normalmente, quando avaliamos o ciclo do pecado a partir da decisão de Eva, dizemos que o pecado percorre de forma muito rápida um trajeto que se resume da seguinte forma:

- I. Primeiro se vê;
- II. Em um segundo estágio, percebe-se que é agradável;
- III. Em um terceiro momento, traz o desejo para o coração;
- IV. Em seguida impulsiona o seu corpo para a prática;
- V. E por fim, concretiza o pecado.

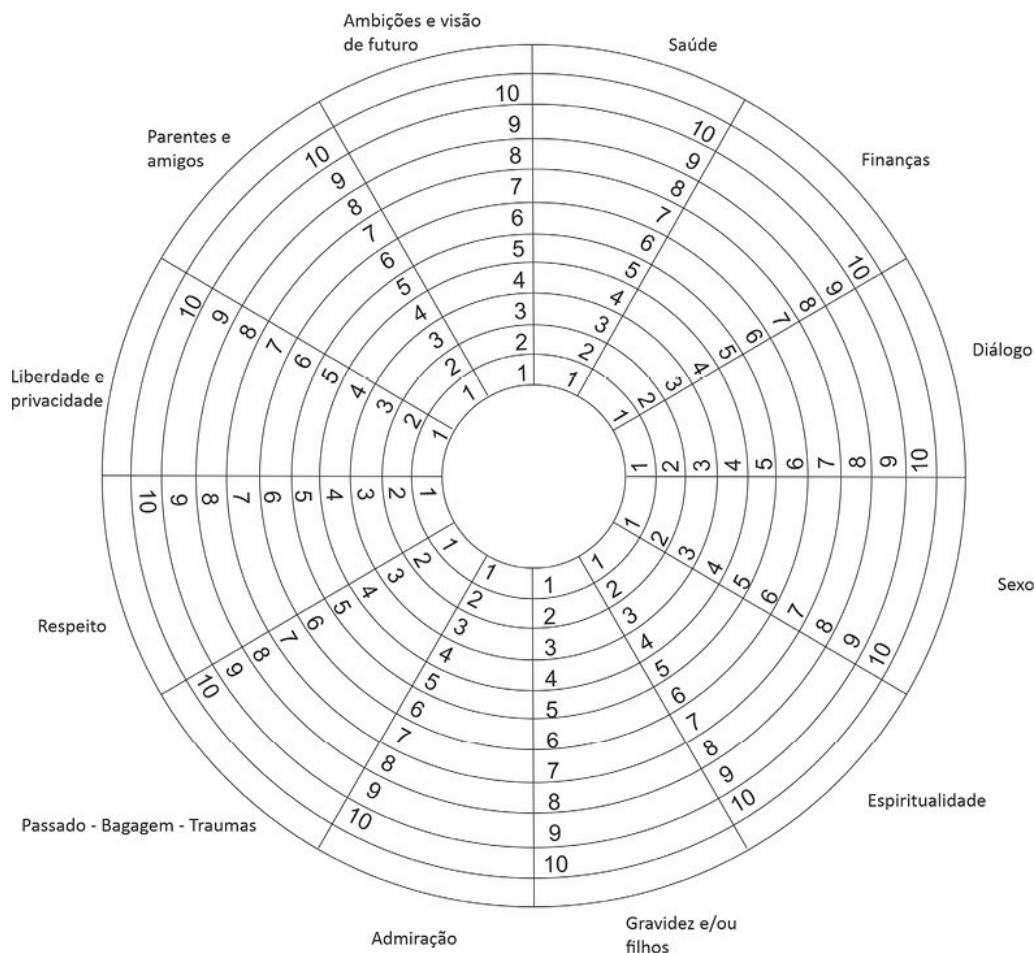
Minha proposta aqui é impulsionar você a realizar o mesmo ciclo, porém com motivações e objetivos diferentes.

- i. Veja que seu casamento já foi e pode ser feliz;
- j. Perceba o quanto isso é agradável de se imaginar;
- k. Traga esta emoção para a alma e alimente o seu coração com este desejo;
- l. Impulsione o seu corpo para as práticas necessárias;
- m. Enfim, concretize as ações que o seu matrimônio precisa para viver o sensacional de Deus em suas vidas.



PRATICANDO

Agora que você entendeu o que é um casamento, teve oportunidade de refletir acerca do tema com novas informações ou até mesmo informações conhecidas, porém, por algum motivo esquecidas, que tal realizarmos o nosso primeiro exercício e avaliarmos algumas áreas do seu matrimônio? É bem simples: Considerando uma escala de 01 a 10, que nota você daria para áreas listadas na imagem compartilhada abaixo? Seja sincero consigo mesmo e preencha os espaços até o número que você entende refletir a sua realidade. Não tenha vergonha e muito menos medo da verdade. Números mais baixos não inviabilizam o seu sucesso, apenas aumentam o **nosso** desafio. Topa o desafio? Bom exercício.



Ainda no propósito de entender a real situação do seu casamento, a proposta agora é que você dedique os próximos 10 minutos para a realização de um exercício de autopercepção do seu matrimônio. Vamos nessa?

O que é o meu casamento? Relacione 10 adjetivos que, na sua opinião, descrevem de maneira fidedigna o seu casamento. Por exemplo: intenso, turbulento, feliz, etc.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____

Como você gostaria que o seu casamento fosse? Relacione 10 adjetivos que você gostaria de usar para

descrever o seu casamento.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____

Que coisas que você gostaria de melhorar? Relacione 10 coisas que você gostaria de aprimorar o mais breve possível no seu casamento.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____

Agora, que tal meditar acerca da sua disponibilidade para este projeto? Ainda há tempo de ajustar o que é necessário para o melhor aproveitamento possível, mas só se conhecermos com clareza a sua real situação, ok? Vamos encarar mais este desafio?

N°	Perguntas	Sim	Não
1	Estou disposto a ouvir as necessidades de meu cônjuge?		
2	Estou disposto a ouvir e compartilhar minhas experiências?		
3	Sou capaz de ouvir atentamente a verdade do outro sem julgar?		
4	Sou capaz de ajudar minha esposa(o) em seus momentos de crise, por mais que eu não concorde com eles?		
5	Sou capaz de abrir um tempo na minha agenda para o meu casamento?		
6	Disponho-me a ser questionado?		
7	Estou disposto a rever minhas crenças, preconceitos e julgamentos?		
8	Sou capaz de me permitir novas experiências e conhecimentos?		
9	Sou capaz de guardar segredos?		
10	Sou capaz de ser paciente diante do tempo do meu cônjuge?		
11	Estou pronto para ouvir mesmo que isso me leve a um profundo confronto?		
12	Estou pronto para dar mais espaço para o outro?		
13	Sou capaz de aguardar o tempo do outro para tomar decisões conjuntas?		
14	Sou capaz de respeitar o tempo de recuperação da credibilidade e confiança?		
15	Penso sobre o futuro com otimismo e o compartilho desta maneira?		
16	Sou capaz de vencer meus próprios medos de exposição e me mostrar ao outro?		
17	Sou capaz de conduzir questões difíceis sem tornar a conversa um caos?		
18	Sou capaz de comemorar a conquista do outro mesmo que as minhas ainda não tenham chegado como gostaria?		

Nº	Perguntas	Sim	Não
19	Sou aberto a dar e receber feedbacks?		
20	Sei dizer não?		
21	Sei receber não?		
22	Tenho clareza do que quero ganhar neste treinamento?		
23	Estou física, emocional e espiritualmente preparado para esta jornada?		
24	Conheço os pontos fracos que podem me atrapalhar?		
25	Sou capaz de manter atitude positiva mesmo diante de alguns retrocessos?		
26	Sinto-me preparado para reabrir algumas feridas em busca da cura definitiva?		

Construindo bases sólidas

Josué 21:45

Mateus 5:27-28

Gálatas 5:19-21

Hebreus 10:23 e 13:4

1 Coríntios 7:27-28 e 6:17

Salmos 33:11

Números 23:19

Tiago 4:4

1 Tessalonicenses 5:23

Manual para entender as mulheres

Sei = Não acredito em nada

Tá = Pare de falar

Não é nada = Tem alguma coisa errada

Não fala comigo = Pede desculpa agora

Então vai = Não vai de jeito nenhum

De boa = Com raiva

Faça o que quiser = Se fizer morre

Manual para entender os homens

Sei = Entendi

Tá = Tá

Não é nada = Não é nada mesmo

Não quero falar = Quero ficar sozinho, na caixinha do nada

Então vai = Ainda tá aqui?

De boa = O problema é seu

Já vou fazer = Amanhã quem sabe



2

DIÁLOGO

É conversando que a gente se desentende

*“Não há diálogo, porém,
se não há um profundo amor ao mundo e aos homens.”
“Não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens.
Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar.
Fé na vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos,
Mas direito dos homens...”*

Paulo Freire

“A autossuficiência é incompatível com o diálogo.”

Paulo Freire

Neste capítulo, iremos falar sobre diálogo e a grande habilidade que muitos casais possuem de transformar conversas simples em uma verdadeira guerra, ou seja, uma habilidade incomparável de transformar uma conversa que tinha por objetivo inicial o entendimento, em um desentendimento generalizado.

Sabe aquela conversa que se começa falando de algo simples e trivial, e às vezes não tem nada a ver especificamente com o casal, mas que de repente se transforma em uma briga? Sabe aquela recorrente frase: “Mas não foi isso que eu disse”? E aquele diálogo que se transforma em um monólogo e depois de algum tempo vira simplesmente um silêncio total porque o desentendimento foi tão grande que agora o casal nem se fala mais durante um tempo? Quem nunca passou por uma destas situações que atire a primeira pedra, não é mesmo?

Preciso lhe dizer que isso não é um privilégio seu e, na realidade, acontece na maioria dos relacionamentos conjugais. E o pior é que, em geral, sabemos até por que isso acontece, mas no dia-a-dia desenvolvemos uma capacidade ímpar de anular o que sabemos e adotamos atitudes totalmente incompatíveis com as desejadas, simplesmente pelo fato de não controlarmos nossas emoções.

No entanto, isto pode ser diferente e este é o objetivo do segundo capítulo deste livro. Quero apresentar ferramentas que podem não só eliminar os conflitos de diálogos malconduzidos, como podem também impulsionar suas conversas para algo efetivamente prazeroso. A partir da mudança de algumas posturas e da aplicação de algumas ferramentas, almejo levá-lo a perceber que não há nada mais agradável do que um bom bate-papo com o seu cônjuge.

Só preciso que você esteja preparado para mergulhar em um oceano muito profundo chamado autoconhecimento e, ao retornar à superfície, provocar a sua mente para a adoção de um novo modelo mental: um modelo baseado na construção de pontes e não de barreiras. O exemplo a seguir pode ajudar a entender melhor.

Suponhamos neste primeiro momento que um casal é surpreendido pela notícia da reprovação escolar de um de seus filhos. A esposa aguarda o esposo chegar do trabalho e, antes mesmo que o marido consiga colocar seus objetos pessoais sobre o rack, a esposa, ainda enfurecida e com uma terrível sensação de fracasso, lança a bomba em alto e bom tom: “O seu filho reprovou na escola”. O esposo, por sua vez, ainda sem assimilar bem a notícia, mas já contaminado pelo tom adotado pela esposa responde: “Agora ele é meu filho? Na hora de fazer todas as vontades dele você não pensou que isso poderia acontecer?”

O caos está instalado. O problema real — a reprovação do filho — se tornou secundário e a discussão agora gira em torno do culpado e, por incrível que pareça, o filho sai de cena e os suspeitos passam a ser apenas os cônjuges.

Temos um exemplo claro de um diálogo que não consegue erguer pontes, todavia tem uma facilidade surpreendente para construir barreiras. Involuntariamente, este casal constrói, em fração de segundos, barreiras gigantescas que não apenas impedem uma conversa saudável, como também impedem o tratamento do real problema, a união de esforços para buscar uma solução, a adoção de uma postura equilibrada para a advertência do filho e, quiçá, a correção do que poderia ser corrigido, seja na postura do filho e até mesmo dos pais, se assim fosse necessário.

São inúmeros os exemplos de casais que fazem de um copo quebrado acidentalmente na cozinha uma terceira guerra mundial e não percebem que tais posturas não são as mais adequadas para quem deseja construir pontes entre pessoas, pensamentos e emoções.

E isso não acontece apenas nas relações conjugais. Estamos tratando especificamente desta área, mas não podemos nos abster de chamar a sua atenção para o quanto temos levado esta postura para outros ambientes, sejam estes profissionais, familiares, entre amigos, entre irmãos de fé e até mesmo com Deus.

Porém, para facilitar o seu entendimento, que tal analisarmos detalhadamente nosso exemplo?

“...A esposa aguarda o esposo chegar do trabalho e, antes mesmo que o marido consiga colocar seus objetos pessoais sobre o rack, a esposa...”

Pessoas que desejam construir pontes para diálogos equilibrados e sustentáveis esperam o melhor momento para realizar suas abordagens. Aprendemos em Eclesiastes 3 que há tempo para todas as coisas, inclusive tempo para calar e para falar. Todavia, em situações de estresse, simplesmente esquecemos desta instrução e lançamos toda nossa ansiedade sobre nosso cônjuge. Precisamos ser maduros para entender que, assim como uma semente plantada no tempo e no terreno errado reduz sua probabilidade de sucesso, um diálogo iniciado no tempo e no ambiente errado também está fadado ao fracasso. E, por falar em ambiente errado, que tal recordarmos a parábola do semeador narrada em Mateus 13? A Bíblia nos ensina que foram lançadas sementes em três tipos de solo: o rochoso, o espinhoso e o de terra boa. Somente o de terra boa cresceu e multiplicou-se por cem, sessenta e trinta. Jesus explica esta parábola aos seus discípulos e nos mostra que o solo pode ser entendido como o nosso coração. Até aí novidade nenhuma, não é mesmo? Mas

quero que você perceba que este estado de coração ou de espírito, como costumamos dizer, é extremamente situacional. Nem todos os dias estamos espinhosos, assim como nem todos os dias somos rochosos ou terra boa. Da mesma forma, não nos apresentamos para todos da mesma forma, para uns somos mais rochosos, para outros espinhosos e para alguns uma terra fértil. Precisamos romper com a hipocrisia e perceber que, apesar de não ser o esperado, o desejado nem mesmo o correto, nosso coração oscila bastante, principalmente quando não conseguimos preservá-lo como deveríamos (Provérbios 4:23) ou alimentá-lo com aquilo que nos dá esperança (Lamentações 3:21-24), não é mesmo?

Precisamos ser maduros para entender que um diálogo iniciado no tempo e no ambiente errado está fadado ao fracasso.

Casais que desejam estabelecer um nível de diálogo acima da média precisam aprender a lidar com algumas variáveis básicas: Tempo e Ambiente. Quanto mais eficientes formos na percepção destas variáveis, maior será a probabilidade de sucesso em nossas conversas. Controlando estas duas variáveis básicas, mesmo que de forma indireta, você está reduzindo a pressão, a temperatura e, por consequência, dará maior vazão às ideias que deseja compartilhar.

“...ainda enfurecida e com uma terrível sensação de fracasso...”

Uma pessoa que não consegue controlar suas próprias emoções é como um carro desgovernado. O acidente é inevitável e o prejuízo passa a depender de que tipo de obstáculo este carro irá encontrar pelo caminho. Em diálogos onde pessoas não conseguem gerir suas próprias emoções, o conflito também é inevitável e a intensidade dependerá única e exclusivamente da capacidade do outro de ser mais ou menos assertivo. Carros desgovernados que encontram um banco de areia pela frente tendem a ter as consequências do acidente minimizadas, todavia, para carros desgovernados que vão ao encontro de ribanceiras, as consequências com certeza serão mais severas. Os efeitos colaterais, as consequências, os prejuízos e as sequelas estão fora do controle e totalmente condicionados a fatores externos. Em Salmos 37:8 recebemos a instrução de evitar a ira, rejeitar a fúria e não nos irritarmos, mas nos parece mais oportuno aprofundar a reflexão na segunda parte deste versículo que, em algumas traduções, nos diz que isso só leva ao mal. Observe o verbo “leva”, pois ele reforça a nossa tese. Aquele que age movido pela fúria tem, de certa forma, “controle” da partida, mas não tem controle do seu destino, e a Bíblia nos ensina que o mal é certo. Se a proposta é um diálogo construtor de pontes, precisamos estar vigilantes para não começarmos discussões em condições onde as emoções estão desgovernadas. E se não foi você que começou a discussão, seja um pouco mais atento para entender o cenário ou as motivações que envolvem esta discussão. Quem entende a motivação consegue eliminar as barreiras que impedem a solução. Voltando ao nosso exemplo, você já parou para pensar que a reprovação pode estar sendo muito dolorosa, mas a sensação de fracasso pode ser ainda maior? Será que o objetivo ainda era tratar a reprovação ou confirmar a opinião do marido sobre o suposto fracasso dela enquanto mãe? Entender as motivações ajuda a perceber se o momento é de bater em retirada, colocar panos quentes, investir em uma negociação, lançar mão de força ou autoridade ou buscar a colaboração.

“O seu filho reprovou na escola”

Casais que estão inseridos no propósito de construir pontes por meio de seus diálogos não terceirizam seus problemas. Dizer *o seu filho*, pelo menos neste contexto, é o mesmo que transferir a responsabilidade, afirmar que o outro negligenciou em alguma coisa que o competia fazer, e isso edifica um obstáculo imensurável na conversa. Aciona-se automaticamente um sistema de defesa da outra parte. A crença de que a melhor defesa é o ataque ganha vida rapidamente e, mesmo antes de nos arrependermos da fala, já estamos inseridos em um insulto que aciona a reação da outra parte que por sua vez faz outro ataque. Quando nos damos conta, estamos inseridos em um ciclo vicioso de ataque e defesa. Casais que trabalham para um diálogo acima da média não retribuem o mal com o mal (Romanos 12:17) ou injúria por injúria, *“pois quem quiser amar a vida e ver dias felizes, guarde sua língua do mal e os seus lábios da falsidade”* (1 Pedro 3:10).

Frases como *“Se fosse eu...”*, *“Mas como você deixou isso acontecer”* e *“Por que você não me falou isso antes”* são terminantemente proibidas neste momento. Elas, em geral, são substituídas em nosso cérebro por algo do tipo: ELE ESTÁ DIZENDO QUE A CULPA É MINHA, QUE EU NÃO SEI RESOLVER, QUE SE FOSSE COM ELE ISSO NÃO TERIA ACONTECIDO. ISSO É UM ABSURDO... A contrapartida é automática: *“Na hora de você fazer todas as vontades dele você não pensou que isso poderia acontecer?”* Pronto, o ciclo está iniciado... a briga entrou em looping... o sistema travou... a esta altura o filho já está dormindo, a reprovação ficou para ser resolvida outro dia e os pais, que precisavam mais do que nunca estar unidos para resolver o problema, dormem brigados e, se não perceberem a armadilha em que se inseriram, no dia seguinte retomam a briga com os mesmos equívocos e trilham o caminho do divórcio após as inúmeras dificuldades de diálogo.

Enfim, para construir diálogos que aproximam os casais, que não caminham em direção de brigas intermináveis, que não deixam mal-entendidos para a próxima discussão e que impulsionam os cônjuges para a efetiva solução dos problemas de forma amorosa, paciente e equilibrada, você não pode deixar de conferir as seguintes dicas:

- a) *Eu tenho descoberto que, em sua maioria, pessoas não estão vivendo ao lado de pessoas erradas, mas em via de regra estão agindo de forma errada ao lado da pessoa correta.*

Você precisa entender que a informação por si só não pode mudar a sua vida, o que vai mudar é o uso dela. Imagine aquele navio carregado de ouro que afundou no Pacífico. É uma verdadeira fortuna, mas é uma fortuna que não serve de nada, afinal está no fundo do mar, inacessível. Assim também é o conhecimento sem aplicação. É por isso que a Bíblia diz que não devemos ser apenas ouvintes adquirindo conhecimento, mas praticantes.

- b) *“Mas ele(a) não percebeu o meu olhar? Mas ele(a) não sabe o que eu penso sobre isso?”*
Telepatia não é uma alternativa prudente.

Não culpe o outro por aquilo que não foi dito. Não sub ou superestime a capacidade do outro de entender o que não foi dito. Se é importante fale e, se quer alcançar êxito na comunicação, busque a melhor forma de comunicação para o outro. Inúmeras pessoas não conseguem transmitir a mensagem que desejam simplesmente porque estão tentando estabelecer diálogos em seus próprios modelos e esquecem que o objetivo de

uma boa comunicação é que a mensagem seja recebida e entendida pelo receptor. Diálogo bom é diálogo entendido. Seja criativo(a). Vale o esforço de tentar estabelecer um diálogo que garanta a atenção e o entendimento do seu cônjuge.

- c) *“Com sabedoria se constrói a casa, e com discernimento se consolida. Pelo conhecimento os seus cômodos se enchem do que é precioso e agradável,”* (Provérbios 24:3-4)

Invista em conhecimento sobre o assunto, mas não se esqueça de que o discernimento é o que consolida o lar, ou seja, a sua habilidade de colocar o seu conhecimento em prática, principalmente naqueles momentos mais desafiadores, mais complicados e em que você se encontra mais motivado a agir pela emoção. Tenho lhe apresentado uma série de conceitos e, por meio dos testes e exercícios realizados, tenho provocado o autoconhecimento, mas não posso aplicar este conhecimento por você. Acredito em um modelo de aprendizado que percorre os seguintes passos: Adquire-se o conhecimento, pratica-se o conhecimento, colhe-se os feedbacks, corrige-se o necessário e, por fim, reinicia-se o ciclo com novas práticas e correções.

- d) *“Vigiai e orai para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.”* (Mateus 26:41; ARC)

Agimos por fé na certeza de que seremos vencedores, mas isso não nos exime da instrução de vigilância e oração. O terreno ou o ambiente de conforto é extremamente perigoso, pois normalmente abrimos a guarda onde não deveríamos e nos deixamos vulneráveis a erros que normalmente não cometemos quando estamos mais vigilantes. A carne é fraca para a tentação, mas é bastante forte para nos levar a fazer o que não gostaríamos de fazer. Invista no modelo de aprendizagem que apresentei acima, mas entenda que ele não substitui tempo de oração de qualidade.

- e) *“Esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo.”* (Filipenses 3:13-14; ARA)

O passado é uma referência, o presente, uma oportunidade, e o futuro, uma consequência. Quem transforma o que era para ser uma referência em uma falsa oportunidade compromete o futuro e perde a incrível e única chance de viver o diferente. Com o conhecimento adquirido e tendo o coração disposto a construir uma nova história, siga em frente. Faça do passado uma referência, mas não uma prisão. Invista no presente e siga de fé em fé acreditando na colheita do futuro. Sabemos que não fomos muito assertivos quando olhamos para trás e, não é raro até nos envergonharmos em alguns momentos com certas lembranças. Porém, devemos mobilizar nossas forças para construir uma nova marca, afinal Deus ama quebrar nossas crenças limitantes e insiste em nos dizer que a primeira impressão não é a que fica, mas sim a identidade que conquistamos depois que conhecemos a verdade.

- f) *“Sabeis isto, meus amados irmãos; mas todo o homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar.”* ([Tiago 1:19](#); ARC)

Boa parte dos conflitos em que nos inserimos se dão pela nossa dificuldade em ouvir. Por isso, não deixe de avaliar o quão pronto você está para ouvir, pois talvez aqui resida a sua oportunidade de melhoria. Nem sempre os conflitos têm origens externas. Às vezes o inimigo somos nós mesmos. Já pensou nisso?

- g) *“Todas as opiniões são válidas, mas nem todas são necessariamente para você. Debater é diferente de convencer. Tolerar é diferente de concordar.”*

Estamos diante de verdades que, por mais duras que sejam, precisam ser debatidas e entendidas. Muitos diálogos se transformam em guerras porque achamos que precisamos discutir o indiscutível, ousamos sempre querer convencer o outro de opiniões que não precisam ser obrigatoriamente coletivas e, o que é ainda pior, confundimos tolerância com concordância. Vejamos alguns exemplos: *A esposa gosta de academia. O esposo gosta de natação. A esposa torce para o time A e o esposo para o B. O esposo prefere cinema e a esposa teatro.* Começam a conversar sobre estas preferências e de repente uma das partes começa a defender que sua opção é melhor. Até aí problema nenhum, você concorda? Mas o conflito normalmente começa quando uma das partes tenta convencer a outra ou impor ao outro sua verdade. Observe que não há certo e muito menos errado, mas nos enveredamos por um ambiente de conflito desnecessário na tentativa de convencimento e na dificuldade de entendimento de que todas as opiniões são válidas, mas nem todas são para mim. Percebam que uma briga é iniciada apenas por opiniões diferentes, mesmo que estas opiniões não impactem diretamente em nenhum princípio e/ou aspecto moral ou ético do matrimônio e, por mais ridículo que possa parecer, estamos diante de um fato corriqueiro em alguns matrimônios.

Casamentos, ao contrário do que muitos defendem, podem ser extremamente saudáveis em meio às diferenças, mas para isso faz-se necessário desenvolver o equilíbrio. Você vai à academia e eu à natação, mas no final comemoramos juntos nossos resultados com um saboroso shake. Você vai ao cinema comigo e eu vou ao teatro com você e no final curtimos duas experiências diferentes e juntos. Você torce para seu time e eu para o meu, mas ao avançar da noite nós seguimos para um clássico privado onde o empate é o placar mais desejado. Enfim, discordâncias não precisam terminar em confrontos.

- h) *“Ouvir é a premissa básica de toda e qualquer forma de comunicação.”*

“Quem responde antes de ouvir comete insensatez e passa vergonha.” ([Provérbios 18:13](#))

Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, os ruídos de comunicação, em sua maioria, não acontecem pelo que falamos, mas pelo que não conseguimos ouvir ou pela maneira como falamos. É na inabilidade de ouvir que dificultamos o entendimento, nos tornamos insensíveis para os detalhes, ficamos totalmente desconectados de quem fala e desperdiçamos o tempo de ouvir na busca de respostas antecipadas que, na verdade, talvez nem seriam necessárias se simplesmente ouvíssemos com ouvidos de quem quer resolver, de quem tem como premissa o amor pelo outro e de indivíduos que priorizam falar a linguagem de Deus.

Há uma frase que gosto muito de dizer e se aplica muito bem aqui: *“Amar a Deus não é o nosso maior desafio, porém amar o que Deus ama”*. Quem ama o que Deus ama com certeza ama as pessoas e, por consequência, busca sempre o zelo em suas colocações e atenção ao ouvir. Pense nisso e coloque seus diálogos conjugais em outro patamar, seja no reino humano e/ou espiritual.



PRATICANDO

Que tal realizarmos um exercício sobre conflitos e pessoas? É hora de você descobrir como administra os seus conflitos e onde há oportunidade de melhoria. Aquilo que não se percebe não se muda, então que tal investir em percepção?

A tarefa é bem simples. De forma tranquila e, se possível, trazendo à memória alguns exemplos recentes, indique na planilha abaixo as situações em que você normalmente bate em retirada, os momentos em que você coloca panos quentes, as ocasiões em que você parte para negociação (concessões mútuas visando um acordo), os momentos em que você busca a colaboração (as partes contribuem igualmente com ideias para a solução) e, por fim, aqueles problemas que você normalmente tenta resolver fazendo uso da própria força (seja esta autoridade, grito, poder, etc). Vamos lá? Bom exercício.

Como você agiria caso se encontrasse em conflitos interpessoais nas situações a seguir?
RETIRADA, PANOS QUENTES, NEGOCIAÇÃO, COLABORAÇÃO, FORÇA.

1. Quando qualquer solução serve.
2. Quando as habilidades se complementam.
3. Quando você não pode vencer.
4. Quando as duas partes precisam vencer.
5. Numa situação de “ou ele ou eu”.
6. Quando você é mais forte.
7. Quando você acha que o problema vai sumir sozinho.
8. Para manter a harmonia.
9. Quando você ganha com o atraso.
10. Quando duas pessoas ganham pelo menos o que queriam e talvez mais.
.....
11. Quando os outros têm a mesma força que você.
12. Quando há confiança.
13. Para atacar um inimigo comum (terceiro).
14. Quando você não ganha nada se estiver de acordo.
15. Para ganhar status, demonstrar poder.
16. Quando o relacionamento não é importante.
17. Quando você não pode impor sua posição.
18. Para ganhar tempo (apressar).
19. Quando você não está pronto.
20. Quando você não tem certeza de que está com a razão.

Questionário de auto avaliação: Tirando vantagem do conflito. Livro: Poder e Influência na organização - Paul Dinsmore. As respostas do pequeno teste encontram-se no final deste capítulo.

Agora é hora de descobrir se você é um bom ouvinte. Aquilo que não se percebe não se muda, lembra? A proposta é que você, de forma tranquila, indique em cada linha o seu comportamento diante destas situações. Ao final, some todas as colunas e descubra ao ler a resposta do teste que tipo de ouvinte você tem se mostrado, ok? Bom exercício!

Você é um bom ouvinte?	SEMPRE	QUASE SEMPRE	RARA-MENTE	NUNCA
1. Você permite que o outro se expresse sem interrompê-lo?	4	3	2	1
2. Você escuta nas "entrelinhas", procurando o sentido oculto das palavras, especialmente quando a pessoa usa linguagem de significado não claro?	4	3	2	1
3. Você se esforça para desenvolver sua habilidade de reter informações importantes?	4	3	2	1
4. Você registra os detalhes mais importantes de uma conversa?	4	3	2	1
5. Ao rememorar um acontecimento qualquer, você se preocupa com localizar e registrar os fatos mais importantes e as palavras-chaves?	4	3	2	1
Você é um bom ouvinte?	SEMPRE	QUASE SEMPRE	RARA-MENTE	NUNCA
6. Você repete para seu interlocutor os detalhes essenciais de uma conversa antes que ela chegue ao fim, visando confirmar o que foi entendido?	4	3	2	1
7. Quando conversa com outra pessoa, você começa a imaginar a resposta a qualquer colocação apenas quando o outro já expressou suas ideias?	4	3	2	1
8. Você evita se tornar hostil ou agitado quando o ponto de vista do seu interlocutor difere do seu?	4	3	2	1
9. Você ignora outros fatos paralelos à conversa quando está ouvindo?	4	3	2	1
10. Você sente e transmite um interesse genuíno pelo que o outro está dizendo?	4	3	2	1
TOTAL DAS COLUNAS				
TOTAL DOS PONTOS (somatório das 4 colunas)				

Questionário de auto avaliação: a arte de ouvir. Fonte: Luiz Augusto Costacurta Junqueira, Negociação: Tecnologia e comportamento, COP Editora, Rio.

ANEXOS

Resultado do exercício 01 - Tirando vantagem do conflito

1 R, PQ	2 C	3 R, N	4 N, C	5 F	6 F, N, C, PQ	7 R, PQ
8 R, N, C, PQ	9 R	10 C	11 N	12 C	13 C	14 N
15 F, N, C	16 F	17 N	18 N, F	19 R, PQ	20 N, R	

Resultado do exercício 02 – Você é um bom ouvinte?

Se você alcançou 32 ou mais pontos, significa que você é um bom ouvinte, alguém que desperta confiança e que sabe captar as ideias dos seus interlocutores.

Se alcançou de 27 a 31 pontos, você se encontra entre os ouvintes médios.

Se somou de 22 a 26 pontos, isto mostra a necessidade de uma prática consciente da arte de ouvir bem, a fim de superar algumas deficiências.

Se fez menos de 21 pontos, significa que, provavelmente, boa parte das mensagens que você escuta é deturpada e retransmitida com “interferência”.

Construindo uma base sólida

Eclesiastes 3

Mateus 13; 26:41

Provérbios 4:23; 24:3-4; 18:13

Lamentações 3:21-24

Salmos 37:8

Romanos 12:17

Filipenses 3:13-14



Na vida, você está sujeito a passar por
crise financeira, crise no relacionamento.
Você só não pode ter uma crise de
princípios.



3

DINHEIRO

Um recurso, não um pilar

Reservei este capítulo para falar sobre dinheiro e as crises enfrentadas por diversos casais diante da ausência ou até mesmo da abundância deste recurso. Exploraremos a inabilidade de alguns cônjuges em lidar com este assunto, seja no compartilhamento, no estabelecimento de prioridades, no uso ou não uso do mesmo, na ajuda aos familiares, nos possíveis controles ou descontroles, nos supostos excessos de trabalho para consegui-lo, nas ambições em níveis ou patamares distintos, nas diferenças salariais, enfim, tudo que gira em torno deste universo financeiro necessário para uma vida sustentável, porém que na prática, torna-se um obstáculo não apenas para uma vida equilibrada, como para o convívio, o diálogo, o entendimento e até mesmo a manutenção do matrimônio como um todo.

Temas como a tentativa de controle de uma das partes por meio do dinheiro, matrimônios estabelecidos por interesse e a dificuldade de muitos homens em lidar com esposas que são mais bem remuneradas do que eles, ainda persistem em muito mais lares do que podemos imaginar.

Minha proposta aqui é, como nos demais capítulos, apresentar ferramentas práticas à luz da Bíblia e até mesmo de outras áreas de conhecimento para que você consiga equacionar problemas nesta área e não permitir que aqui resida qualquer tipo de desconforto que lhe impulse a brigar e até mesmo pensar em divorciar. Quero lhe mostrar que estabelecer um casamento saudável independentemente da situação financeira é mais simples do que você pode imaginar. Ao contrário do que costumamos ouvir, dinheiro não traz felicidade. É isso mesmo que você ouviu. Para acreditarmos que dinheiro traz felicidade, precisamos ser coerentes e aceitar que a ausência dele, da mesma forma, elimina a possibilidade de sermos felizes. Pessoas, instituições, sociedades, projetos e até mesmo casamentos que têm o dinheiro como princípio da felicidade estão sujeitos de, na ausência dele, ver tudo ruir simplesmente por terem firmado coisas extremamente importantes sobre bases muito frágeis. *Quem confia nas suas riquezas cairá* (Provérbios 11:28). Não podemos insistir em perguntar por que casamentos acabam. Precisamos analisar o que nos uniu, pois assim perceberemos que, quando o que nos une é mais forte do que o que tenta nos separar, nosso casamento está imune ao divórcio.

Quando o que nos une é mais forte do que o que tenta nos separar, nosso casamento está imune ao divórcio.

Em outras palavras, se o que os uniu foi o dinheiro, se o respeito só lhe é dado porque você é o provedor, se a separação ainda não aconteceu porque uma das partes não tem como se sustentar sozinha, enfim, se o dinheiro deixou de ser um meio e se transformou em um pilar de sustentação do seu relacionamento, precisamos convir que ele está sustentado em um pilar extremamente frágil. Se medidas não forem urgentemente tomadas para corrigir este equívoco, corremos o risco de ver mais um matrimônio se desfazer por algo que não deve, ou pelo menos não deveria, corromper princípios como os do casamento vitalício, por exemplo.

Que tal analisarmos estas verdades a partir de um exemplo? Temos a oportunidade de conhecermos um suposto diálogo e, a partir dele, perceberemos quão assertivos, ou não, temos sido neste assunto.

Exemplo:

Esposo: Amor, que anel é este no seu dedo? Ele é novo?

Esposa: Comprei. Você gostou?

Esposo: Deve ter sido uma fortuna. Você sabe que não podemos gastar. Temos outras prioridades e, além disso, minha mãe está doente e pode precisar da nossa ajuda de uma hora para outra.

Esposa: Fulano, eu trabalho muito, minha posição exige que eu ande bem vestida e, além do mais, eu quis me fazer um agrado, não posso? E por falar na sua mãe, os seus irmãos não vão ajudar? Por que eu preciso me sacrificar enquanto seus irmãos continuam vivendo a vida deles como se nada estivesse acontecendo?

Esposo: Se sacrificar só por não comprar um anel? Não poderíamos deixar isso para outro momento? E quanto à minha mãe, se meus irmãos não ajudarem então eu a deixo morrer? É isso?

Esposa: Agora eu já comprei e chega desta conversa. Eu trabalho para isso. Não tenho culpa se eu consegui a promoção pela qual tanto batalhei.

Talvez a questão na sua casa não seja o anel, a pessoa que precisa de ajuda financeira não seja a mãe do seu cônjuge, quem sabe você (esposa) nem trabalhe e toda a provisão seja oriunda do trabalho de seu marido, mas respeitadas as devidas particularidades, lhe convido a analisar com bastante atenção este diálogo.

De maneira geral, pelo menos no primeiro olhar, somos tentados a dizer que o problema está no dinheiro e no seu suposto “dono”. Porém, queremos ir além desta análise superficial e identificar inúmeros equívocos cometidos neste breve diálogo, que podem nos levar a uma realidade totalmente diferente se forem devidamente corrigidos.

Vamos avaliar o nosso exemplo? Prepare-se para adentrar em áreas de turbulência pessoal, mas mantenha o cinto de segurança afivelado até o final da viagem. Tenho certeza de que teremos um pouso tranquilo e ferramentas suficientes para melhor aproveitar nosso destino. Seja bem-vindo ao nosso voo rumo a um ambiente onde dinheiro não é problema

para os casais.

*“Você sabe que não podemos gastar.
Temos outras prioridades...”*

Estamos diante de um tema que é extremamente desafiador: a chamada prioridade. Aquilo que exige de nós uma capacidade ímpar de realizar escolhas, de optar por uma coisa em detrimento de outra, mesmo que ambas sejam, pelo menos no primeiro momento, importantes aos nossos olhos. E, cá entre nós, se priorizar já é um desafio para uma pessoa só, imagina quão difícil pode ser quando esta priorização precisa ser feita conjuntamente! Duas pessoas com histórias, valores, crenças, emoções, personalidades, sonhos e objetivos diferentes que precisam de alguma forma estabelecer um modelo de priorização juntas. Complicou? Pois é. Esta é a realidade. A partir de recursos finitos e que, a partir do matrimônio, deixam de ser apenas de propriedade de uma das partes e passam a ser do casal e da casa como um todo, casais são inseridos em um desafio que a maioria deles não conseguia equacionar nem quando era solteiro: a chamada boa gestão financeira de seus recursos. Mas isso tem solução? Claro que sim! E acreditamos que esta solução resida no entendimento do que significa desejável, importante e indispensável. Vejamos:

O texto de 2 Crônicas 29 é uma boa referência neste tema. A Bíblia nos diz que o rei Ezequias, ao assumir o trono no **primeiro** mês do **primeiro** ano de seu reinado, reabriu as portas do templo do Senhor e as consertou, ou seja, diante de todas as supostas necessidades, ele priorizou reabrir as portas do templo e consertá-las. Outras demandas que lhe pareceram menos urgentes foram deixadas para um segundo momento. Ele simplesmente ponderou em meio a tantas demandas e percebeu que existiam coisas importantes, outras até desejáveis, mas que não seria inteligente adiar o que era indispensável. É exatamente aí que normalmente nos perdemos quando a proposta é a priorização. É a dificuldade de entender a diferença entre desejável, importante e indispensável.

Desejável – Tudo aquilo que queremos, mas se for adiado ou até não realizado não nos traz nenhum prejuízo, está no campo dos desejos. Eu até gostaria de morar na praia, mas se isso não acontecer não morrerei por isso. Eu gostaria de fazer uma viagem e percorrer toda a Europa, mas se isso não for possível, deixarei no campo do sonho sem nenhum tipo de frustração. Eu gostei muito deste anel, mas se a compra ficar para outro momento, não me causará nenhum tipo de frustração.

Importante – Tudo aquilo que precisamos fazer é efetivamente importante. Mas quando comparado com algum outro item poderia ser adiado, porém de forma alguma procrastinado. É importante fazer atividade física, mas se eu não fizer pela manhã e decidir deixar eventualmente para noite, não me trará qualquer tipo de consequência negativa. Eu preciso pagar uma conta, mas se o vencimento é para daqui há 10 dias, mesmo sendo importante, eu posso deixar para amanhã.

Indispensável – Vai além do importante. É o que podemos definir como importante e inadiável. É indispensável pagar aquela fatura do cartão de crédito que vence hoje e os juros são absurdos. É indispensável dar prioridade a um problema crônico de saúde. É indispensável consertar o pneu do carro agora, pois irei para o trabalho em 10 minutos e preciso dele.

Conseguiu entender a diferença? Tenho certeza que sim, mas, para aumentar o desafio, sugiro que compare algumas demandas e veja o quanto isso pode ficar mais desafiador no dia-a-dia:

Economizar dinheiro para um possível problema de saúde dos sogros ou aquela reforma tão esperada em casa. Se é um possível problema de saúde talvez possa esperar, concorda? Mas e se a doença chegar e não tivermos o dinheiro? De quem será a culpa? Teremos um possível conflito?

- Trocar de carro ou realizar uma viagem?
- Comprar uma roupa ou ir a um bom restaurante?

Conseguiu observar que esta chamada priorização está totalmente associada a valor? E aquilo que tem um determinado valor para uma pessoa não possui obrigatoriamente o mesmo valor para a outra. Portanto, aqui habita um grande obstáculo do casal: Priorizar conjuntamente em um ambiente onde os valores são diferentes.

Mas como assim? Alguém consegue fazer isso? Sim. É totalmente realizável desde que tudo seja previamente combinado e que concessões sejam feitas. Você já ouviu falar que o combinado não sai caro? Pois então, é fundamental que as partes envolvidas dediquem um determinado tempo para avaliar o todo, entender quão finitos são seus recursos (pouco ou muito finito) e por fim estabelecer um nível de diálogo em que ambas as partes estejam dispostas a ceder um pouco. É viável a partir do momento que a priorização não seja da parte de quem é a demanda: se a demanda é minha, ela é prioridade, mas se a demanda é sua, pode ficar para um segundo momento. Este é o típico modelo da “euritocracia”, ou seja, eu mereço tudo primeiro. É o ambiente onde não existem negociações e sim conflitos de interesses e, como consequência, vence o supostamente mais forte, o “dono” do recurso.

Casais inteligentes entendem que dinheiro não é problema e buscam junto potencializar seus recursos, por menores que sejam. Casais inteligentes não dizem não, apenas colocam seus sonhos nas prioridades devidas e mobilizam esforços conjuntos para que todas as priorizações sejam alcançadas.

Casais inteligentes entendem que dinheiro não é
problema e buscam junto potencializar
seus recursos.

Esposas e esposos inteligentes conhecem os valores, sonhos, objetivos e prioridades de seu cônjuge e não têm medo de compartilhar os seus, pois sabem que é a partir do pleno conhecimento um do outro que conseguirão alicerçar um casamento sólido.



PRATICANDO

Que tal realizarmos o nosso primeiro exercício? Vamos verificar se você conhece as

prioridades de seu cônjuge? Você sabe efetivamente o que tem mais ou menos valor para ele(a)? Vamos conferir agora!

A tarefa é bem simples. Indique na planilha a seguir o que tem mais valor para você. 1 indica valor mais alto e 22 valor mais baixo. Uma vez concluído, compartilhe com seu cônjuge e da mesma forma conheça os valores dele(a). Permitam-se descobrir um ao outro. Faça deste momento uma oportunidade de conhecimento conjunto e, a partir desta revelação, reveja suas posturas e corrija a rota de seu matrimônio onde necessário. Topa o desafio? Bom exercício!

Valores	Números de 1 a 22, onde 1 tem maior valor e 22 tem menor valor
Amizade	
Amor	
Atividade Física	
Conhecimento	
Crescimento	
Criatividade	
Dinheiro	
Disponibilidade	
Independência	
Mudança e variedade	
Paz	
Poder	

Valores	Números de 1 a 22, onde 1 tem maior valor e 22 tem menor valor
Prazer	
Prestígio	
Saúde	
Sucesso	
Voluntariado	
Sexo	
Lazer	
Consumo	
Privacidade	
Estabilidade	

“Eu trabalho muito, minha posição exige que eu ande bem vestida e, além do mais, eu quis me fazer um agrado, não posso? ...Não tenho culpa se eu consegui a promoção pela qual tanto batalhei.”

Agora que superamos o tema priorização, nos colocamos diante de outro ruído muito comum. O problema deixou de ser o dinheiro, o direito de propriedade e a dificuldade de priorização e passou a ser uma competição por quem trabalha e merece mais. A esposa questiona o suposto merecimento e não percebe que diante deste discurso abriu a oportunidade para um duelo insolúvel: quem é mais merecedor. Envereda-se pelo caminho da meritocracia como se o dinheiro estivesse obrigatoriamente associado a merecimento e/ou volume de trabalho. No entanto, você já percebeu que nem sempre quem trabalha mais, ganha obrigatoriamente mais? Já notou que dinheiro não está diretamente associado a merecimento? Mas ambientes de conflito nos impulsionam para comportamentos que nem sempre estão alinhados ao nosso conhecimento. Uma parte do nosso cérebro é sequestrada e somos levados a falar e pensar coisas que em situações normais não faríamos. A Bíblia nos ensina que bem-aventurados são os pacificadores (Mateus 5:9) e não é por acaso que paz, paciência, amabilidade, mansidão e domínio próprio estão entre os nove frutos do espírito descritos em Gálatas 5:22-23. O objetivo é que evitemos o ambiente de

conflito e depois não tenhamos que nos arrepender de coisas que falamos ou fizemos desnecessariamente. Porém a questão continua sobre a mesa. Quem merece mais? Quem trabalha mais? É chegada a hora de lembrar que, com o matrimônio, vocês se tornaram uma só carne (Marcos 10:8) e este princípio está acima de todas as áreas do matrimônio, inclusive a financeira. Quem vive sob o princípio de uma só carne entende que deixaram de ser dois e passaram a ser um para tudo, inclusive para o dinheiro. Se hoje ele ou ela ganha mais ou menos, isso não pode trazer qualquer tipo de conflito, afinal o todo foi dado por Deus aos dois. Da mesma forma, precisamos compreender que não há pecado algum em querer prosperar e, se o seu salário ou a sua renda é menor do que você gostaria, você tem todo o direito de buscar se desenvolver, galgar novas posições, crescer e prosperar. Só não podemos esquecer que isso não o fará melhor ou pior do que seu cônjuge, não o fará mais ou menos importante na relação, não lhe conferirá mais ou menos autoridade sobre o outro. Enfim, vocês continuam sendo uma só carne onde cada parte apenas assume papeis e responsabilidades diferentes, porém para com o todo.

Vocês se tornaram uma só carne e este princípio está
acima de todas as áreas do matrimônio, inclusive a
financeira.

Ainda neste trecho do diálogo que tomamos como exemplo, temos outro equívoco gravíssimo: o esquecimento de que o único que não muda, ontem hoje e eternamente é Jesus Cristo (Hebreus 13:8). As circunstâncias, as posições, os cargos, os salários e todo o restante são totalmente mutáveis. Não é raro algumas pessoas confundirem sua identidade com a posição social, o cargo e a função que exercem. Em meio a esta confusão, começam a perder sua verdadeira identidade e adotam padrões de comportamento únicos para pessoas diferentes. Levam o perfil gestor para o casamento, por exemplo, e querem que a outra parte se adapte incondicionalmente. Posições exigem sim algumas posturas, um certo padrão de vestimenta, alguns vocábulos e jargões típicos do ambiente em que está inserido, mas isso não define a sua identidade. Precisamos entender que não somos o que exercemos, da mesma forma, não somos o cargo que ocupamos e, por mais satisfatório que tudo isso possa lhe parecer, será temporário. O que não pode ser temporário é o casamento. Vocês não são uma só carne até um determinado período. Enquanto cristãos, nós defendemos a bandeira de casamentos monogâmicos, heterossexuais e **vitalícios**.

Casais dispostos a viver milagres na área financeira entendem que há tempo para todas as coisas, inclusive para um ganhar mais do que o outro. Como são uma só carne, precisam viver este momento de forma cooperativa e se preparar para viver outras fases com a mesma sabedoria e dignidade. Celebram a conquista do outro e não percorrem o caminho da disputa e concorrência entre si. Entendem que nada é mais importante que seu matrimônio e que, quando tudo passar, os filhos crescerem, a aposentadoria chegar, as dores da velhice começarem a incomodar e a vida parecer estar próximo do fim, somente aquele(a) que aceitou a proposta de se unir a você em matrimônio estará ao seu lado até que a morte os separe. Pense nisso. Casamento é uma bênção do Senhor e as bênçãos do Senhor não trazem dor, você lembra? Se dores estão sendo vividas, reveja suas atitudes. É tempo de recomeçar.

Casamento é uma bênção do Senhor e as bênçãos do Senhor não trazem dor.

“E por falar na sua mãe, os seus irmãos não vão ajudar? Por que eu preciso me sacrificar enquanto seus irmãos continuam vivendo a vida deles como se nada tivesse acontecendo?”

Com o matrimônio, homem e mulher, se unirão, deixarão seu pai e sua mãe e se tornarão uma só carne (Gênesis 2:24). Este é um versículo extremamente conhecido, mas que na prática serve de justificativa para algumas pessoas simplesmente virarem as costas para as dores e problemas de seus pais. O matrimônio estabelece o início de uma nova família, mas não tem a proposta de extinguir o princípio da gratidão, do amor ao próximo e da responsabilidade com nossos pais. A instrução é que honremos nossos pais (Êxodo 20:12) e honra vai muito além de estar presente nos momentos felizes, dar bons presentes e registrar em seus discursos sua gratidão.

Danny Silk nos ensina em seu livro *Cultura da Honra* (Chara, 2018) que a honra é uma ferramenta com alta capacidade de unir pessoas, e ela só consegue continuar fluindo em nossas vidas na medida em que aprendemos a reconhecer os **papéis e unção** dados por Deus a todas as pessoas e as liberarmos para atuar neles e, depois, recebemos o que elas têm a dar. Segundo Silk, diversas unções contribuem, cada uma ao seu modo, para algo inteiramente único no projeto de trazer o Céu à terra, e isso requer uma atitude de honra (e não de democracia) que diz: “Você tem algo que eu não tenho, e preciso do que você tem”. Ele ainda nos faz perceber que a honra tem passado por tempos difíceis em nossa cultura, afinal a independência é priorizada em detrimento da honra coletiva e, mesmo sem perceber, abdicamos do direito de ver o Céu descer e o poder de Deus se manifestar através de ações que foram confiadas a cada um de nós de forma pessoal e intransferível.

Casais que discutem sobre as responsabilidades para com seus pais, sejam do esposo ou da esposa, além de ferirem seriamente o princípio da honra precisam estar atentos ao que estão ensinando aos seus filhos. Não podemos esquecer que existe outro princípio regendo toda esta história: o princípio da sementeira. Somos livres para escolher as sementes que lançamos, mas não temos a mesma liberdade para escolher o que vamos colher. Não podemos plantar banana e querer colher laranja. Da mesma forma, não podemos dar exemplos negativos para nossos filhos e depois esperar que eles tenham um comportamento diferente conosco em nossa velhice, concorda?

É lógico que minha intenção aqui não é impulsioná-lo a cuidar de seus pais apenas para dar um bom exemplo para seus filhos e por se preocupar com o próprio futuro. Isso seria muito pobre, mas também não podemos deixar de registrar o impacto de algumas ações no processo educacional dos filhos e na alimentação de maldições que são arrastadas simplesmente pela manutenção de posturas inadequadas.

Algumas maldições são perpetuadas simplesmente por posturas equivocadas. Por mais incrível que possa parecer, pessoas acostumam com alguns erros de tal forma que com o tempo nem os julgam mais como errados. Muitas vão aos cultos, oram por libertação e alcançam a graça que pediram, mas mal acaba o culto, olham para seu pecado e dizem: “Vamos para casa que o culto já acabou”.

Casais que almejam prolongar seus dias, que desejam dar bons exemplos aos seus filhos,

que conhecem e praticam o princípio da honra e desejam aproximar de sua casa as bênçãos do Senhor, estão atentos às suas responsabilidades com seus pais e sogros. Valorizam, respeitam, se preocupam e zelam pelo bem-estar daqueles que tiveram uma participação especial na geração desta bênção que hoje podemos chamar de marido e/ou mulher. Casais que prezam pela cultura da honra que herdamos de Cristo não medem esforços para construção de um ambiente que gera vida, esperança, honra e destino, mesmo que para isso precisem rever suas prioridades, matar a própria carne, retirar os olhos das coisas da terra e recolocá-los no lugar de onde nunca deveriam ter saído: as coisas do céu.

Enfim, todos nós podemos construir um relacionamento em que o dinheiro não seja um problema. Coloque em prática o que discutimos aqui e você de fato verá a paz de Deus inundar essa área do seu casamento. Para fechar este capítulo com chave de ouro, deixo seis dicas sobre o tema para você refletir e aplicar na sua vida.

1. *“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.”* (Lucas 16:13; ARC)

Nós falamos ao longo deste capítulo que casamentos não deveriam estar fundamentados sobre o pilar que chamamos de dinheiro. Em outras palavras, dissemos que casamentos unidos pelo dinheiro, ou cuja felicidade está sendo atribuída a sua presença, estão edificados sobre bases fracas e estão muito propensos a ruir em uma possível ausência desse recurso. Mas aqui queremos ser um pouco mais enfáticos. O texto bíblico nos diz que não podemos **servir** a dois senhores: o Dinheiro e a Deus. Partindo do princípio que a palavra servir no original grego “*doulos*” pode ser aplicada ou traduzida como “*escravo*”, podemos transcrever a frase inicial da seguinte forma: “Ninguém pode ser escravo de dois senhores”. Casais que almejam retirar as correntes da sua vida financeira, que desejam efetivamente ter o dinheiro como uma bênção e não como uma maldição, precisam entender que não podem ser escravos do dinheiro. Faz-se necessário compreender quem controla quem: Eu defino o que farei com meu dinheiro ou ele define quem eu sou? Pessoas com mentalidade de escravo tendem fazer dos outros também escravos. Como diria Paulo Freire, o sonho do oprimido é um dia ser opressor. Aquele que é escravo do dinheiro quer fazer de seu cônjuge também um escravo. Mas como vencer isso? Quebrando a maldição. Reatribuindo o senhorio da sua vida para quem de direito. Assumindo uma posição ou uma postura de quem sabe da importância do dinheiro, mas entende que mais importante é o seu verdadeiro proprietário, Deus, e todos os Seus princípios e mandamentos. Entendam: Não é proibido e muito menos pecado desejar sucesso financeiro, desde que não esqueçamos que Deus é o dono de tudo. Ele não só tem a chave do cofre, mas é seu proprietário. Não dá para desejar a honra e a riqueza que vêm das mãos de Deus se não O desejarmos antes.

2. *“Quem confia nas suas riquezas cairá, mas os justos reverdecem como a folhagem.”* (Provérbios 11:28; ARA)

Dinheiro não é a melhor coisa do mundo e muito menos segurança. Casamentos sólidos são construídos sobre a rocha e esta rocha não é o dinheiro, mas sim a união, a autorização e as bênçãos derramadas por Deus. Quando o foco está no lugar errado não

é possível prosperar.

Daniel Goleman nos ensina em seu livro *Foco* (Objetiva, 2014) que, em uma era de distrações intermináveis, precisamos aprender a aprimorar nosso foco se quisermos prosperar no mundo complexo em que vivemos. Ele complementa: *“Foco é uma ferramenta essencial, é o que diferencia um especialista de um amador, de uma pessoa de sucesso para uma de desempenho mediano.”* Quem tem foco esquece a paisagem que o cerca, por mais tentadora que seja, e persegue seu propósito. Casais focados na construção de um casamento alicerçado em princípios bíblicos não perdem tempo brigando por causa de dinheiro ou qualquer outra coisa que os distancie um do outro. Casais focados em Cristo são perseguidos por suas bênçãos e veem suas folhas reverdecerem a cada manhã.

3. *“Melhor é o pouco, havendo o temor do Senhor, do que grande tesouro onde há inquietação.”* (Provérbios 15:16; ARA)

Ao contrário do que muitos imaginam, a abundância financeira não é sinônimo de sucesso matrimonial. Se abundância financeira fosse garantia de sucesso, não teríamos os recorrentes exemplos de pessoas extremamente bem-sucedidas financeiramente com suas vidas conjugais destruídas.

No relacionamento com Deus não há sucesso a qualquer preço. Não vale tudo em nome da prosperidade. Quando a proposta é vida com Deus, melhor é o pouco havendo o temor do Senhor do que grande tesouro onde há inquietação. Casais que entendem este ensinamento sabem que não adianta sacrificar a família em nome do trabalho por muito tempo, não adianta expor sua casa àquilo que desagrada a Deus em troca de um pouco mais de dinheiro, não vale a pena sacrificar princípios em nome de uma renda maior, mesmo que seja muito maior. Casais sábios, ou seja, que temem o Senhor, sabem que para cada um de nós foi reservada uma medida diferente e não é prudente buscarmos além do que somos capazes de administrar simplesmente para atender padrões sociais pelos quais somos influenciados diariamente. Casais que temem a Deus sabem que a prudência consolida a casa e não abrem mão desta característica em nome de prazeres momentâneos, sejam estes quais forem.

4. *“Se quiserdes, e me ouvirdes, comereis o bem desta terra.”* (Isaías 1:19; ARC)

Casais de sucesso sabem onde buscar sua prosperidade. Entendem que não há riqueza que não provenha do Senhor, não se eximem de suas responsabilidades diante dos homens e no secreto buscam ouvir a voz de Deus. Relacionamentos prósperos ouvem a voz de Deus, buscam direção através da oração e lançam sua ansiedade, inclusive financeira, aos pés do Senhor. Quando fazem isso, tornam a promessa acima realidade em suas vidas, comem o bem desta terra e surpreendem os ímpios com sua prosperidade.

5. *“Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus.”* (1 Coríntios 10:31; ARA)

Casais que almejam eternizar as bênçãos de Deus em seu lar, quando prosperam, ficam atentos e não usam sua riqueza, seu dinheiro e sua prosperidade para aquilo que não glorifica o nome de Deus. Sabem que estão gerenciando algo que não lhes pertence, logo não desperdiçam nenhum dos talentos que lhes foram confiados com ações que

desagradam a Deus.

6. *“Não posso me dar o luxo de ter um pensamento em minha mente que não esteja na mente Dele.”* Bill Johnson

Por fim, cônjuges, pessoas, casais, esposos e esposas que buscam comer o melhor desta terra sem perder sua salvação, não se dão ao luxo de ter um pensamento diferente da mente de Jesus. São pessoas que entenderam o que significa ter a mente de Cristo (1 Coríntios 2:16).

Construindo uma base sólida

Ageu 2:8

Provérbios 11:28; 10:22; 15:16

Mateus 5:9;

Marcos 10:8

Gálatas 5:22-23

Hebreus 13:8

Êxodo 20:12

Lucas 16:13

Isaías 1:19

1 Coríntios 10:31; 2:16



Tem gente que veio ao mundo
só para testar o nosso 70x7!



4

CREDIBILIDADE

É possível recuperá-la?

*“A confiança envolve assumir riscos,
e os riscos devem ser assumidos com sabedoria.
Mas confiar também é se abrir para novos mundos.”*

Fernando Flores

Ex-Ministro da Fazenda do Chile
*“Nunca ficamos tão vulneráveis como
quando confiamos em alguém.
Mas, paradoxalmente, se não formos capazes de confiar,
tampouco conseguiremos encontrar... alegria.”*

Walter Anderson

A proposta agora é falar de credibilidade ou de sua perda, e não podemos fazê-lo sem abordar temas como traição, medo, perdão, confiança, culpa, arrependimento e mudança, por exemplo.

Estamos diante de um capítulo que certamente tocará em áreas dolorosas, lembranças desagradáveis, assuntos que remetem a momentos de dor e que, com certeza, você deseja mais do que ninguém que não existissem. Porém, lembre-se de que não conseguimos consertar aquilo em que não podemos mexer, não conseguimos fazer as intervenções que precisamos se não temos liberdade para fazer as incisões necessárias, não fazemos de um limão uma limonada sem antes espremê-lo.

Por isso, eu o convido a confiar. Por mais difícil que seja após as decepções experimentadas, considere o pensamento de Frank Kane: *“Você pode ser tapeado se confiar muito, mas viverá atormentado se não confiar o suficiente”*.

Vamos iniciar a nossa jornada?

Suponhamos, neste primeiro momento, o diálogo abaixo. Se necessário, faça as devidas adaptações e/ou transições para a sua realidade. Tenho certeza de que isso irá ajudar você a entender melhor a situação e adotar posturas que podem alterar os seus resultados.

Esposa: Você não poderia ter feito isso comigo. Como você pôde cometer um erro desse?

Esposo: Você é santa? Nunca errou? Só eu que erro nesta relação. Eu sou o culpado por tudo!

Esposa: Mas este erro é inadmissível!

Esposo: Mas eu já pedi desculpas. Você vai ficar voltando neste assunto o tempo todo?

Esposa: Vou sim. Quem faz esquece, mas quem sofre não esquece não. Eu tenho coração. Você acha que é fácil esquecer uma coisa dessa?

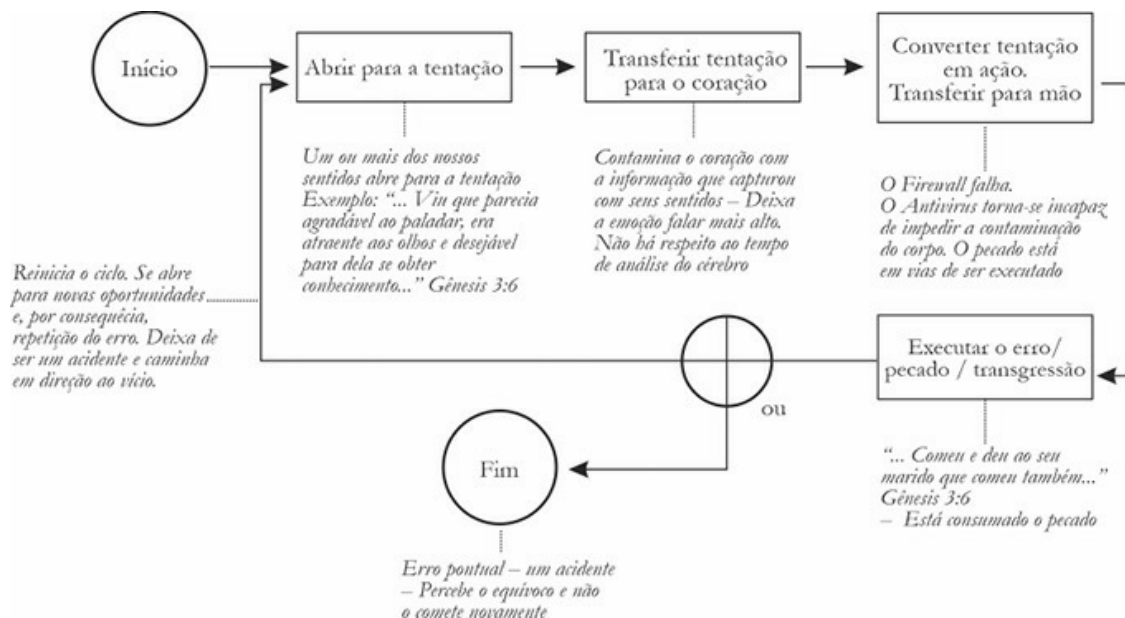
Poderíamos escrever mais umas duas páginas com o diálogo acima. As próximas falas provavelmente entrariam no seguinte fluxo: a) A esposa defendendo seu ponto de vista, sua dor e decepção. b) O esposo, que já pediu desculpas, querendo sair deste processo de acusação e insistindo que já pediu desculpas, ou seja, já fez sua parte e agora só falta ela fazer a dela (na opinião dele, perdoar). c) A esposa explicando o quanto é difícil, o quanto é doloroso e, provavelmente, em algum momento fará a conhecida pergunta: “E se fosse você? Queria ver se fosse eu que tivesse cometido este erro. Você estaria calmo desse jeito? Já teria me perdoado?” d) Então ambas as partes começam a lembrar erros do passado para justificar seus pontos de vista e a briga toma um rumo que parece interminável.

Infelizmente, cenas como esta são muito comuns em matrimônios normais como os nossos. Nossos? Sim. Todos nós estamos sujeitos a discussões como estas. Uns conseguem perceber o erro e interrompem o fluxo da briga mais rápido, porém outros, menos preparados, deixam a coisa fluir de tal maneira que acumula resíduos irreparáveis.

Mas, para facilitar o seu entendimento, que tal analisarmos detalhadamente o nosso exemplo?

*“Você não poderia ter feito isso comigo?
Como você pôde cometer um erro desses?”*

Torna-se necessário aqui analisar o **ciclo do pecado**: como pessoas normais como nós somos levadas ao erro, seja ele pontual ou recorrente. Observe o esquema a seguir:



Você já deve ter notado, ao observar o esquema acima, que tomamos como base um texto extremamente conhecido para apresentar o que chamamos de ciclo do pecado: o relato da queda de Adão e Eva. Como todos nós sabemos, estamos diante do primeiro casal

da Bíblia. Homem e mulher que tiveram o privilégio de viver no paraíso e dar início à história da humanidade, mas indivíduos que, por conta de suas escolhas, são sempre lembrados por nós como aqueles que fizeram o pecado entrar no mundo e, com isso, administramos até hoje consequências que simplesmente não teríamos se a narrativa fosse diferente. Não é esta a história que conhecemos? De forma bastante resumida talvez possamos dizer que a história é assim. A Bíblia nos diz em Romanos 5 que por um homem entrou o pecado no mundo.

De forma brilhante, o Espírito Santo não permitiu que fossem omitidos da Bíblia os equívocos de seus personagens. Mesmo homens como Abraão, Noé e Davi, grandes exemplos para nossa inspiração até os dias atuais, tiveram seus deslizes registrados neste livro que chamamos de manual de fé. Temos certeza de que estes relatos não estão lá por acaso. Eles possuem o propósito de nos mostrar que mesmo heróis da fé como Abrão e Noé e homens com o coração segundo o de Deus, como Davi, são sujeitos a erros e, a partir do relato destes erros, temos a oportunidade de construir histórias particulares mais, ou menos, assertivas.

Voltando ao relato da queda de Adão e Eva, sabemos que, em determinado momento, a serpente, a mais astuta dos animais selvagens, apresentou uma tentação à Eva: comer do fruto que Adão havia sido orientado a não comer. Diante desta provocação da serpente, Eva não conseguiu blindar seus sentidos, neste exemplo específico, audição, visão e paladar, e permitiu que estes capturassem e transmitissem mensagens de alta periculosidade para seu coração. Em seguida, sem dar muito tempo para o cérebro pensar e sem ao menos investir alguns segundos no compartilhamento da dúvida com seu marido, Eva deixou aquela mensagem impulsionar seu coração, sua alma ou seus desejos liderarem seu corpo e impulsioná-la para aquele momento no qual a tentação é transformada em ação. Vemos que, a partir deste momento, Eva come do fruto proibido e ainda convence seu marido a fazer o mesmo e, pelo que tudo indica na Bíblia, sem esboçar resistência nenhuma.

Chegamos então ao ciclo do pecado: 1) Abrir-se para a tentação; 2) transferir a tentação para o coração; 3) converter tentação em ação; 4) executar ou consumir o pecado.

Conseguiu compreender? É exatamente assim que pessoas normais cometem erros. Quanto a ter sido com você, por mais difícil que seja, acredite que não foi pessoal. Apenas uma dura realidade: Só ferimos aqueles que estão próximos, e só somos feridos por aqueles com os quais nos importamos.

Que tal lembrar de alguns erros que trazemos em nossa memória e avaliarmos se o ciclo que acabamos de apresentar não se aplica também à sua história? Observe que ele se aplica perfeitamente ao relato do adultério de Davi com Bate-Seba. Veja que, da mesma forma, se encaixa perfeitamente nos equívocos de Sansão e até mesmo na traição de Judas.

Você precisa entender este ciclo. Acredito que este conhecimento é uma ferramenta poderosa de detecção do risco iminente. Tendo o risco detectado e a ajuda do Espírito Santo, você estará revestido de uma armadura que minimizará consideravelmente o seu risco.

“Fuja do tentador enquanto é tempo. Acima de todas
as coisas, guarda o teu coração.”

Minimizará? Como assim? Ainda corro algum risco depois deste conhecimento? Preciso

ser sincero com você da mesma forma que conto com a sua sinceridade. O risco continua presente. Ele aumenta ou diminui na medida que você desenvolve uma habilidade específica: a resistência. Como já falamos em outros capítulos, o conhecimento precisa estar alinhado a habilidades e atitudes específicas para construir os resultados que precisamos. Conhecer o ciclo do pecado e saber que o Espírito Santo que nos foi entregue é capaz de nos convencer do pecado (João 16:8-9) não nos exime de ser hábeis para resistir e ter atitude para lutar contra nossa carne. *“Mas eu não consigo... Já vi tanta gente mais forte do que eu tentar e não conseguir! Quando eu vejo, já fiz... não sei o que acontece... é mais forte do que eu”*. Estes são pensamentos e discursos típicos de pessoas que não estão alcançando o resultado desejado em suas inúmeras tentativas. Para este grupo, nós queremos dar uma dica de ouro: Lembre-se do texto de Tiago 4:7 que diz: *“Sujeitai-vos, pois, a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”* (ARC). Observe que o texto não pede que resistamos à tentação. Ele pede que resistamos ao tentador. O autor de alguma maneira está nos dizendo que, uma vez a tentação inserida no nosso coração, teremos muito mais dificuldade para interromper o ciclo de transformação da tentação em ação. A melhor maneira é combater o problema no início do ciclo e simplesmente fugir do tentador. Se Davi tivesse fugido da imagem de Bate-Seba tomando banho, ele provavelmente teria sido mais feliz nesta história. Se Eva não tivesse dado ouvido à serpente, ela teria fugido do tentador e não teria iniciado o ciclo que apresentamos. Precisamos entender que não foi à toa que Jesus disse em Mateus 5:27-28: *“Ouvistes o que foi dito: ‘Não cometerás adultério’. Eu, porém, vos digo: Todo aquele que olhar para uma mulher, com o desejo de possuí-la, já cometeu adultério com ela no seu coração”*. Ele, de forma bastante simples e direta, estava dizendo: Não deixe chegar no coração. Fuja do tentador enquanto é tempo. Acima de todas as coisas, guarda o teu coração (Provérbios 4:23).

Conseguiu compreender? Percebeu que não basta apenas conhecer o ciclo e reconhecer o poder do Espírito Santo? Há uma habilidade que ninguém pode adquirir por você: a resistência. E, sem querer trazer desânimo, a sua postura e a maneira com a qual você resiste ao seu tentador irão definir o interstício entre uma investida e outra, o tempo que ele levará para retornar com esta tentação que, pela observação, ele já sabe que é algo capaz de desviar você de uma conduta reta e aprovada.

Há uma habilidade que ninguém pode adquirir por você: a resistência.

“Você é santa? Nunca errou? Só eu que erro nesta relação. Eu sou o culpado de tudo!”

Temos em mãos neste momento uma pessoa que infelizmente ainda não percebeu a gravidade da sua ação diante de sua esposa. Na tentativa de mostrar que o erro não é tão grave assim, vai até buscar no passado, às vezes bem remoto, algum exemplo que, segundo ele, o torna menos culpado.

Este personagem (que certamente pode ser eu e você em muitos momentos) está acreditando que dois erros farão um acerto, ou seja, encontrar um erro maior que o meu tornará a minha ação pequena e interromperá esta briga. Um grande equívoco. De certa forma, ele está ainda tentando dizer para si mesmo que não é o monstro que sua esposa está pintando (mesmo às vezes realmente sendo). Relembrar erros do passado só irá aumentar o problema e reativar feridas que supostamente estavam em processo de cicatrização pelo tempo. Mas qual a solução? Reconhecer a culpa. Como veremos mais à

frente, reconhecer a culpa nos insere em fluxo em direção ao arrependimento e, no mínimo, irá levar a conversa para outro ambiente: a busca pela reparação do erro. Você precisa romper aquelas mentiras recorrentemente ditas na sociedade e que, de certa forma, viraram verdades para alguns indivíduos: “*Negue até o fim. Não assuma*”. Isso não é apenas uma mentira, é uma postura que denuncia um sério desvio de caráter.

Relembrar erros do passado só irá aumentar o problema e reativar feridas que estavam em processo de cicatrização.

“...mas este erro é inadmissível!”

A partir deste momento, uma das partes defende a tese de que existem erros admissíveis e erros não admissíveis. Em outras palavras, existem erros que eu consigo entender e perdoar, mas existem aqueles que não dá para negociar. E isso não é verdade? Sim. É verdade. Provavelmente, o que está faltando na informação é que esta avaliação é pessoal e intransferível. O que é admissível/inadmissível para uma pessoa não é obrigatoriamente admissível/inadmissível para outro indivíduo, pois pessoas diferentes possuem concepções do mundo diferentes e são fortemente influenciadas por seus valores, sua cultura, sua criação, etc. Uns não toleram um grito da outra parte, outros já entendem que a gota d'água seria uma agressão verbal em público, mas também existem aqueles que defendem que tudo isso é tolerável desde que não haja agressão física. Alguns indivíduos entendem que adultério é a consumação do fato com o ato sexual, outros acreditam que uma simples troca de olhar já basta. Existem aqueles que, você concordando ou não, julgam que existem mentiras justificáveis, mas na outra ponta desta corda também existem pessoas que não negociam com mentiras, sejam elas as menores possíveis.

O que a esposa está dizendo neste momento é que, para ela, este erro é inadmissível e não dá para o esposo dizer o contrário. Tentar minimizar o erro só aumentará a fúria da esposa. A melhor solução novamente é assumir o erro e pedir desculpas. “*Mas eu pedi e não adiantou!*” Esta é outra frase muito comum, infelizmente. Você agora precisa ter a mesma coragem que teve ao cometer o erro, porém desta vez para lidar com o tempo que seu cônjuge precisará para digerir o que você fez.

Ao dizer que existem acidentes imperdoáveis,
podemos estar definindo uma sentença alta demais
para nós mesmos.

Todavia, já que estamos tratando de tipos de erros, não posso deixar de alertar que existem dois tipos de erros com muito menos subjetividade que o que vimos como admissíveis e inadmissíveis:

1. O acidental, pontual, sem repetição, um deslize em meio a uma vida de retidão, um acidente de percurso.

2. O recorrente, feito mais de uma vez, aquele que já virou hábito ou vício.

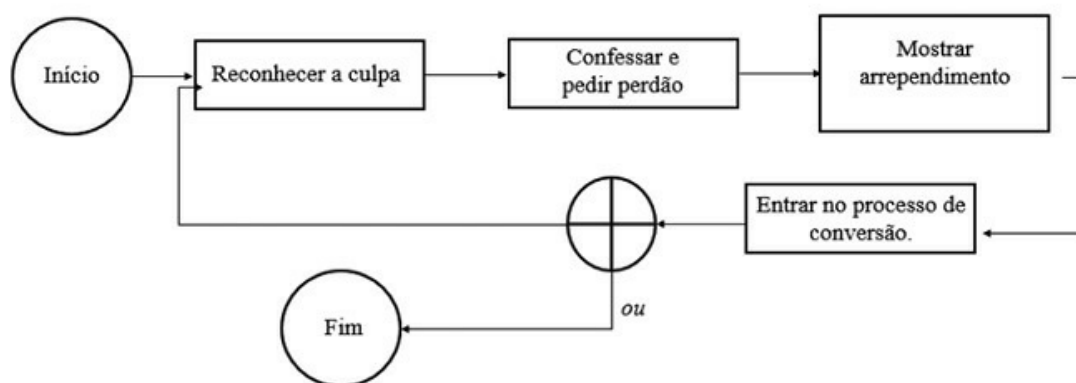
O ciclo em ambos os casos é o mesmo. A grande diferença é que algumas pessoas, ao

término de um ciclo de pecado, conseguem evitar a repetição enquanto outras enveredam pelo mesmo ciclo repetidamente, de modo que a ação vira um vício ou um hábito. Neste segundo caso, é possível afirmar que estamos diante de uma pessoa que é escrava do pecado. Talvez seja desnecessário dizer que situações diferentes merecem tratamentos diferentes, pois não podemos, ou pelo menos não deveríamos, adotar a mesma postura diante daquele que comete um acidente e daquele que chamamos de escravo do pecado. Por mais que achemos que existem acidentes imperdoáveis, precisamos ser maduros para entender que todos nós, em algum momento da vida, cometemos algum acidente, seja ele ao seu modo de ver grave, gravíssimo ou leve. Ao dizer que existem acidentes imperdoáveis, podemos estar definindo uma sentença alta demais para nós mesmos.

“Pessoas boas odeiam pessoas más por serem más, mas acham justificável serem más com os maus. Quem somos afinal? A cultura do cancelamento é uma guilhotina desembastada: um dia, todos seremos cancelados. Ninguém perde por esperar...”

Cora Rónai – Jornal O Globo de 26/02/2021

Agora já temos condições de tratar de outro ciclo. O ciclo de **recuperação do relacionamento (com Deus e com o seu próximo) e da credibilidade.**



Vejamos cada uma destas etapas de forma detalhada. Se revermos algumas crenças limitantes sobre o tema, teremos todas as ferramentas necessárias para ressuscitar aquilo que julgamos morto, para reanimar aquilo que já julgamos falido, enfim, para recomeçar.

1) Reconhecer a culpa:

- a. Este ciclo começa obrigatoriamente após o do pecado, mas apesar de ser obrigatoriamente após, isso não significa imediatamente após. Tenho, com esta afirmação, uma primeira informação para você: Possuímos tempos diferentes para percebermos os nossos erros. É isso mesmo que você leu. Por mais que para você o

erro seja claro, algumas pessoas não tiram a trave de seus olhos com tanta facilidade, levam tempo para desconstruir suas supostas verdades e reconhecer seus erros. Mas, se por um lado isso não acontece de forma imediata, também é verdade dizer que esta etapa é um pré-requisito. Não há confissão, arrependimento e conversão genuína sem o reconhecimento do próprio erro.

- b. Reconhecer a culpa, por mais importante que seja, não resolve o problema. Faz-se necessário percorrer todo o processo e chegar a uma conversão genuína, senão estaremos diante daquele indivíduo que erra e reconhece a própria culpa recorrentemente, mas não abandona a situação de escravidão diante do pecado.
- c. Reconhecer a culpa não é um favor para ninguém. Na realidade, é sua obrigação, principalmente consigo mesmo.
- d. Este reconhecimento só é possível a partir do momento em que novos valores, conceitos, premissas, conhecimentos e verdades conseguem sobrepor mentes, crenças, culturas e criações equivocadas.

2) Confessar e pedir perdão:

- a. *Aquele que encobre suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia* (Provérbios 28:13; ARC). A Bíblia nos ensina claramente que há a necessidade de confissão para o alcance da misericórdia. A confissão é apresentada como um pré-requisito, ou seja, a misericórdia está disponível para todos, mas só a alcançará aquele que for capaz de confessar.
- b. Há uma diferença significativa entre a misericórdia de Deus e o perdão humano. A misericórdia divina diante de um coração quebrantado talvez seja muito mais rápida do que o perdão humano. Confessar não obriga a outra parte a perdoar no tempo que você deseja. Confessar é apenas um passo em busca do perdão alheio.
- c. Misericórdia e perdão não anulam consequências. *“Eu te perdoo, mas pelo menos por enquanto não consigo confiar inteiramente. Eu te perdoo por ter batido com meu carro, mas você continua responsável pela manutenção dele. Eu te perdoo por não ter pagado aquela dívida no tempo combinado, mas você continua com o débito e talvez na próxima vez eu pense duas vezes antes de emprestar novamente”*. Muitas pessoas acreditam, de forma totalmente equivocada, que o perdão anula as consequências e que, aquele que perdoa precisa ter amnésia. A coisa não funciona assim e isso não invalida a necessidade da sua confissão e do seu pedido de perdão. *“Não adiantou nada eu confessar”* é uma frase que não cabe diante da dificuldade de perdão da outra parte. Confissão, por mais que você não concorde, não é para o outro, mas sim para você reestabelecer o seu relacionamento primeiramente com Deus.

3) Mostrar arrependimento:

- a. É a fase em que mobilizamos todos os esforços para correção dos prejuízos. Transformamos a teoria em prática, ou seja, o sentimento de culpa em ações que evidenciam o verdadeiro arrependimento.
- b. É a etapa que traz consigo a vergonha do erro cometido e algum tipo de sentimento que incomoda diante da possibilidade de repetir o equívoco.
- c. É o momento em que começamos a deixar visível o esforço pela mudança.

4) Conversão:

- a. Queremos tratar nesta etapa de uma conversão de caráter, postura e atitude, ou seja, uma mudança genuína. Aquele que roubava a partir desta fase não rouba mais. Aquele que traía agora não trai mais. Aquele que mentia, da mesma forma, agora não mente mais. Houve uma conversão e/ou uma mudança genuína.
- b. Não estamos falando obrigatoriamente de adesão a uma religião e nem mesmo da atitude de aceitar Jesus como Senhor e Salvador da sua vida, por mais que saibamos o quanto isso é importante e decisivo para o Espírito Santo ter legalidade sobre a sua vida. Estamos falando de mudança de vida. Mas precisamos deixar claro que, guiados pelo Espírito Santo, isso ficará muito mais fácil ou, no mínimo, menos solitário.

Este é o ciclo que, se percorrido de forma correta, integral e respeitando o tempo de cada indivíduo, o habilitará para o reestabelecimento do relacionamento com Jesus Cristo e, por consequência, abrirá um novo capítulo na sua história em busca da santidade. É um processo inegociável para a recuperação plena da credibilidade. Muitas pessoas fracassam porque o veem como algo muito longo, cometem erros durante anos e anos, mas acreditam que o perdão e a credibilidade devem ser imediatos. Se você for maduro o suficiente para respeitar este tempo, alcançará o que podemos chamar de recomeço sustentável, ou seja, aquele recomeço que não constrói um degrau sem ter a certeza que o de baixo está sólido o suficiente para suportar o de cima. Precisamos que você seja forte e corajoso (Josué 1:9). Não desanime. Deus é contigo.

Acredite, pessoas não se separam por uma traição ou um outro erro, seja ele qual for. Pessoas se separam porque não acreditam que a outra parte irá mudar de verdade e conseguir sustentar a mudança por muito tempo.



Vamos fazer uma pausa para aplicar a teoria à prática? Para o pleno entendimento deste tema tão espinhoso para algumas pessoas, precisamos ainda detalhar alguns outros conceitos, mas não o podemos fazer sem antes fazer uma avaliação interna. Por isso, iremos fazer este exercício agora mesmo antes do final do capítulo. A proposta agora é que você e sua esposa, separadamente, escrevam em seu respectivo papel (sem a interferência do outro durante o exercício) o que acreditam que precisa fazer para recuperar a credibilidade de seu cônjuge. Uma vez concluída esta etapa, troquem os papéis entre si e avaliem o quanto suas percepções estavam próximas do desejado. Não percam tempo questionando a opinião do outro. Apenas adquiram a informação e orem a Deus para lhes dar a estratégia necessária ao longo da jornada.

O que eu preciso fazer para reconstruir a credibilidade de meu cônjuge?

E aí? Foi difícil? Se você achou que a lista está grande demais, talvez você tenha aprendido a duras penas que recuperar a credibilidade é muito mais trabalhoso do que construir a credibilidade. Essa não é uma informação que tem por objetivo desanimar você, pelo contrário, meu desejo é trazer a motivação necessária para que você conserve com toda a sua força a credibilidade que irá reconquistar. Já pensou quão cansativo seria percorrer toda a jornada novamente?

Com propósito de lhe dar as ferramentas para recuperar uma credibilidade forte o suficiente para se reaproximar de seu cônjuge, iremos finalizar o capítulo pincelando alguns pontos de extrema importância no quesito credibilidade. Leia e pense sobre cada um deles, pois de fato farão a diferença no tema que estamos abordando agora.

a) *“Uma intenção fraudulenta, por mais que cuidadosamente escondida no princípio, geralmente, no fim, se revelará...”* (Tito Lívio, historiador da Roma Antiga)

Esforços verdadeiros para recuperação de credibilidade precisam ser alimentados por intenções verdadeiras. Frases do tipo *“Eu vou mudar para ela(e) esquecer isso ou aquilo que fiz”* ou *“Vou dar um tempo em determinada coisa até a situação acalmar”* são exemplos de intenções fraudulentas. A preocupação é pontual, resolver um problema pontual e, quando resolvido, voltar ao normal, mesmo que este normal esteja repleto de comportamentos indevidos. Esta postura é insustentável, pois um dia esta intenção fraudulenta irá se revelar e você terá erguido mais uma barreira para uma possível recuperação de credibilidade futura. Em certa ocasião, um general do exército norte-americano, Tommy Frank, afirmou: *“Eu, por exemplo, começo com a intenção”*, ou seja, intenções bem definidas inspiram pessoas, aumentam a crença e, por consequência, são um importante passo na adesão de ajudadores. Enfim, a pergunta que não quer calar é: Qual a qualidade da sua intenção? Pergunto porque entender a motivação é um passo crucial na tomada de decisão.

Esteja atento às intenções do coração. Aprendemos em Jeremias 17:9-10 que o coração é mais enganoso que todas as coisas, mas o Senhor esquadrinha o coração para dar a cada um segundo o fruto de suas ações. O autor de Mateus nos ensinou que é do coração que vêm raciocínios iníquos, assassinios, adultérios, fornicações, ladroagens, falsos testemunhos e blasfêmias ([Mt. 15:19](#)). Não fomos iludidos, o coração é enganoso e vamos colher o fruto de nossas ações. A solução é permitir o Senhor esquadrinhar o nosso coração.

O desafio é aproveitar o tempo de deserto para desenvolver um caráter que nos sustente na terra prometida.

b) *“A habilidade pode te levar ao topo, mas o caráter o mantém ali...”* (John Wooden)

Como já vimos em capítulos anteriores, conhecimento aliado a habilidades e atitudes corretas é uma poderosa ferramenta para a construção de bons resultados. Contudo, queremos aqui registrar que o que irá manter a sua credibilidade é o seu caráter. O grande desafio daqueles que estão em busca da recuperação de credibilidade é aproveitar a jornada para forjar um novo caráter. Utilizando uma expressão evangélica, o desafio é aproveitar o tempo de deserto para desenvolver um caráter que nos sustente na terra prometida. Vemos na Bíblia que Deus prometeu ao povo de Israel levá-los à chamada terra prometida, e o fez. Libertou o povo da escravidão do Egito, os acompanhou e concedeu recursos e vitórias

necessários ao longo do percurso, apresentou os mandamentos necessários para manutenção da bênção que lhes seria confiada e, por fim, os fez tomar posse da promessa. A partir deste momento, percebemos que o caráter não foi suficientemente forjado no longo período de deserto e, não muito tempo depois, vemos os relatos do exílio do povo de Israel diante dos assírios e em seguida dos babilônios. O caráter deles não foi suficientemente forte para mantê-los no topo. Pessoas efetivamente dispostas a recuperar sua credibilidade precisam investir todo esforço possível no desenvolvimento de seu caráter, pois uma vez negligenciado este importante detalhe, não levará muito tempo para que a credibilidade seja novamente perdida.

c) *“A pressa que lhe impulsiona a queimar etapas lhe desampara quando você está trabalhando para a restauração.”*

Processos foram desenvolvidos para serem seguidos. Pessoas não são inseridas em desertos aleatoriamente. Cada um de nós vive os desertos que precisa a fim de ser forjado para o cumprimento do propósito para o qual fomos criados. Queimar etapas deste processo nos impede de desenvolver competências necessárias a longo prazo. Acredite: O importante não é ser rápido, o importante é estar na direção correta.

Queimar etapas nos impede de desenvolver competências necessárias a longo prazo.

d) *“Pondera a vereda de teus pés, e todos os teus caminhos sejam bem ordenados! Não declines nem para a direita nem para a esquerda; retira o teu pé do mal.”* (Provérbios 4:26-27; ARA)

A credibilidade é uma consequência. Não pode ser comprada, não pode ser herdada e muito menos transferida. É aquilo que você conquista ao longo da sua trajetória sem se inclinar para a direita nem para a esquerda. Porém, o crédito que você leva uma vida para conquistar pode ser jogado fora com apenas um deslize. Por mais duro que possa parecer, esta é a regra do jogo. Mas é impossível recuperar? Não. Como vimos ao longo do capítulo, não é impossível a recuperação da credibilidade, mas duas verdades precisam estar na pauta:

- a. O esforço para recuperação é muito maior do que para criação.
- b. As sequelas são inevitáveis.

Um novo crédito dado não significa obrigatoriamente o esquecimento do deslize cometido; é apenas uma nova oportunidade para construir uma história diferente.

Construindo uma base sólida

Gênesis 6

Romanos 5

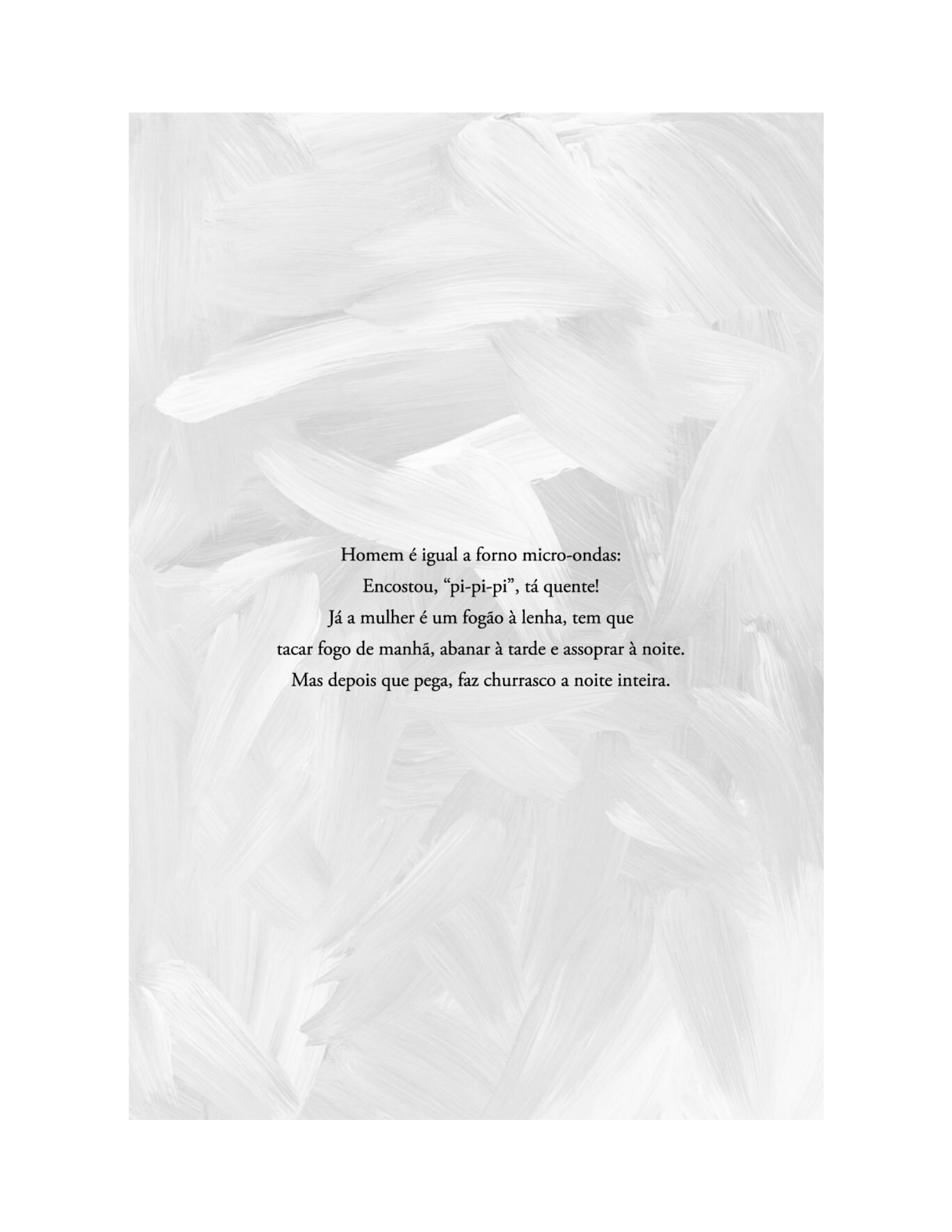
Tiago 4:7

Provérbios 4:23; 4:26-27 e 28:13

Mateus 5:27-28 e 15:19

Josué 1:9

Jeremias 17:9-10



Homem é igual a forno micro-ondas:
Encostou, “pi-pi-pi”, tá quente!
Já a mulher é um fogão à lenha, tem que
tacar fogo de manhã, abanar à tarde e assoprar à noite.
Mas depois que pega, faz churrasco a noite inteira.



5

SEXUALIDADE

O lado escolhido é o da santidade

*“É necessário cuidar da ética para
não anestesiarmos a nossa
consciência e começarmos a achar que tudo é normal.”*
Mario Sérgio Cortella

Neste quinto capítulo, iremos tratar sobre sexualidade de forma que provavelmente será bem diferente do que você está pensando. Imagino que você esteja esperando encontrar uma resposta do tipo fórmula mágica que possa ser aplicada a qualquer situação. Penso que sim, pois um dos pedidos mais comuns que recebo de casais cristãos é uma lista com o que pode e não pode ser feito na relação sexual, como se isso fosse a solução para os desafios que estão vivendo na área da sexualidade. Bem, a verdade é que quero ir muito além de uma proposta engessada. Quero lhe fornecer condições de avaliar com seu cônjuge, sem desconsiderar a visão bíblica, o que vocês adotarão como prática sexual em seu casamento. Não posso intervir e alterar o seu passado, mas valorizo a oportunidade que estou tendo de transformar o seu presente e, por consequência, tornar, com a ajuda de Deus, o seu futuro ainda melhor, inclusive quando o assunto for sexo.

Por isso, iremos trabalhar com propósitos muito claros:

- 1) Combater o modelo erótico-afetivo que recorrentemente insiste em adentrar os casamentos, relacionamentos e até mesmo os lares ditos cristãos;
- 2) Mostrar que o sexo pode ser santo e prazeroso desde que consigamos mitigar ao máximo as dúvidas, os tabus, as crenças equivocadas e até mesmo possíveis iniciativas por mera curiosidade.
- 3) Superar o reducionismo da perspectiva biológico-genital, ou seja, fomentar uma sexualidade humanizada, personalizada, atenta ao bem-estar do outro, algo que precisa ser vivido e experimentado pelo vínculo do amor, do respeito e da dignidade mútua. Em outras palavras, perceber o sexo como algo além de uma necessidade física, aquilo que rompe um mero desejo, uma vivência que não pode ser coisificada e muito menos coisificar uma das partes.

A fim de atingir esses propósitos, será necessário que vocês deixem de lado qualquer tipo

de constrangimento com o tema, estejam preparados para rever conhecimentos adquiridos ao longo do tempo que estão desconectados dos valores ético-cristão e, por fim, dediquem algum tempo para um diálogo sincero e focado no estabelecimento de novos acordos nesta área.

Começemos então a partir do nosso primeiro exemplo. Suponhamos um casal com o seguinte diálogo após um exaustivo dia. Ele trabalhou intensamente em um novo projeto na empresa que está em vias de ser incorporada por uma multinacional. Ela, além de atender inúmeros clientes desafiadores durante a jornada de trabalho, ao chegar em casa ainda precisou ajudar seu filho mais novo nas lições da escola e deixar uma série de coisas preparadas para a empregada conduzir no dia seguinte. Ao deitar para dormir, dão início ao seguinte diálogo:

Esposo: Amor, você está tão cheirosa. Amei a roupa que você usou para trabalhar hoje. Só percebi quando cheguei em casa. Foi difícil controlar a vontade de te agarrar.

Esposa: Fulano, não começa. Eu estou com sono. Trabalhei muito hoje e ainda tive que ensinar a lição para o seu filho.

Esposo: Mas amor, eu estou com saudade.

Esposa: Não começa. Eu preciso dormir.

Temos certeza que você nunca passou por uma situação desta, mas provavelmente tem um amigo que precisa da sua ajuda e você prestará muita atenção para ajuda-lo, não é? Brincadeiras à parte, estamos diante de uma situação muito comum em diversos lares. Neste caso, vemos o esposo tendo suas intenções frustradas, mas poderia tranquilamente ser a mulher a parte não correspondida. Não pense que só os homens encontram dificuldades para ter relações sexuais quando desejam, pois, muitas mulheres têm nos questionado sobre este assunto que até pouco tempo era uma reclamação apenas masculina. Mas, vamos avaliar o nosso exemplo?

“Amor, você está tão cheirosa. Amei a roupa que você usou para trabalhar hoje. Só percebi quando cheguei em casa. Foi difícil controlar a vontade de te agarrar.”

Quero aproveitar estas frases para falar sobre motivações. Com todo cuidado devido para não criarmos rótulos onde eles não cabem, precisamos lembrar que homens e mulheres, em geral, apresentam motivações diferentes para a atividade sexual. Quanto mais estressados estão os homens, mais interessados ficam em terminar o dia com uma noite de amor, enquanto que para a maioria das mulheres, o dia de alto estresse é extremamente desmotivador para uma entrega completa e, por consequência, algo que inviabiliza toda motivação possível. Se, de um lado, homens são muito mais impulsionados pelo visual, mulheres normalmente são mais estimuladas pela audição, pelo comportamento ao longo do dia e até mesmo pelo olfato. Ao passo que homens são capazes de ter uma briga terrível e depois de alguns minutos fazer amor com sua esposa deixando claro que não misturam as coisas (sentimento e sexo para eles são coisas diferentes), mulheres precisam de um tempo para digerir os resíduos para conseguir novamente pensar na possibilidade de se entregar ao seu esposo.

Percebeu como homens e mulheres possuem motivações totalmente diferentes? Se na sua casa os papéis estão trocados, não se assuste. Você provavelmente é o que chamamos de

exceção e nada mais do que isso. Como dissemos no início, não podemos criar rótulos onde eles não cabem. Claro que existem exceções também neste ambiente e, por saber disso, queremos que você, por alguns minutos, esqueça a questão dos gêneros (masculino e feminino) e pense apenas em um detalhe importante: **O que motiva o seu cônjuge?**

Saber o que desperta o interesse, o que atrai, o que faz o seu cônjuge desejar uma noite de amor é o alvo a ser alcançado.

Descobrir o que motiva o seu cônjuge é o desafio a ser superado. Saber o que desperta o interesse, o que atrai, o que faz o seu cônjuge desejar uma noite de amor é o alvo a ser alcançado. Isso, além de mitigar as possíveis frustrações das investidas não correspondidas, irá ajudá-lo a levar sua vida sexual para outro patamar, seja de quantidade e/ou de qualidade.

Mesmo sabendo que motivação é algo que acontece de dentro para fora, lembre-se de que, sem um ambiente propício, não há santo que consiga encontrar esta motivação, mesmo que ela esteja perdida em algum lugar dentro de si mesmo. É na ambiência bem trabalhada que deixamos aflorar a motivação que alguns irão chamar de apetite, tesão, desejo e assim por diante.

Para fazer tal proeza, você precisa apenas estar disposto a fazer um investimento de altíssima rentabilidade e baixíssimo risco – *investir em conhecimento do outro – conhecer a pessoa com a qual somos casados*.

Estamos tratando de um conhecimento que precisa extrapolar severamente o convencional e o básico. É necessário saber como ela reage a determinadas situações, a cor preferida, o estilo de perfume que ela valoriza, as músicas que lhe despertam de alguma maneira, as atitudes que ela valoriza da sua parte, os sonhos, as ambições, os desafios que ela está enfrentando no trabalho, o que lhe transmite a sensação de segurança e inúmeros outros detalhes. Observe que vai além de saber a idade, o número que ela calça e a marca de roupa que ela prefere. As vezes precisamos adentrar em um nível de conhecimento ao ponto de saber quais são as pessoas que a influenciam, os autores prediletos e as concepções de vida e fé, por exemplo.

Pessoas que não investem um tempo de qualidade na investigação das motivações, estão sujeitas a lidar com rejeições de forma equivocada e criam ou aumentam o distanciamento desnecessariamente.

Para facilitar o seu entendimento, que tal analisarmos o comportamento de Caim? A Bíblia nos diz a partir de Gênesis 4 que, em um determinado momento, Caim e Abel (filhos de Adão e Eva) levaram ofertas ao Senhor. Deus aceitou Abel e a oferta dele, porém negou Caim e sua oferta. Diante do rosto transtornado de Caim, Deus o disse:

“Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto? Se você fizer o bem, não será aceito? Mas, se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo”.

Gênesis 4:6-7

Observe que, de uma maneira geral, Deus está dizendo para Caim o que O motivou a não o aceitar e, por consequência, não aceitar sua oferta. Pedagogicamente, Deus estava

dizendo que ele teria uma nova oportunidade, mas que precisava estar atento à sua motivação. Porém, Caim negligenciou a informação, não investiu tempo de qualidade para entender a mensagem e transformar seu comportamento. Por consequência, tentou resolver as coisas da sua forma e assassinou seu irmão. Não percebeu que dois erros não fariam um acerto e não percebeu que Deus havia dado as instruções para ele ser mais assertivo da próxima vez.

Assim também acontece em muitos casamentos – não conseguem perceber o que seu cônjuge está tentando lhe dizer nas entrelinhas e que as motivações já lhe foram entregues. Basta agora apenas interpretar e ser mais feliz na próxima abordagem.

Pessoas que não conhecem profundamente com quem estão casadas e o que os(as) motiva, começam a lançar mão de estratégias de forma desgovernada. É neste contexto que começamos a perceber inúmeros casais cristãos nos perguntando se podem realizar sexo oral, sexo anal, se podem introduzir alguns palavrões e/ ou xingamentos durante o ato e se é pecado ou não assistir a filmes pornô para apimentar a relação. Em resumo, estão nos transmitindo a seguinte informação: *Não sei por que não consigo o mesmo interesse do meu cônjuge e, diante deste desconhecimento, vou investir em coisas que supostamente aumentam o desejo.* Podemos lhe garantir que este é um “investimento” de alto risco e baixo retorno, pois além de estar buscando resolver algo que não se conhece efetivamente – a caixa preta da motivação – perde-se tempo mascarando reais problemas do casal e percorre-se extremos que podem levar à infração de princípios bíblicos.

Não temos nada contra algumas inovações e até mesmo o zelo de alguns em deixar a relação mais dinâmica e menos monótona, mas não podemos achar que o problema será sempre resolvido desta forma se as pessoas são diferentes e, em suas diferenças, são motivadas dentro de realidades totalmente diversas.

É indispensável que entendamos que sexo pode ser prazeroso e limpo; pode ser repetitivo e criativo, pode ser santo e provocante, mas, para ser bom e prazeroso para ambas as partes, **precisa atender às motivações de ambas as partes.** Precisa de princípios, no nosso caso cristãos, mas também **precisa da convivência do outro.** Nem tudo que é lícito me convém, lembra? Nem tudo que não é pecado agrada seu cônjuge, logo, se não há convivência, não pode haver a prática. A realização para atender apenas a motivação de um lado, pode ser extremamente danosa para o outro, e isso com certeza será uma péssima isca nas próximas vezes. Pense nisso! Trabalhe a motivação correta e alcance uma vida sexual plena e aprovada.

“Fulano, não começa. Eu estou com sono. Trabalhei muito hoje e ainda tive que ensinar a lição para o seu filho.”

No trecho anterior falamos de motivações e o quanto as motivações variam de pessoa para pessoa. Agora temos um bom gancho para falarmos de **respostas**, sejam elas positivas ou negativas e a forma de dizê-las ou recebê-las. Como vimos no capítulo de diálogo, muitas das vezes o problema não está no que falamos, mas em como falamos. Existem milhares de maneiras de dizer “não” e compete a nós escolher qual delas queremos adotar. O sucesso e o fracasso não estão associados ao que falamos e muito menos aos métodos que utilizamos, todavia na escolha de como o fazemos. Você já parou para pensar como o desfecho desta história poderia ser diferente apenas com a mudança de alguns detalhes na

forma de falar? Que tal substituir esta frase por uma similar a estes exemplos: *“Amor, também estou morrendo de vontade de fazer amor com você, mas o cansaço está me dominando. Podemos deixar para amanhã? Cansada do jeito que estou não vou conseguir te dar o carinho que você merece. Eu prometo que este final de semana vou programar alguma coisa só para nós dois. Pode ser?”* Observem que a resposta continua sendo a mesma – NÃO – mas a forma como ela foi dita fará toda diferença. É claro que a outra parte não ficará satisfeita com o NÃO, mas a expectativa criada, a correspondência ao dizer que também está com vontade e a postura zelosa da esposa o fará no mínimo reagir de forma diferente.

Respostas dadas da forma incorreta geram reações que nem sempre gostaríamos, mas precisamos entender que somos responsáveis por elas. Quando não dedicamos o mínimo de zelo possível para estruturar nossas respostas, não podemos esperar que o outro seja zeloso por ambas as partes, por mais que fosse o ideal para corrigir a falha no percurso.

O caminho da extremidade é o mais perigoso e o equilíbrio deve ser sempre a opção a ser buscada.

Acredite: uma das respostas mais difíceis para algumas pessoas é justamente o “não”. É diante desta inabilidade que pessoas e matrimônios percorrem o caminho dos extremos: Ora por não saber dizer não, aceitam tudo e, ora por não saber dizer não, ferem o outro. Meu objetivo aqui é impulsionar você para longe destas extremidades. O caminho da extremidade é o mais perigoso e o equilíbrio deve ser sempre a opção a ser buscada. Aceitar tudo diante da dificuldade de dizer não o torna escravo das vontades do outro. Agredir para dizer não o torna oponente da outra parte. Casamentos sólidos não sobrevivem à condição de escravidão e, muito menos, a de oposição. O caminho não é a anulação e nem o conflito.

“...mas amor, eu estou com saudade.... Não começa. Eu preciso dormir.”

Não precisamos de nenhum profeta para nos ajudar a perceber o desfecho desta história. Temos um exemplo claro de diálogo com alta capacidade de gerar resíduos – lixo ou material residual – para as cenas do próximo capítulo. É chegada a hora de falarmos de **consequências**. Precisamos que você perceba as consequências como resíduos. Precisam ser gerenciadas assim como qualquer outro resíduo: resolver o armazenamento, a destinação e/ou o descarte.

Assim como os desastres ambientais acontecem pela inabilidade de algumas instituições diante da gestão de resíduos, matrimônios sofrem perdas desastrosas em função da nossa inabilidade em administrar as consequências. Da mesma forma que a má gestão dos resíduos de empresas pode contaminar o meio ambiente, trazendo impactos significativos para um grande grupo de pessoas e para o ecossistema como um todo, a má gestão dos resíduos matrimoniais afeta não apenas o casal, mas também a casa, os filhos e a instituição matrimônio como um todo.

Diante dos resíduos mal administrados na área sexual dos casais é que alguns cônjuges se tornam frios, ausentes, adúlteros, viciados em pornografia, agressivos etc. Longe de mim querer justificar estes comportamentos, mas não posso deixar de alertá-lo sobre como alguns deles podem acontecer. É lógico que nem todo adultério é derivado de uma vida sexual mal administrada, nem toda pornografia e muito menos agressividade são derivadas

do mesmo problema, mas não podemos negar que temos aqui um motor propulsor forte para alguns destes pecados. Esposas que diante da inabilidade do marido em conhecer e trabalhar suas motivações ficam extremamente frias e distantes, esposos(as) que na ausência de suas esposas(os) buscam relações extraconjugais, maridos que diante da frieza de suas esposas são grosseiros com as mesmas, e até mesmos cônjuges que buscam na pornografia e/ou na masturbação solução para suas carências não supridas.

Refleta sobre as consequências. Busque entender que tipo de resíduos o seu matrimônio vem gerando e o quão assertivo (ou não) vocês estão sendo na gestão destes resíduos. É um convite a um freio de arrumação para uma análise crítica de ambas as partes, o reconhecimento das falhas de ambos os lados, o pedido de perdão bilateral e o estabelecimento de um plano de ação sincero onde os dois estejam igualmente comprometidos em transformar suas realidades.

Os conflitos, se bem conduzidos, são bons e viabilizam o crescimento mútuo.

Não pense que a proposta é evitar o conflito para não gerar resíduos desnecessários. Pelo contrário, sabemos que a promessa de um casamento sem conflito é no mínimo enganosa. Os conflitos, se bem conduzidos, são bons e viabilizam o crescimento mútuo, mas para isso não podemos confundir humildade com subserviência. O subserviente se dobra a qualquer coisa – *deixa assim mesmo para não piorar... melhor ficar quieto do que brigar... é melhor concordar para não discutir*. O humilde entende que não é dono da verdade e não tem nenhum problema com a discordância. É aquele que vê na discordância uma oportunidade de crescimento.

Casais que não desejam acumular resíduos para os próximos conflitos desenvolvem antes uma humildade. Humildade para perceber que a estratégia que leva a um esgotamento precisa ser revista e, se possível, abandonada. Assim, conduzem os conflitos cada vez mais assertivamente, pois aprendem com os erros do conflito anterior e, ao invés de acumular, processam os resíduos. Quando necessário, reciclam e, quando desnecessário, descartam o mais rápido possível.

Percebeu que praticamente não falamos de sexo ainda? Falamos de motivações, conhecimento do outro, respostas, consequências, humildade e subserviência. Deixei as coisas relacionadas especificamente ao ato sexual para a segunda etapa deste capítulo propositalmente. Entenda, um jogo de futebol não começa no campo. Começa durante as longas horas de treino, perpassa os momentos de concentração, avança para o vestiário e se concretiza no campo. Assim também acontece com o sexo. Muitos casais perdem este jogo muito antes de colocar o time em campo e foi com base neste conhecimento que decidi investir primeiro nos temas anteriores. A única diferença é que não quero que você entre no campo para vencer. Este é um campeonato em que o empate é muito mais valioso.

Que tal realizarmos o nosso primeiro exercício antes de darmos continuidade? A proposta é teoricamente simples, mas o que a tornará eficaz é sua disponibilidade para a verdade. Se quisermos mudar a nossa realidade, precisamos começar deixando de esconder os problemas. Lembre-se do que vimos anteriormente: o problema não está no que se fala, porém como se fala. E, de posse desta lembrança, escreva nas linhas abaixo o que seu cônjuge precisa realizar para merecer o seu 10 no quesito sexualidade. Depois

compartilhem um com o outro as respostas e estabeleçam quais destas ações serão priorizadas na primeira semana, no primeiro mês, no primeiro semestre e no primeiro ano, ok?

O que ele(a) precisa fazer para merecer o meu 10 no quesito sexualidade?

O que vamos priorizar na primeira semana?

O que vamos priorizar no primeiro mês?

O que vamos priorizar no primeiro semestre?

O que vamos priorizar no primeiro ano?

Estamos caminhando para o fim deste capítulo, e por isso irei listar alguns pontos imprescindíveis sobre o sexo para você refletir e talvez até quebrar alguns tabus na sua mente. A proposta é melhorar este encontro íntimo entre homem e mulher, mediado pela sexualidade na perspectiva cristã. Apesar de a sexualidade humana não ser uma realidade divina, ela é uma realidade do mundo por Ele criado; é abençoada por Deus e tem por finalidade a relação de amor entre homem e mulher aberto (também) à procriação. É um ato relacional criado por Deus para os seres humanos e precisa ser vivido pelo vínculo do amor, respeito, responsabilidade e dignidade. Minha missão é ajudar a tornar isso uma verdade na sua vida. Vamos lá?

a) *Sexo é vida.*

O apóstolo Paulo nos ensina em 1 Coríntios 7:5 que não devemos nos privar um ao outro, senão por consentimento mútuo por algum tempo, para nos aplicarmos ao jejum e à oração; mas depois devemos nos juntar outra vez, para que Satanás não nos tente pela nossa intemperança. Enfim, sexo precisa fazer parte da vida do casal. Privar-se ou tentar privar o cônjuge desta realidade é uma imprudência que, segundo Paulo neste texto, abre espaço para as armadilhas de Satanás. É importante que fiquemos atentos à nossa rotina sexual, ao número e à intensidade de encontros sexuais realizados, à intimidade desenvolvida nestes momentos, ao nível de entrega de ambas as partes, etc. Um olhar mais cuidadoso nesta área pode ajudar muitos casais não apenas a evitar algumas investidas do inimigo, mas também a detectar mais cedo que algumas coisas não estão indo bem no matrimônio, pois a pouca frequência sexual está denunciando algo que precisa ser melhor entendido.

b) *A perfeição é conquistada no percurso.*

Precisamos derrubar aquela crença totalmente equivocada e machista de que o homem precisa aprender antes do casamento para poder ensinar sua esposa. Da mesma forma, precisamos eliminar de nossa mente a ideia de que se faz necessário um *test-drive* antes, pois se casar e não gostar não há mais o que fazer. O sexo na proposta cristã ocorre somente após o casamento e, dentro desta perspectiva, acreditamos que homem e mulher

unidos pelo matrimônio terão toda uma vida a dois para praticar e encontrar a perfeição. Não a perfeição do mundo, mas a perfeição que Deus projetou especialmente para eles. Para nós, a perfeição é conquistada no percurso, a partir do momento em que os cônjuges se lançam a conhecer e permitir serem conhecidos.

c) Sexo é sinônimo de amor interpessoal e está conectado ao ser humano dentro de sua integralidade. Sexualidade vai além de genitalidade.

Vimos em capítulos anteriores que, enquanto humanos, somos um corpo físico que contém uma alma (emoções) e é animado por um Espírito (dado por Deus) e que estas três partes indivisíveis formam o que chamamos de indivíduo, seja este homem ou mulher. Agora devemos lembrar que, se corpo, alma e espírito são indivisíveis, eles são indivisíveis também quando o assunto é sexo. Não podemos tratar o sexo apenas fisicamente, pois o corpo humano é realmente humano e não um corpo animal. Da mesma forma, não podemos tratá-lo apenas pelo campo emocional, pois, enquanto humanos, não somos apenas emoções e, por fim, não podemos espiritualizar 100% o que não é 100% espiritual. Em outras palavras, o sexo não pode estar associado apenas a uma necessidade física, um desejo que coisifica a outra parte para atendimento de uma necessidade particular e que tem por objetivo apenas a satisfação pessoal. Da mesma forma, não pode ficar somente no campo da emoção e desprezar a vontade física. O sexo deve estar associado à integralidade humana, e os praticantes, após o matrimônio conforme proposta cristã, devem entender que, ao fazê-lo, precisam conectar sua integralidade à integralidade do outro, ou seja, corpo, alma e espírito interconectados pela sexualidade. *Mas o que isso significa?* Significa simplesmente que sexo não pode usar o outro para seu próprio prazer. A prática equivocada de desconsiderar as emoções de seu cônjuge pode tornar o ato algo desumanizante, despersonalizado e, com certeza, opressor. Caso acreditemos que sexo é apenas uma necessidade biológica, estaremos, mesmo sem perceber, alimentando o pensamento da indústria de humanóides que entendem que em um futuro bem próximo poderemos ter relações, inclusive sexuais, com robôs. Seu cônjuge não é um robô. Ele(a) não foi criado para satisfazer apenas uma necessidade biológica sua, porém para satisfazer também a necessidade emocional dos dois através de sentimentos que vão além do prazer oferecido pelo sexo, tais como amor, carinho, afeto, zelo, sentimento de pertencimento, de complementaridade etc. Em outras palavras, o sexo não acaba quando suas vontades foram satisfeitas. Não se aproxime do seu cônjuge apenas quando tiver necessidades para satisfazer. Não demonstre afeto e carinho apenas no ato sexual. Não recorra à masturbação, pois é uma forma viciosa e pecaminosa de obter um prazer que precisa ser obtido conjuntamente. Não regule sua relação sexual por exemplos não imitáveis da indústria pornográfica, seja ela distribuída por revistas, vídeos, redes sociais, filmes e assim por diante. A intenção é apenas promover o erotismo e destruir o amor interpessoal genuíno e verdadeiro.

d) Sexo não é pecado; é divino.

Reprimir o sexo é um convite a viver na mentira. Dizer que o sexo é pecado é abrir uma porta imensa para imoralidades e perversões. A proposta de Deus não é eliminar a sexualidade, todavia integrá-la a uma vida de santidade conjugal. O ser humano é sexuado, então tentar impor algo diferente é ir contra a natureza. Entretanto, de forma equivocada e

disfarçada de objetivos considerados nobres, tentou-se reprimir durante muito tempo a sexualidade e seus instintos e, com isso, criou-se um caminho oportuno para a indústria do erotismo, do machismo e da prostituição. O desafio hoje, por incrível que pareça, é ainda dizer para algumas famílias que sexo não é pecado e que, dentro dos princípios cristãos e com a devida convivência, ele deve ser praticado ricamente no relacionamento conjugal. Não é pecado praticá-lo nem tampouco falar sobre o tema se o objetivo for pregar a vontade divina: o sexo como uma expressão de amor entre marido e mulher.

e) *Os fins não justificam os meios.*

Quando o assunto é sexo dentro de uma concepção cristã, é preciso dizer que não vale tudo em nome do prazer. Como falamos diversas vezes neste capítulo, sexo precisa transbordar amor ao próximo (o cônjuge) e, principalmente, ser santo. Precisamos estar muito atentos a este ponto. O pecado nunca se revela em sua crueza, ele se apresenta disfarçado de prazer e beleza e, uma vez que consegue capturar nossa atenção, nos impulsiona para a prática repetitiva até tornar-se um vício. No sexo não é diferente. Muitos casais se perdem com supostas inovações em nome do prazer e, quando menos percebem, estão inseridos em uma busca desenfreada por algo mais. Mas **entre quatro paredes de um lar cristão não vale tudo!** “O casamento deve ser honrado por todos; o leito conjugal, conservado puro; pois Deus julgará os imorais e os adúlteros” ([Hebreus 13:4](#)).

f) *“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma”* (1 Coríntios 6:12; ARC).

Chegamos à etapa de tratar do que pode e não pode. O ser humano possui a necessidade de que alguém lhe diga o que é ou não pecado. Não queremos frustrar a sua expectativa, mas a proposta é romper esta mentalidade; é impulsioná-lo para ter a mente de Cristo (1 Coríntios 2:16), a partir da qual você seja capaz de avaliar por si mesmo com base em algumas premissas que aqui apresentaremos. Veja:

I. **Primeira etapa de análise:** A sua proposta está alinhada aos preceitos bíblicos e à vontade de Deus? Você lembra que o primeiro mandamento é amar a Deus acima de todas as coisas? Pois é, como dito pelo Pastor Luciano Subirá em seu livro “Até que nada mais importe”, isso significa dizer que antes da tomada de qualquer decisão, precisamos submetê-la ao nosso manual de conduta e verificar qual é o impacto da mesma neste primeiro mandamento. O que eu quero é aprovado por Deus? É algo que Deus valoriza ou abomina? Que preço preciso pagar por minha satisfação pessoal? É lícito? Se estas respostas foram respondidas de forma satisfatória e você tem certeza que está alinhado com os planos de Deus, eu lhe convido a avançar para a segunda etapa.

II. **Segunda etapa da análise:** A sua proposta demonstra amor para o seu cônjuge? Queremos agora simplesmente considerar o segundo mandamento: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:39). É o momento em que você precisa avaliar o impacto do seu desejo no outro. Traz algum dano à saúde do outro? Traz algum prejuízo emocional para a outra parte? Agrede a pessoa de alguma forma?

III. **Tens a convivência do teu cônjuge ou a cessão contrariada?** Uma vez que tenhamos a certeza de que não é pecado, pois superamos a primeira etapa de análise e

confirmamos que não traz prejuízos para a outra parte ao analisarmos sob a ótica da segunda etapa, podemos agora avançar para a última fase de avaliação: Tens a convivência ou a cessão contrariada? Teu cônjuge concorda ou está fazendo só para lhe agradar? Ele(a) concorda e aprova ou está fazendo para evitar uma briga e por se dar como vencida? Vale alertar que quando não há convivência é estupro. Se não há concordância, o ato não pode ser praticado.

Ficou mais claro para você? Se sim, é hora de se lançar à prática. “*Seja bendita a sua fonte! Alegre-se com a esposa da sua juventude. Gazela amorosa, corça graciosa; que os seios de sua esposa sempre o fartem de prazer, e sempre o embriaguem os carinhos dela*” ([Provérbios 5:18-19](#)). Além disso, 1 Tessalonicenses 4:3-5 afirma: “*A vontade de Deus é que vocês sejam santificados: abstenham-se da imoralidade sexual. Cada um saiba controlar o seu próprio corpo de maneira santa e honrosa, não dominado pela paixão de desejos desenfreados, como os pagãos que desconhecem a Deus*”. Se você ainda não se sente confortável com todo o tema que exploramos aqui, sugiro visitar as instruções deste capítulo de forma mais minuciosa, medite nos textos bíblicos sugeridos e, principalmente, não deixe de orar em prol da direção do Espírito Santo também nesta área do seu matrimônio.

Vamos trabalhar alguns exemplos?

a) Xingamentos – “Pode usar xingamentos durante o ato sexual?”

Estamos diante de uma opção que pode ser eliminada já na primeira fase. Não está alinhado com os preceitos bíblicos. A Bíblia diz que a língua tem poder sobre a vida e sobre a morte; os que a usam habilmente serão recompensados (Provérbios 18:21). [Efésios 4:29](#) diz: “*Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem*”. Nem precisamos avançar para a segunda fase do modelo que propusemos, não é mesmo?

b) “Sexo oral é pecado?”

Não há nenhuma orientação contrária na Bíblia acerca deste tema, logo a primeira fase do nosso modelo não apresenta restrições. Avaliando sobre o prisma da segunda fase, não podemos dizer que traz algum tipo de prejuízo à saúde, apesar de a boca não ser um órgão sexual. Precisa-se ficar atento apenas a possíveis danos emocionais e, nestes casos, eles precisam ser melhor entendidos e mitigados, se a decisão for avançar com a proposta. Chegamos então à fase derradeira: Tenho convivência? Se não a possuo, não posso fazer. Se a possuo, posso fazer sem medo de estar em pecado.



PRATICANDO

E agora? Ficou mais claro? Que tal dedicar algum tempinho para exercitar este modelo com o seu cônjuge?

Propostas	Pode?		Resposta correta
	Sim	Não	

Sei que estamos trabalhando um tema severamente complicado e cheio de tabus. Não tenho a pretensão de acreditar que estas poucas páginas e horas dedicadas ao tema serão suficientes para sanar todas as possíveis dúvidas. Apliquei todos os esforços possíveis para falar dos principais temas que merecem atenção antes do sexo propriamente dito. Em seguida, convidei você a pensar em um modelo que irá ajudar a decidir o que pode ou não pode ser feito dentro de uma proposta cristã. Agora iremos tratar de alguns equívocos que merecem destaque.

Imagino que seja possível que você apresente discordância sobre alguns temas e/ou opiniões. A premissa do conhecimento em Cristo é a liberdade (João 8:32) e, enquanto discípulos e imitadores de Cristo que somos, valorizo a sua opinião. Apenas cabe a mim alertá-lo de que neste conteúdo estamos lidando com princípios e/ou orientações. Assim sendo, princípios, ao contrário de orientações, não são passíveis de concordância ou discordância quando a proposta é caminhar com Deus. Canalize a sua reflexão para as orientações e fique à vontade para verificar o que cabe (ou não) na sua realidade, mas quando estiver diante de um princípio, canalize todos os seus esforços para o cumprimento do mesmo, pois sem obediência não há santidade e, sem santidade, ninguém verá Deus.

Outra questão muito recorrente no meio cristão é o que fazemos às custas de tornar o Evangelho uma mensagem amplamente aceita. O Cristianismo precisa se fazer popular, mas para tal coisa, não pode adaptar princípios. Não há nada mais óbvio do que o desejo de todo cristão de multiplicar grandemente a mensagem de Cristo. Queremos que a mensagem seja popular, ou seja, esteja no meio do povo e seja plenamente compreendida e vivida por todos. A grande questão é quando, em nome deste desejo, ousamos adaptar ou flexibilizar princípios. Constantemente, vemos pessoas tentando encontrar brechas para justificar o injustificável e, com este posicionamento, vão se distanciando da boa, perfeita e agradável vontade de Deus gradativamente e, quando menos percebem, estão conduzindo suas vidas e seus relacionamentos com base em uma doutrina totalmente diferente da proposta original. *“Mas este texto bíblico possuía outro contexto...”*; *“Uma vez só não tem problema...”*; *“Por que não posso me relacionar com todos indiscriminadamente se Jesus comeu com os pecadores?”* *“Por que não posso beber se a Bíblia diz que só há pecado na bebedeira?”* Você provavelmente ouviu uma destas frases ou algo semelhante ao longo da sua caminhada. Pessoas que pegam textos fora de contexto aleatoriamente para justificar suas escolhas. Pessoas que tentam minimizar a sua culpa com justificativas que não mudam a sua realidade. Quero pedir a sua atenção para esta realidade. Estamos diante de uma nítida oportunidade para heresias e, por consequência, adesão ao modelo de conduta do nosso opositor: Satanás. O seu matrimônio é valioso demais para ficar exposto a este risco.

Há também um debate muito comum dentre os cristãos: discutir se um desejo não concretizado é pecado ou não. Bem, as palavras de Jesus em [Mateus 5:28](#) afirmam: *“Mas eu*

digo: Qualquer que olhar para uma mulher e desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração”. Muito se fala hoje que desejo não concretizado não é pecado, porém, a partir do texto bíblico acima, é preciso ligar um alerta acerca desta afirmação. Podemos concluir que pecado não concretizado não é um pecado externamente conhecido, visível e consumado, mas não podemos nos recusar a perceber que ele já foi realizado em seu coração e, isso posto, já foi percebido por Aquele que sonda o coração dos homens. Por isso, quero encorajá-lo a ser vigilante e proprietário dos seus desejos. Que você seja forte e corajoso para mostrar para sua própria alma que você é dono dos seus desejos, e não o contrário.

Outro tema sempre presente dentre as perguntas que recebo é o dilema da perda de interesse pelo sexo. O que fazer? Para entender e tratar melhor esta questão, precisamos separá-la em dois pontos:

- a) Perda de interesse pelo sexo;
- b) Perda de interesse pelo sexo com o cônjuge.

São duas realidades diferentes e que merecem tratativas diferentes. Quando a falta de interesse é pelo sexo, parece-nos mais fácil diagnosticar e resolver, pois possivelmente estamos lidando com uma questão de saúde e, com o avanço da medicina, com certeza encontraremos uma solução, seja ela de forma medicamentosa, psicológica ou até mesmo de adoção de próteses quando necessário. O grande desafio é quando estamos falando de falta de interesse pelo sexo com o cônjuge. Na maioria das vezes, este desinteresse não vem pelo desempenho dele ou dela, todavia pelas feridas (resíduos) que ficaram ao longo do caminho sem o devido tratamento. Neste caso, quero encorajar você a revisitar o capítulo em que tratamos do ciclo do pecado e da restauração. É impossível reestabelecer o interesse pela relação sexual sem antes tratarmos as culpas, efetuar a confissão, o arrependimento, o perdão e a conversão no sentido de mudança efetiva. Tratar as questões sem o devido entendimento é o mesmo que caminhar quilômetros na direção equivocada. Seu casamento é valioso demais para tratar estes assuntos na superficialidade. Investigue. Pergunte. Promova diálogos saudáveis. Inspire a outra parte para a busca de soluções concretas. Assuma suas responsabilidades. Seja casado para sempre.

Espero que o conteúdo deste capítulo tenha sido valioso para você. A sexualidade é um assunto pouco tratado em nosso meio, o que é uma pena porque é uma área de extrema importância no casamento. O sexo é um presente de Deus para o homem e a mulher casados, mas ainda temos que aprender muito sobre ele. Por isso, caso não tenhamos abordado aqui alguma questão sobre a qual você tem dúvidas, por favor não deixe de procurar ajuda com algum conselheiro ou profissional da área.

Agora iremos avançar para mais um assunto bastante recorrente quando o assunto é casamento: Até onde vai a minha liberdade agora que sou casado(a)?

Construindo uma base sólida

Gênesis 4

1 Coríntios 7:5 e 2:16

Hebreus 13:4

Mateus 22 e 5:28

Provérbios 5:18-19 e 18:21

1 Tessalonicenses 4:3-5
Efésios 4:29



Se você não gosta de falar aonde vai, não case.



6

LIBERDADE X PRIVACIDADE

*“Ninguém liberta ninguém,
Ninguém se liberta sozinho:
Os homens se libertam em comunhão...”*
Paulo Freire

Ao contrário dos demais capítulos, trago neste momento duas palavras para sua análise: liberdade e privacidade. Acredito que, quando o assunto é relacionamento interpessoal e, principalmente conjugal, a maioria de nós se perdeu em algum lugar entre estas duas palavras. Simplesmente ainda não aprendemos a viver a liberdade sem esquecer do compromisso e, diante deste fato, corrompemos a liberdade supostamente em nome de outro direito que chamamos de privacidade. Em paralelo, lutamos por privacidade em inúmeros ambientes, todavia abrimos mão deste suposto objetivo sempre que ousamos nos lançar em nossas redes sociais com liberdade e postar onde estamos, com quem estamos, o que estamos fazendo ou pensando, nosso estado de humor, etc. Ficou confuso? Pois é, liberdade e privacidade ainda são conceitos confusos para muitos de nós, e esta confusão invariavelmente se potencializa quando nos vemos inseridos em um casamento em que a sua liberdade e a sua privacidade precisam estar conectadas às de seu cônjuge. Vejamos estes exemplos:

Exemplos:

“É correto meu cônjuge não me dizer a senha do celular, do e-mail e/ou das redes sociais dele(a)? Por que eu não posso ver? O que ele(a) está escondendo?”

“É correto ele(a) levar o telefone para o banheiro?”

“Sou casado(a). Posso utilizar minha rede social, que é particular, da forma que bem entender?”

“Eu não sou responsável pelas curtidas que recebo nas minhas redes sociais. Ele(a) não tem direito de ficar aborrecido, não é?”

“Por que eu tenho que dizer a hora que vou chegar?”

“Por que ele(a) não pergunta que horas vou chegar? Parece que não se importa.”

“Qual o problema de eu postar esta ou aquela foto no meu Instagram? A rede é minha, é particular.”

“Eu não aceito esta história de conta conjunta no banco. Somos casados, mas a conta é

minha.”

“Por que você está mexendo na minha bolsa? Mas qual é o problema de mexer na sua bolsa?”

“Uma vez casado, eu perdi meu direito de liberdade? Eu não posso ter nem mais um minuto de privacidade?”

Deu para perceber o quanto é complexo tratar deste tema? Você se identificou com quantas destas perguntas? Estas são apenas algumas perguntas que recebo diariamente de inúmeras pessoas e que reforçam o entendimento de que há necessidade de dedicarmos algum tempo para falar de liberdade e privacidade. Onde terminam e começam os nossos direitos e deveres, nossa liberdade e nossa privacidade, uma vez que somos casados?

Para facilitar então o tratamento desta questão, considero oportuno alinharmos primeiramente um único conceito de liberdade e privacidade. Como vimos, o tema é por si só conflituoso, mas isso pode ficar ainda pior quando, em um relacionamento, temos entendimentos totalmente diferentes sobre os mesmos assuntos. Não quero com isso dizer que você não pode pensar diferente do seu cônjuge, todavia quero no mínimo apresentar uma linha de raciocínio que lhes aproximará de um caminho mais equilibrado. Em geral, casais não brigam por terem opiniões diferentes, mas pela tentativa de impor ao outro sua opinião ao invés de buscar um ponto de equilíbrio, um lugar comum em que pessoas que se amam possam conviver mesmo em meio a algumas diferenças.

Não há liberdade e privacidade sadias se não houver
um amor profundo por Deus, pelo mundo e pelo
próximo.

Entenda a seguinte premissa: Não há liberdade e privacidade sadias se não houver um amor profundo por Deus, pelo mundo e pelo próximo. Em outras palavras, precisamos partir do princípio de que a sua liberdade e a sua privacidade, ou o que você faz de posse destes direitos, não podem agredir a Deus, ao mundo por Ele criado e, muito menos ao seu próximo. Ou seja, a liberdade e a privacidade, apesar de serem direitos individuais, precisam se materializar respeitando o limite do direito daqueles que compõem a coletividade na qual você está inserido. Em resumo, liberdade e privacidade são benefícios que devem ser utilizados em alinhamento com o princípio da ética. Há quem diga, por exemplo, que as melhores perguntas para avaliar o que se pode ou não fazer diante das supostas liberdades e/ou privacidades são: Eu faria isso em público? Todos podem saber o que estou fazendo sem me causar qualquer tipo de constrangimento? Somente depois de entender esta premissa básica, amor, valorização do sentimento do outro, ou avaliação do impacto das nossas ações na vida daquele com quem nos relacionamos, é que estaremos aptos para entender um segundo aspecto fundamental: Não há liberdade e privacidade sustentáveis em meio à violação de legislações humanas e/ou desrespeito às leis de Deus. Observem que trouxemos um outro ponto importante para a discussão. Enquanto no primeiro momento falamos de uma proposta sadia, agora queremos tratar de uma proposta sustentável. Só há sustentabilidade se houver respeito e zelo aos preceitos e legislações cristãos. Quando não há o mínimo de preocupação com a legalidade das ações, também não há nenhuma garantia da manutenção destes princípios desfrutados de forma

equivocada. Suponhamos o seguinte exemplo:

“Um indivíduo almejando gozar abundantemente de sua liberdade, pega um veículo estando alcoolizado e sem carteira de motorista. Em meio a esta aventura, comete um acidente, atropela e mata uma pessoa. Por consequência, além de ficar gravemente ferido, é condenado à prisão.”

Conseguiu observar? Somos livres para dirigir da mesma forma que somos livres para optar (ou não) pelo consumo de álcool. No entanto, não somos livres para fazer as duas coisas simultaneamente e, se por acaso usarmos nossa liberdade para escolher violar as legislações que tratam deste tema, não podemos querer que esta liberdade se mantenha sem nenhuma consequência. Esse é apenas um dos infinitos exemplos de liberdade insustentável. Você é livre para escolher cometer um delito, mas não terá a mesma liberdade diante das possíveis sanções disciplinares. Você é livre para percorrer o caminho da infidelidade, mas não terá a mesma liberdade para definir as consequências em sua família. Você é livre para escolher caminhar sem Jesus, mas não terá a mesma liberdade para acessar a vida eterna.

Não há liberdade e privacidade sustentáveis em meio à violação de legislações humanas e/ou desrespeito às leis de Deus.

Desde o início da humanidade, com base no registro da criação no livro de Gênesis, vemos claramente que fomos projetados por Deus para a liberdade. Não há vida sem liberdade e o mínimo de privacidade. Estamos diante de mais do que um benefício, uma proposta de vida, afinal Ele veio para que tenhamos vida e vida em abundância.

Agora que temos este conceito alinhado, podemos avançar para outro detalhe extremamente importante. A exemplo do que fizemos no capítulo em que tratamos sobre casamento, é preciso reforçar que existem no mínimo duas visões sobre o tema: a visão humanista e a visão cristã. Na visão humanista, é muito comum nos depararmos com entendimentos de que a liberdade está associada simplesmente ao direito de falar o que pensa (liberdade de expressão), poder comprar o que deseja (liberdade financeira), poder ir e vir onde e quando quiser (liberdade constitucional), autonomia para professar a fé que desejar (liberdade religiosa), direito de votar em quem quiser (liberdade eleitoral) ou a faculdade para definir sua prática sexual (liberdade sexual), por exemplo. Ainda sob a ótica humanista, também é muito comum entender que as escolhas são pautadas em convenções sociais, códigos de conduta criados para locais e situações específicas, moralidade de um determinado grupo social e até mesmo aspectos culturais. Pessoas inseridas na visão humanista usam sua liberdade e sua privacidade buscando alinhamento com convenções, códigos, valores, costumes e culturas diversas, mas não necessariamente alinhadas com os preceitos bíblicos.

Por outro lado, na visão cristã, a liberdade e a privacidade assumem uma conotação totalmente diferente. A liberdade, neste contexto, está sempre associada à alforria do pecado e, por consequência, à escolha entre o caminho da bênção ou da maldição (Deuteronômio 11:26). A privacidade torna-se assim algo necessário, mas que precisa ser utilizado sem desconsiderar a necessidade de santidade. Estamos diante de uma visão de

que nem tudo que é lícito me convém. Não é porque estou inserido em um ambiente no qual todos são infiéis que posso usar a minha liberdade para agir da mesma forma. Não é porque todos usam seus momentos de privacidade para acessar sites de relacionamento/paquera que eu posso me comportar da mesma forma. Como você pode perceber nas duas abordagens, seja humanista ou bíblica, a liberdade está diretamente associada ao nosso poder de escolha e, isso posto, o que as diferencia não é esta questão, pois o direito de escolha é uma premissa da liberdade em qualquer ambiente. A grande diferença está no conjunto de valores que utilizamos para realizar estas escolhas.

Em resumo, o que quero dizer antes de analisarmos nossos exemplos com um pouco mais de detalhes é que um casamento cristão precisa entender que:

1. Não há liberdade e privacidade sadias se não houver um amor profundo por Deus, pelo mundo e pelo próximo.
2. Não há liberdade e privacidade sustentáveis em meio à violação de legislações humanas e/ou desrespeito às leis de Deus.
3. Não há vida sem liberdade e o mínimo de privacidade;
4. O nosso foco é o entendimento cristão sobre o tema;
5. Não é possível falar deste assunto sem uma abordagem mínima sobre escolha. É justamente a sua habilidade (ou a falta dela) que o conduzirá por um caminho de bênção ou maldição. Liberdade é justamente o seu direito de optar por um destes caminhos.

Então, para facilitar seu entendimento, que tal analisarmos detalhadamente os exemplos que apresentei anteriormente? Começemos por estas perguntas:

“É correto meu cônjuge não me dizer a senha do celular, do e-mail e/ou das redes sociais dele(a)? Por que eu não posso ver? O que ele(a) está escondendo?”; “É correto ele(a) levar o telefone para o banheiro?”; “Por que eu tenho que dizer a hora que vou chegar?”; “Por que você está mexendo na minha bolsa? Mas qual é o problema de mexer na sua bolsa?”

Aparentemente, estamos diante de claros exemplos de reivindicações de privacidade. Indivíduos que supostamente estão reivindicando um mínimo de privacidade, seja em seu celular, suas redes sociais e/ou sua bolsa. Porém, meu papel aqui é ajudar a desenvolver um olhar um pouco mais atento para alguns detalhes fundamentais. Como já abordamos em outro momento, quero chamar sua atenção para uma coisa chamada *motivação*: Qual a motivação para não compartilhar a senha? Qual a motivação para desejar a senha do outro? Qual a motivação para não ter conta conjunta? Qual a motivação ao perguntar se pode utilizar sua rede social como bem entender? Qual a motivação de levar o celular para o banheiro? Quando a motivação não está clara, damos oportunidade a outra parte para analisar com base em seus próprios valores, crenças, bagagens, traumas, cultura, modelo de criação etc. É a hora em que a outra parte se sente no direito de achar que seu cônjuge está levando o celular para o banheiro para acessar algo que ele(a) não pode ver ou para falar com alguém escondido. É o momento em que uma das partes entende que não tem a senha de seu cônjuge porque ele(a) está escondendo alguma coisa ou se comunicando com alguém do sexo oposto. Clarear a motivação com certeza ajudará ambas as partes a

entender o que pode ou não ser feito. Não pode compartilhar a senha ou a conta porque há erros para esconder? Deseja a senha ou a conta conjunta para controle, posse e/ou ciúmes exagerados? Foi criado em um modelo diferente e agora está apresentando dificuldade para se adaptar à nova realidade?

Motivações precisam ser verdadeiras.

Entender estas motivações é indispensável para casais que desejam estabelecer um relacionamento sustentável. A raiz da causa de toda a discussão provavelmente não seja a senha, o acesso, a conta conjunta ou a reivindicação da privacidade. A questão provavelmente está associada a algo muito mais profundo e que precisa urgentemente ser trazido à luz para tratamento. Lembre-se: Motivações precisam ser verdadeiras. Pior do que não compartilhar suas motivações é mentir ou se enganar sobre as mesmas. Experimente escrevê-las antes de discuti-las com seu cônjuge. Depois leia o que escreveu para você mesmo. Confronte cada uma destas supostas motivações com os cinco pontos que apresentamos como fundamentais sobre o tema no início deste capítulo e, depois de todos estes cuidados, veja se vale defender suas motivações ou se já não passou da hora de revê-las, ok?

Como já vimos em outros momentos, não quero estabelecer regras onde elas não existem. Quero ajudá-lo a encontrar as próprias respostas e alinhar um modelo conjugal que esteja inserido no propósito cristão, mas que, ao mesmo tempo, seja adequado às suas realidades específicas. Então continuemos:

“Por que eu tenho que dizer a hora que vou chegar?”; “Por que ele(a) não pergunta que horas vou chegar? Parece que não se importa.”; “Qual o problema de eu postar esta ou aquela foto no meu Instagram? A rede é minha, é particular.”; “Uma vez casado, eu perdi meu direito de liberdade?”

Se antes tivemos a oportunidade de analisar uma suposta luta por privacidade, agora temos a chance de falar sobre liberdade. Temos na primeira pergunta, por exemplo, alguém que, por algum motivo, se sente incomodado em dizer a hora que vai chegar. Em paralelo, na segunda pergunta, alguém que está sentindo falta do questionamento acerca do seu horário de chegada. De um lado, alguém que talvez se sinta vigiado com a pergunta, porém, na outra extremidade, alguém que se sente abandonado pela ausência deste questionamento. São pessoas diferentes simplesmente se comportando como tal. Em meio a estas confusões, aparentemente simples quando olhamos de fora, muitos casais optam pelo divórcio e famílias são desestruturadas.

Quanto à pergunta ou à ausência da pergunta acerca do horário, precisamos analisar no mínimo duas possibilidades: 1) zelo, preocupação, carinho ou até mesmo desejo de fazer uma surpresa para aquele que irá chegar; 2) desconfiança, ciúmes ou necessidade de controle. Duas possibilidades totalmente diferentes e, face suas diferenças, alimentam respostas e reações totalmente diferentes. A pergunta é: Seria errado perguntar o horário que seu cônjuge irá chegar? Da mesma forma, seria errado não perguntar? Claro que não. O erro provavelmente está na condução, ou seja, na forma como que se faz.

Guarde estas dicas:

- I. Ofertar este nível de carinho para quem não valoriza, é o mesmo que dar pérolas aos porcos. Nem tudo que é valioso para você é valioso para o outro. O desafio é dar ao

- outro o que tem valor para ele(a) e não o que tem valor para você.
- II. Cuidado para não esperar uma reação que nunca lhe foi prometida. Frustração está diretamente relacionada à expectativa. Cuide de suas expectativas para não precisar tratar das frustrações.
- III. “O ciúme é tão inflexível quanto a sepultura” (Cânticos 8:6); “o ciúme desperta a fúria do marido” (Provérbios 6:34). Ciúme precisa ser tratado e curado. Normalmente, possui um gatilho que precisa ser identificado, mas fato é que a solução não pode ser postergada. Ciúme não é prova de amor para o cônjuge e nem para você mesmo. Em geral, é um sentimento que denuncia insegurança, ausência de credibilidade e até mesmo ausência de amor próprio.

O compromisso estabelecido no ato do casamento
não está condicionado ao ambiente em que estamos
inseridos.

Quanto à pergunta *“Qual o problema de eu postar esta ou aquela foto no meu Instagram? A rede é minha, é particular”*, sabemos que para muitos de nós esta questão toda de Instagram, Facebook, WhatsApp e outras ferramentas que incluímos no bojo de redes ou ferramentas de comunicação digital/social, é ainda uma novidade. Estamos aprendendo como devemos nos comportar e, invariavelmente, cometemos severos erros ora tentando adaptar práticas do mundo físico para o digital e ora não conseguindo adaptar o que deveria ser adaptado. Você deve entender que o ambiente / plataforma / ferramenta / aplicativo pode ser outro, mas o compromisso estabelecido no ato do casamento não está condicionado ao ambiente em que estamos inseridos. Da mesma forma, precisamos compreender que a vida é feita de fases. O apóstolo Paulo nos ensinou que quando ele era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Mas quando se tornou homem, deixou para trás as coisas de menino (1 Coríntios 13). Ou seja, muitas pessoas querem manter suas redes sociais, seus casamentos ou seus relacionamentos, mas não percebem e nem querem se adaptar à fase em que estão inseridos. Querem viver algo novo, mas não estão dispostos a largar comportamentos que não cabem mais para esta nova realidade ou novo ambiente. A grande questão é que muitos casais migram da fase de solteiro para a fase de casado, mas apresentam severa dificuldade de abandonar as práticas que só cabem aos solteiros. Veja algumas dicas que podem ajudar você a entender melhor e ser mais assertivo:

- IV. Sua rede social precisa entender que você é uma pessoa não disponível. Você não tolera qualquer tipo de brincadeira, postagem, imagem e comentário também neste ambiente.
- V. Não cabe postagens de fotos sensuais, proximidade de estranhos e conversas que expõem você e/ou seu cônjuge.
- VI. Não é adequado tolerar conversas que seu cônjuge não pode ver.
- VII. Você deve estar atento(a) a curtidas, comentários e aceitações. Se não toleramos um olhar malicioso no dia-a-dia, por que achamos que nosso cônjuge precisa tolerar uma curtida que recebemos na rede social? Se não toleramos uma cantada no dia-a-dia, por que achamos que nosso cônjuge precisa tolerar certos comentários nas nossas redes

sociais?

Mais importante do que avaliar se é correto ou não o compartilhamento da senha, a forma como utiliza-se a rede social e se devemos ou não ter uma conta conjunta, é avaliar a motivação destas decisões. Muitos cônjuges afirmam que não podem ter conta conjunta porque a outra parte não tem controle com dinheiro e pode levar a família à falência. Não podemos dizer nestes casos que todos os casais devem possuir conta conjunta, você não concorda? Muitos maridos/esposas dizem que não compartilham a senha de suas redes sociais porque seu cônjuge entra e, com ciúmes exagerados, o(a) faz passar vergonha. Cá entre nós, nestes casos nós também não compartilharíamos, não é?

As ideias que defendo aqui aprendi vivendo o jogo chamado casamento, tomei emprestadas de alguns autores que considero referência nos temas discutidos, aprendi exercendo o desafio de aconselhamento a inúmeros casais e, principalmente, recebi por revelação nas infinitas horas de estudo e meditação no Evangelho. Use-as sem moderação! Meu maior objetivo é conduzir você para um casamento de liberdade e privacidade, todavia compatíveis com a vontade de Deus e, por consequência, possíveis, independentemente do tempo em que estamos vivendo.

Por isso, quero finalizar este capítulo apresentado seis pontos sobre liberdade e privacidade que destaco a seguir:

1. Liberdade, o desafio é manter ou conquistar?

Quando analisamos a liberdade pelo prisma cristão, precisamos entender que a recebemos gratuitamente no ato da cruz do calvário. Naquele momento, Jesus nos fez livre do pecado, da escravidão e até mesmo da morte. Pagou um preço que nós jamais teríamos condições de pagar. A partir desta verdade, podemos chegar à conclusão de que o desafio é manter esta liberdade por meio de boas escolhas (Tiago 1:25). A manutenção deste estado de liberdade é integralmente nossa (João 8:31-36). Porém, quando tratamos de relacionamentos interpessoais, vamos perceber que a liberdade é conquistada ao longo do tempo e mediante a sua habilidade em lidar com as oportunidades que lhe foram confiadas. Por exemplo, você não deixa seu filho sair sozinho do dia para a noite. Ele vai demonstrando responsabilidade e confiança em situações menores até que você se sinta confortável em lhe conferir a liberdade de ir a determinados lugares sozinho. Talvez possamos chamar isso de liberdade inteligente, aquela que é conquistada passo-a-passo, de forma crescente e progressiva. Mas, se podemos chamá-la de liberdade inteligente, também podemos, em alguns casos, chamá-la de liberdade não inteligente, ou seja, aquela que se perde ao longo do processo e, ao invés de crescer, derrapa em alguma curva da estrada da vida e volta para a última posição do grid. Enfim, precisamos ser tão corajosos para administrar algumas consequências como julgamos ser para tomar algumas decisões. Não posso deixar de alertar que estamos constantemente diante do desafio de manutenção, seja da liberdade, da confiança, do amor, da admiração, do respeito e assim por diante. É responsabilidade nossa nos manter atentos a tudo isso. Seguir a sua vida acreditando que não precisa provar nada a ninguém, como normalmente ouvimos e somos levados a crer ao longo do tempo, pode tornar a sua caminhada extremamente solitária, e a solidão nunca foi a proposta do cristianismo. Portanto, quando a proposta é um relacionamento interpessoal sadio, a liberdade é algo a ser conquistado e mantido diariamente por meio de

escolhas assertivas. As perguntas que ficam são: O que eu tenho feito para manter a liberdade conquistada? E se eu a perdi, qual o meu plano de recuperação? Não seria a hora de ler novamente o capítulo sobre o tema credibilidade que exploramos em outro momento?

Seguir a sua vida acreditando que não precisa provar nada a ninguém pode tornar a sua caminhada extremamente solitária, e a solidão nunca foi a proposta do cristianismo.

2. *“Pois, que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?”* (Marcos 8:36; ARC)

Cuidado com as falsas liberdades. Não foi por acaso que começamos este capítulo distinguindo a liberdade na visão humanista da liberdade na visão bíblica. Além de mostrar que são entendimentos ou premissas diferentes, quis fazer você perceber que às vezes perseguimos liberdades que nos trazem satisfações a curto prazo, porém nos impulsionam para destinos indesejáveis a longo prazo. Não é muito raro vermos casais e/ou indivíduos violarem o que é inegociável em nome da suposta liberdade. É neste momento que vemos pessoas usando sua liberdade diante do dinheiro e quebrando o princípio da fidelidade a Deus. Vemos pessoas, diante da liberdade de expressão, sendo pedra de tropeço ou dando falso testemunho para os irmãos. São indivíduos que utilizam ou buscam falsas liberdades em prol de prazeres momentâneos. Precisamos lembrar que a liberdade de hoje (se falsa) pode ser o vício de amanhã, a dependência do futuro, o motivo do divórcio em algum momento, a perda da admiração de seus filhos e, quiçá, a maldição descrita nos textos bíblicos.

3. *“Mas a natureza humana é pecadora.”* (Romanos 5:12)

A sua natureza não justifica as suas decisões diante da liberdade. Sabemos que o pecado escraviza e, da mesma forma, sabemos que a natureza humana é pecadora, mas isso não nos exime da responsabilidade de nos esforçarmos para fazer diferente e manter a liberdade proposta por Deus. Deuteronômio 11:26 nos ensina que temos diante de nós duas opções: a bênção e a maldição. Teremos bênçãos se obedecermos aos mandamentos do Senhor. Em resumo, a sua natureza, o seu passado, o erro do outro e/ou qualquer outra justificativa neste sentido não eximem a sua responsabilidade. Sartre nos ensina que isso se chama *má-fé*: pessoas, que diante da inabilidade de escolha e de lidar com a liberdade que lhes é conferida, passam a atribuir a responsabilidade de sua inércia e/ou posturas e/ou decisões a outras pessoas, a normas sociais, ao passado, à astrologia, à herança biológica ou à tradição de família. *“Sou infiel porque meu cônjuge mudou muito depois do casamento.”; “Falo palavrão porque sou de descendência xyz.” “Eu não poderia agir diferente – todo mundo aqui se comporta assim”*. Estes são exemplos claros de pessoas que fazem uso da liberdade de forma equivocada e, como diria Sartre, utilizando de má-fé. Casais que adotam este tipo de postura não são capazes de manter a liberdade e a privacidade de forma madura e, infelizmente, não se responsabilizam de forma alguma por aquilo que está, ou no mínimo deveria estar, em suas mãos.

Casamento não é um convite à prisão, mas a utilização da liberdade de forma conjunta e saudável.

4. *Pessoas diferentes apresentam necessidades diferentes.*

Enquanto algumas pessoas precisam de algum tempo sozinhas, outras odeiam o isolamento, mesmo que seja por alguns segundos. Ao passo que alguns indivíduos sentem a necessidade de ter um mínimo de privacidade ao ir ao banheiro, ao ler um livro, ao ouvir uma boa música, outras consideram isso tudo uma bobagem. O grande desafio do casamento é justamente compatibilizar estas diferenças em um mesmo ambiente. É diante da dificuldade de entender a necessidade do outro ou de confiar nas ações de seu cônjuge neste momento de privacidade que inúmeros casais enveredam pelo caminho de brigas intermináveis em busca do equilíbrio que, na maioria das vezes, se torna quase uma utopia, face o quão distante ele se revela. A liberdade e a privacidade harmoniosas se tornam o desafio a ser superado e algo fundamental para otimizar relacionamentos com sucesso e realizações crescentes. Talvez aqui seja o melhor momento de voltarmos ao conceito de uma só carne já tratado inúmeras vezes. Não vemos necessidade de tornar divisível o que é indivisível, mas isso não pode, de maneira alguma, representar o aprisionamento de uma ou ambas as partes. É óbvio que precisamos de momentos particulares. A Bíblia nos ensina, por exemplo, que quando formos orar, que entremos em nosso quarto, fechemos a porta e oremos ao nosso Pai em secreto (Mateus 6:6). É claro que este texto não quer dizer que precisamos orar sempre sozinhos, mas de alguma forma ele está nos dizendo que às vezes precisamos de um tempo sozinhos ou no máximo com nosso Deus. Casamento não é um convite à prisão, mas a utilização da liberdade de forma conjunta e saudável.

5. *A liberdade envolve assumir riscos e eles devem ser assumidos com temor.*

O livro de Provérbios nos ensina que temor ao Senhor é o princípio da sabedoria. Não o medo, porém o temor. Em relacionamentos onde prezamos pela liberdade não é tolerável o medo. Deus deixa isso muito claro para nós. Ele não deseja que tenhamos medo Dele, porém temor a Ele. Guardadas as devidas proporções, queremos utilizar esta lição deste livro de sabedoria para lembrar que casamento é algo instituído por Deus, logo está debaixo da mesma premissa: não pode haver medo entre marido e mulher. “*Eu não vou porque tenho medo da atitude dele(a)*”; “*Eu não compro porque ele(a) vai brigar*”; “*Não fala isso para seu pai, pois ele vai brigar com vocês*”. Estes são exemplos claros de afirmações que denunciam um casamento totalmente distante da liberdade cristã. O medo é muito caro. Ele paralisa, aprisiona, constrange, inibe, distancia, alimenta a mentira, cultiva a hipocrisia e distancia as pessoas. Casais inteligentes trabalham para a manutenção da liberdade e defendem sua privacidade com base no temor ao Senhor e jamais no medo de seu cônjuge.

Liberdade é um convite a uma vida de santidade.

6. *“Mas agora que vocês foram libertos do pecado e se tornaram escravos de Deus, o fruto que colhem leva à santidade, e o seu fim é a vida eterna.”* ([Romanos 6:22](#))

Liberdade não é sinônimo de pecado. Liberdade não significa que tudo pode. Liberdade é um convite a uma vida de santidade. Sejam livres no sexo para se divertir, para sorrir, se relacionar, passear e viver, mas não abram mão de uma postura de santidade. Acredite, é possível ser livre para fazer praticamente tudo sem abrir mão da premissa de santidade.

Aliás, a sua postura diante da sua liberdade é o que o levará à vida eterna. A proposta é que vivamos em liberdade, sem usar a liberdade como desculpa para fazer o mal, todavia vivamos como servos de Deus (1 Pedro 2:16). E se você está achando que é difícil, há uma solução: Busque o Espírito, pois onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade (2 Coríntios 3:17).

Querido(a), Deus nos chamou para ser livres. Pessoas que possuem um coração puro não têm dificuldade de viver em liberdade e oferecer liberdade ao cônjuge, pois conseguem obter equilíbrio em seus sentimentos e pensamentos. Portanto, em suas orações, inclua o pedido que o salmista Davi fez a Deus: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro” (Salmos 51:10).

No próximo capítulo, falaremos sobre uma das questões mais desafiadoras da vida a dois: como administrar e enfrentar os problemas repentinos juntos? Aperta o cinto aí que lá vamos nós!

Construindo uma base sólida

Deuteronômio 11:26

Cânticos 8:6

Provérbios 6:34

1 Coríntios 13

Tiago 1:25

João 8:31-36

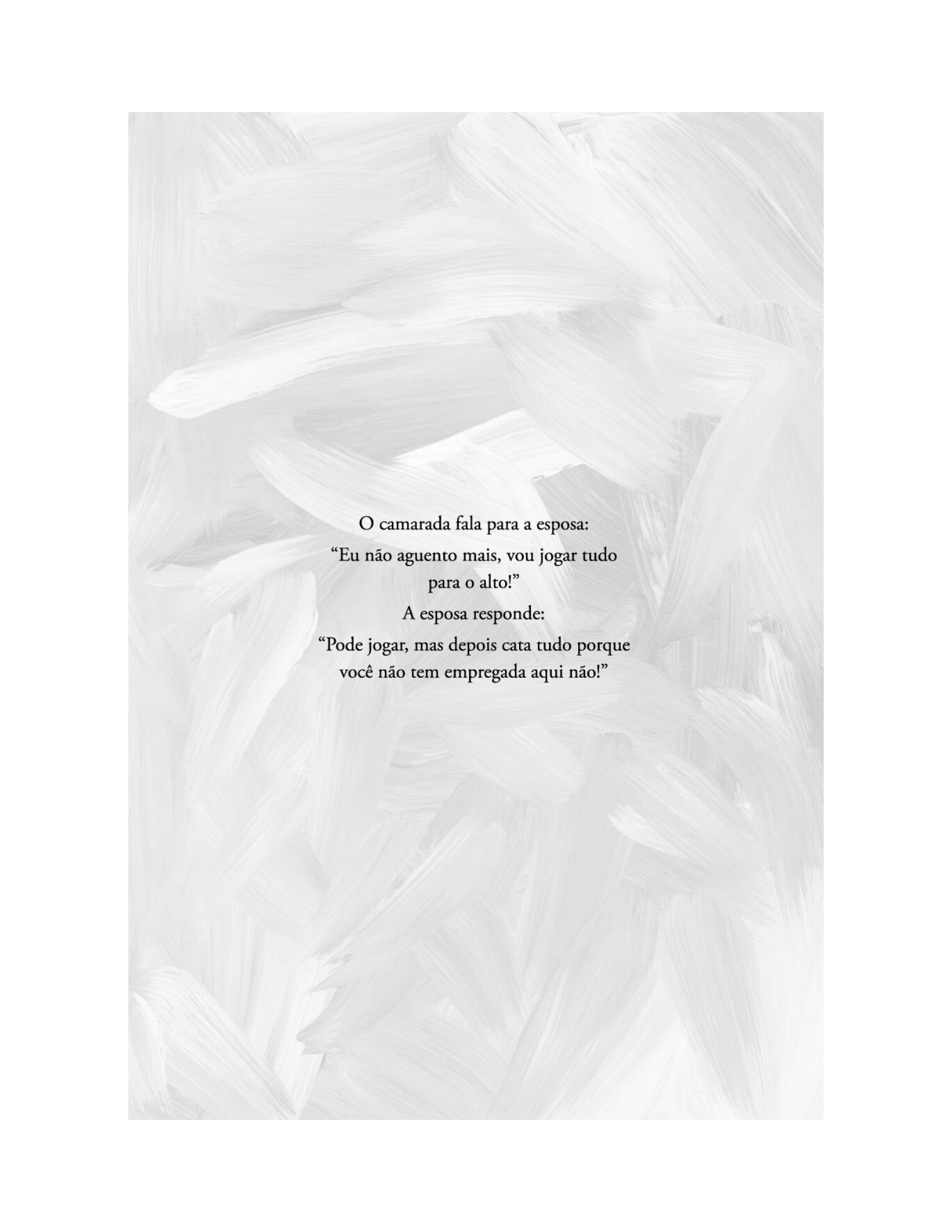
Marcos 8:36

Romanos 5:12; 6:22

Mateus 6:6

1 Pedro 2:16

2 Coríntios 3:17



O camarada fala para a esposa:

“Eu não aguento mais, vou jogar tudo
para o alto!”

A esposa responde:

“Pode jogar, mas depois cata tudo porque
você não tem empregada aqui não!”



7

IMPREVISTOS

O “de repente” chegou

*“Sem planejamento corre-se o risco
de se transformar em uma folha seca, que
se move aos caprichos dos ventos...”*

Michael Porter

“Temporais vividos fazem parte da sua história, mas não precisam virar desculpas de estimação”.

Autor desconhecido

Você já ouviu um texto que diz assim: “Os planos de Deus não podem ser frustrados”? Pois é, se até Deus planeja, por que você acha que não precisa planejar? Acredito e, sempre que tenho a oportunidade, incentivo as pessoas a planejar, sonhar, apresentar a Deus seus sonhos e estabelecer o mínimo de planejamento possível. Percebi ao longo da caminhada que muitos avivamentos não acontecem simplesmente pela dificuldade de planejamento de alguns indivíduos, pela inabilidade em perceber que Deus tem compromisso com quem faz planos.

Da mesma forma, defendo a importância de uma boa leitura de cenários, o desenvolvimento de uma competência que pode ser resumida como a capacidade de percepção dos sinais, um olhar um pouco mais aguçado com o que está acontecendo à sua volta e a identificação dos alertas por mais sutis que sejam.

Tenho plena convicção de que com um bom **planejamento** e uma boa **percepção** do ambiente interno e externo pode-se evitar a maioria dos “de repente” das nossas vidas. Isso mesmo. Você não leu errado. Vejamos alguns exemplos:

- É possível alguém que nunca esteve atento às suas condições físicas e de saúde afirmar que de repente ficou doente?
- É pertinente dizer que alguém que trabalha em uma empresa privada foi surpreendido por uma demissão? Empresas privadas não realizam admissões e demissões de forma natural? A estabilidade nunca foi uma premissa do mercado de trabalho privado, não é mesmo?
- É realmente imprevisível a possibilidade de os seus pais ou os de seu cônjuge precisarem de um apoio maior na velhice?
- É impossível prever uma possível crise financeira quando não há o mínimo de planejamento doméstico e reservas para imprevistos?

- É difícil prever que um casal que briga diariamente está mais sujeito a cansar da relação?
- Não é fácil prever que a criança que não se dedica aos estudos terá dificuldades com suas notas e terá maior probabilidade para reprovação?

Ficou mais claro com os exemplos acima? Boa parte das chamadas surpresas são previsíveis e emitem seus sinais de alerta ao longo do tempo, logo, em geral, podem ser prevenidas e evitadas. Você concorda?

Entretanto, como toda regra, temos aqui também o que podemos chamar de exceção – os chamados “de repente” imprevisíveis – aqueles que nem nos melhores planejamentos teríamos condições de prever ou antecipar. O câncer mesmo em meio a todos os cuidados tomados ao longo da vida, o acidente no trânsito que trouxe consigo uma deficiência física, uma catástrofe natural que destruiu seu patrimônio, etc. O desafio nestes casos é muito maior, todavia, nunca impossível.

No casamento não é diferente. Por mais atentos que possamos estar às questões relacionadas à qualidade de vida, não conseguiremos eliminar todas as hipóteses de uma possível doença. Por melhor que seja o planejamento financeiro que venhamos a fazer, não extinguimos a possibilidade de uma crise no meio do percurso. Por mais dedicados que sejamos à criação de nossos filhos, infelizmente não estamos livres de vivenciar um possível problema nesta área. Enfim, não desenvolvemos uma espécie de imunidade ao chamado “de repente” e isso traz consigo duas verdades:

- 1º) Não estamos liberados do velho e bom planejamento nem da necessidade de atenção aos sinais emitidos ao nosso redor;
- 2º) Uma vez inserido no “de repente” (previsível ou imprevisível | culpado ou não culpado) somos responsáveis pela solução. A proposta é a superação.

E é exatamente este segundo ponto que iremos tratar neste capítulo. Como lidar com os chamados “de repente” no matrimônio abdicando da alternativa do divórcio.

Sabemos que muitas pessoas, uma vez inseridas em situações que revelam sua inabilidade em lidar com crises, não conseguindo enxergar uma saída, decidem eliminar o problema de suas vidas por qualquer preço e, se “necessário”, lançam mão da proposta do divórcio. O raciocínio é: *“Se eu não consigo resolver, melhor eliminar o problema e, se para eliminar o problema eu precisar eliminar o suposto causador, assim o farei”*.

Mas, como já vimos em outros capítulos, o divórcio não é uma alternativa quando a proposta é uma vida alinhada à fé cristã. E, se não temos esta opção, precisamos estar ainda mais capacitados para gerenciar as chamadas “tragédias”, como alguns costumam chamar.

Problemas são como bombas. Precisam ser descobertos, desarmados e não podem ser manipulados por qualquer um.

Quero apresentar neste capítulo chaves e ferramentas indispensáveis para a condução correta destas situações. A proposta é provocar a sua reflexão acerca da sua capacidade de planejamento, percepção do entorno e, por fim, resolução de problemas. Cônjuges sem estas competências estão muito mais vulneráveis ao inesperado. Para facilitar o

entendimento, que tal partirmos de um exemplo? Suponhamos o seguinte diálogo:

Esposo: Amor, acabei de ser demitido.

Esposa: Como assim? O que você fez?

Esposo: O que eu fiz? Eu não fiz nada. Apenas fui demitido.

Esposa: Ninguém é demitido à toa. Você está me escondendo alguma coisa. Você sabia que não poderia ser demitido. Estamos cheios de dívidas e seus pais ainda estão precisando da nossa ajuda. O que você vai fazer agora?

Esposo: Eu vou procurar emprego! O que você quer que eu faça?

Esposa: Eu quero que você faça alguma coisa rápido. Eu não suporto mais esta nossa situação financeira. Eu não suporto mais esta vida de privações. Eu não suporto mais você e essa sua calma.

O caos está instalado. O problema está exposto e clamando por uma solução. O casal, os únicos que podem efetivamente resolver o problema, estão brigando e o desemprego, em fração de segundos, deixou de ser o único desafio a ser superado. As insatisfações se potencializaram e soluções precisam ser tomadas.

Problemas são como bombas. Precisam ser descobertos, desarmados e não podem ser manipulados por qualquer um. Precisam de pessoas habilitadas não apenas para resolver, mas para resolver em curto espaço de tempo.

Porém, como resolver? O que fazer nestes casos? Estas são algumas das perguntas que vamos esclarecer por meio de uma análise mais esmiuçada do exemplo compartilhado acima. Para facilitar mais ainda o seu entendimento, que tal analisarmos cada parte deste diálogo separadamente?

“Amor, acabei de ser demitido. Como assim? O que você fez? O que eu fiz? Eu não fiz nada. Apenas fui demitido.”

Se estamos diante de um caso de demissão, podemos inferir que se trata de um personagem que não é funcionário público e muito menos militar. Podemos dizer, sem medo de errar, que ele trabalha em uma empresa privada e está tendo sua experiência com a demissão: o encerramento de um contrato de trabalho que já previa esta possibilidade. Tendo esta informação como ponto de partida, não podemos dizer que é uma situação totalmente inesperada. Mesmo que os sinais viessem sinalizando que tal possibilidade era remota, ela nunca deixou de existir. A proposta não é falar disso especificamente, mas há inclusive especialistas que defendem que a melhor hora de procurar emprego é quando se está empregado, ou seja, a proposta é não deixar você ser inserido em um de repente que pode ser evitado apenas com sua proatividade.

Mas o que quero falar com isso? Que existem problemas que surgem em nossas vidas que são simplesmente consequências de ações do passado. Pessoas administram certas situações porque negligenciaram algumas escolhas, ações e posturas em algum momento da sua vida e depois são obrigadas a viver as consequências de suas decisões. Por outro lado, existem problemas que não possuem obrigatoriamente um culpado. Pessoas são inseridas em situações nas quais não são fruto de suas escolhas e/ou ações. Há problemas que são extremamente previsíveis, mas, como tangenciamos no início deste módulo, existem ainda

problemas que surgem “de repente” e não estão obrigatoriamente associados a alguma decisão do passado.

Precisamos ter o mínimo de percepção para identificar a origem do que vivemos. Sou culpado? Estou colhendo o fruto da ação de alguém diretamente relacionado a mim? Sou vítima de uma situação externa? Estou debaixo de um processo pedagógico de Jesus? Deus está tentando me apresentar novas possibilidades e me tirou do ambiente de conforto?

Vamos analisar a partir do nosso exemplo? A demissão de alguém pode estar associada a algo de errado que esta pessoa fez ou vinha fazendo ao longo do tempo e, desta forma, ter um culpado facilmente identificado. Todavia, esta demissão também pode ser fruto de um ambiente econômico externo, uma crise na empresa, uma perseguição de um líder e até mesmo uma reorganização corporativa e, por consequência, não termos um culpado tão facilmente identificado.

Quando uma bomba está armada, com certeza não é tempo de descobrir culpados; é hora de desarmá-la.

Quando não dedicamos o mínimo de tempo possível para investigar a origem, corremos o risco de repetir o erro, carregar uma culpa ou responsabilizar alguém indevidamente e, o que é ainda mais grave, desperdiçar um tempo valioso cuidando do que não nos levará efetivamente à solução que precisamos. No entanto, é necessário entender que há tempo para todas as coisas (Eclesiastes 3) e, quando uma bomba está armada, com certeza não é tempo de descobrir culpados; é hora de desarmá-la, afinal desperdiçar tempo neste momento pode ajudar a descobrir o causador do problema, mas não evitará a sua morte e de todas as outras pessoas que estarão ao alcance desta bomba quando ela explodir.

O que você fez? é uma pergunta desnecessária neste momento. Os esforços no primeiro instante devem ser direcionados para estabilizar o problema, estancar o sangue do paciente, eliminar o risco e conter a contaminação, ou seja, recuperar o controle da situação. Existem problemas onde não ter esta noção de gestão do tempo pode ser fatal. Não identificar o que é urgente, pode canalizar a sua atenção para pormenores que comprometerão a sua missão como um todo. Mas você deve estar se perguntando: *E que horas eu vou localizar a origem e o culpado?* Se me permite uma sugestão: Quando o problema estiver estabilizado e/ou resolvido. A informação da origem ou do possível culpado na maioria das vezes não resolve o problema, apenas evita a repetição.

- Em uma casa pegando fogo, o que é mais importante: Apagar o fogo ou descobrir o culpado?
- Uma peça de vidro quebra na cozinha e temos uma criança de um ano engatinhando no chão. O que é mais importante: Eliminar o perigo para a criança ou mobilizar todos os envolvidos para descobrir o culpado?
- Uma pessoa está se afogando e o que você faz primeiro: Descobre se a culpa foi dela ou busca o salvamento?
- O que seria mais importante no exemplo que trouxemos para nos ajudar a elucidar o assunto neste capítulo: Descobrir o culpado pela demissão ou concentrar esforços para arrumar uma solução?

Enfim, pessoas bem preparadas para estas situações, normalmente, são aquelas que estão

mais preocupadas com a solução do que com a identificação de culpados. São pessoas que possuem um senso apurado de prioridades e sua prioridade é resolver e não responsabilizar.

“O que eu fiz? Eu não fiz nada. Apenas fui demitido. Ninguém é demitido à toa. Você está me escondendo alguma coisa. Você sabia que não poderia ser demitido.”

É chegada a hora de falarmos de origens e culpados. Como falamos no parágrafo anterior, este casal escolheu o pior momento para buscar a resposta acerca do possível culpado e o ideal era que só o fizesse quando o problema estivesse estabilizado e/ou resolvido. Mas queremos aproveitar o momento para ajustarmos alguns entendimentos importantes para sua caminhada conjugal:

- 1) Da mesma forma que existem problemas em que devemos encontrar **culpados**, existem inúmeros outros em que precisamos identificar **propulsores**;
- 2) Se para diversos problemas buscamos **origens**, incontáveis outros nos chamam para a identificação de **propósitos**.

Vamos entender melhor? Começemos então com as definições:

- Culpado é aquele que é responsável (ou acusado de) por qualquer falta ou consequência desastrosa, seja por ação direta ou indireta, seja por omissão.
- Propulsores são aqueles que são usados de alguma forma para nos ajudar a decolar, sair da área de conforto que estamos inseridos e viver algo maior.
- Origem neste caso pode ser entendido como a causa raiz do problema. O que originou o que estamos vivendo.
- Propósito é a intenção. Aquilo que se deseja alcançar, finalidade e/ou intuito.

Agora que temos as definições, perceba o seguinte: Existem problemas que efetivamente possuem culpados, mas também existem problemas nos quais precisamos ter cuidado para não encarar aqueles que estão nos ajudando a crescer como um culpado indevidamente. Não é diferente quando nos propomos a falar de origem e/ou propósito. Existem situações em que precisamos nos perguntar como tudo começou (origem), todavia existem ocasiões em que o importante é entender o porquê começou (propósito). Está complicado? Veja alguns exemplos:

Fulano fumou por mais de 20 anos e agora está vivendo um câncer de pulmão. Um claro exemplo onde não precisamos fazer muito esforço para localizar a origem do problema (o vício) e o culpado do mesmo (o viciado);

O pai de Fulano o colocou para fora de casa aos 25 anos, depois de concluir a faculdade. Uma situação totalmente diferente do primeiro exemplo. Possivelmente estamos diante de um propulsor (o pai) e um propósito (dar responsabilidade / ajudar seu filho amadurecer).

Conseguiu compreender? Analisemos agora alguns exemplos bíblicos:

- Os irmãos de José foram culpados por vendê-lo como escravo ou impulsionadores de um propósito maior do qual eles nem sabiam?
- Jó foi culpado por tudo que viveu ou estava inserido em um propósito de mudança de nível? “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram” (Jó 42:5).

Mudanças de ambiente revelam novas oportunidades e crises levam a soluções nunca imaginadas.

Ficou mais claro? O objetivo é impulsionar você para uma mudança de mentalidade. É um convite a encarar as situações de forma mais amplificada e não se restringir apenas a buscar culpados para seus problemas. Que tal exercitar de agora em diante? Faça este investimento em você. Você estará muito mais preparado emocionalmente, espiritualmente e fisicamente para resolver seus conflitos com esta simples mudança de mentalidade. É hora de parar de culpar quem quer ajudá-lo a se levantar. Da mesma forma, é tempo de parar de questionar onde começou o problema e dedicar seu tempo na identificação do propósito. É a partir desta mudança de mentalidade que desempregos se transformam em oportunidades que ainda não haviam sido percebidas, mudanças de ambiente revelam novas oportunidades e crises levam a soluções nunca imaginadas.

“O que você quer que eu faça? Eu quero que você faça alguma coisa rápido.”

Pela primeira vez no diálogo, estamos diante de uma proposta de busca por solução, mesmo que ainda de forma unilateral e com uma pressão desnecessária, mas finalmente temos a oportunidade de falar sobre o que efetivamente muda a vida das pessoas: a habilidade (ou inabilidade) de se posicionar de forma assertiva em busca de soluções. É imbuído deste propósito que quero apresentar algumas chaves fundamentais para casais que querem resolver efetivamente seus problemas:

1. Identificar se ainda estão em um estágio no qual conseguem resolver sozinhos. Caso percebam que não conseguem, não adiem a solicitação de ajuda;
2. Identificar os impactos externos causados, principalmente nos filhos. O problema precisa ser resolvido com todos os envolvidos, caso contrário ele pode explodir em outro momento;
3. Adotar **medidas sustentáveis**. É hora de recorrer ao mínimo produto viável. Soluções extraordinárias, porém não sustentáveis, só aumentam a frustração;
4. Estabelecer a prática de **avaliação dos resultados**. Se os resultados não são os esperados vocês precisam lançar mão de outras estratégias o mais rápido possível.
Procrastinar pode ser fatal;
5. Não deixar de **celebrar todas as conquistas**. Por menores que possam parecer, elas são vitórias.
6. **A prioridade do olhar**. Enquanto uns focam nas limitações, outros estão atentos às possibilidades. Enquanto uns justificam que não levam suas esposas a um restaurante por falta de dinheiro, outros, na ausência do mesmo recurso, levam café na cama com o pouco que possuem. Como disse Isaac Newton: “Construímos muros demais e pontes de menos”.
7. **O modelo mental**. Alguns trabalham com a justificação, outros escolhem a inovação. Alguns dizem que não conversam mais porque não adianta, outros avaliam uma forma diferente de falar para alcançar seu objetivo. Justificam não comprar mais presentes para o seu cônjuge porque nunca conseguem acertar, enquanto também há aquele que lança mão de outras estratégias para descobrir o gosto de seu cônjuge e ser mais assertivo na próxima tentativa.

8. **A postura adotada.** Uns assumem a postura de derrotados, em contrapartida outros assumem o perfil de lutador. Uns dizem que já tentaram de tudo e desistem, outros dizem que ainda não conseguiram, mas ainda não desistiram. Uns se declaram derrotados, outros trabalham com perseverança, obstinação, não desistem e nem recuam diante dos obstáculos.

“Eu não suporto mais esta nossa situação financeira. Eu não suporto mais esta vida de privações. Eu não suporto mais você e esta sua calma.”

É extremamente comum situações de crise revelarem problemas encobertos. É muito mais frequente do que a maioria pode imaginar casais comecem a discutir por um assunto e enveredarem em uma discussão infinita de outros problemas não resolvidos. Veja este exemplo:

Você vai deixar sua mãe falar assim comigo?

Você está me responsabilizando por isso? Foi você que deu margem para isso acontecer? Lembra aquele dia que você falou com fulano e eu comentei que você não estava estabelecendo limites?

Agora a culpa é minha? E você que não faz nada para ajudar em casa? Tudo nas minhas costas e depois quer que eu tenha equilíbrio?

Mas o que isso tem a ver com a nossa conversa? Você quer falar do passado? E você lembra que quando a gente namorava.....

Percebeu? Quando negligenciamos a resolução de problemas nos expomos à possibilidade de atração de novos problemas e, por consequência, tornar insustentável o convívio simplesmente por omissão. Você percebeu que o casal já estava vivendo uma crise financeira? Não é pertinente pensar que há uma grave falha de gestão financeira neste lar? Pois é, o desemprego foi a gota d'água em um copo que já estava totalmente cheio de problemas não resolvidos e, agora, transformou-se em uma excelente desculpa para o possível divórcio.

Quando negligenciamos a resolução de problemas
nos expomos à possibilidade de atração de novos
problemas.

Mas nós precisamos lembrar: Desculpas, por melhores que sejam, não são capazes de mudar a sua realidade. Problemas não podem ser procrastinados, exigem soluções duras e comprometimento com as medidas pactuadas. Casais que adiam a solução de seus problemas abrem oportunidades para um abismo chamar outro abismo (Salmo 42:7). Mesmo sem perceber, deixam seus relacionamentos vulneráveis. Por isso, dedicamos um capítulo para falar de resíduos, sobre importância de estarmos atentos ao acúmulo de lixo das nossas relações e a responsabilidade que precisamos assumir na gestão destes resíduos.

Enfim, antes de finalizarmos mais um capítulo, deixo a seguir algumas frases e versículos comentados com o propósito de oferecer ferramentas suficientes para a superação dos “de repente” da sua vida.

“Voltei-me, e vi debaixo do sol que não é dos ligeiros a carreira, nem dos fortes a batalha, nem tampouco dos sábios o pão, nem tampouco dos entendidos o favor, mas que o tempo e a

oportunidade ocorrem a todos.” (Eclesiastes 9:11; ARC)

A palavra oportunidade em outras traduções também é apresentada como acaso e até mesmo imprevisto. Talvez este seja o melhor texto bíblico para nos alertar de que estamos todos igualmente sujeitos aos imprevistos da vida. Assim como vimos ao longo do capítulo, não desenvolvemos nenhuma espécie de imunidade, mas somos convidados a desenvolver um nível de sabedoria que nos habilite para superação dessas ditas surpresas. Se avançarmos na leitura do mesmo capítulo de Eclesiastes, veremos o autor nos apresentar a sabedoria como a melhor das armas em uma guerra e isso só reforça o que tratamos ao longo deste módulo. Não é o que você sabe que mudará a sua realidade, todavia o que você faz com o seu conhecimento em momentos de crise. A habilidade em transformar conhecimento em atitude nós podemos chamar de sabedoria.

As ferramentas apresentadas neste capítulo, por melhores que sejam, precisam ser utilizadas dentro da premissa da sabedoria e, como quem teme a Deus, evitando os extremos (Eclesiastes 7:18). O divórcio, a desistência, o suicídio e a perda da fé são alguns exemplos do que podemos chamar de extremo. Enfim, por mais que nos esforcemos para entender o sentido das coisas, enquanto homens não encontraremos (Eclesiastes 8:17), logo a orientação é que desfrutemos a vida com a mulher a quem amamos, todos os dias desta vida sem sentido que Deus nos dá debaixo do sol; todos os dias sem sentido! Pois esta é a recompensa na vida pelo seu árduo trabalho debaixo do sol (Eclesiastes 9:9). Em resumo: Por mais desafiador que seja o problema que você está enfrentando, enfrente-o com sabedoria e, enquanto não o supera, não deixe de desfrutar a vida com a mulher a quem ama. Agir com sabedoria exige fugir dos extremos, logo podemos concluir que a proposta é sempre a do equilíbrio.

A habilidade em transformar conhecimento em
atitude, nós podemos chamar de sabedoria.

“Somos como Cinderela, e este mundo pode ser comparado à nossas malvadas meias-irmãs. Por quanto tempo continuaremos chorando diante da lareira cheia de cinzas de ontem enquanto o príncipe está à porta? Você tem tudo para viver a vida que apenas Ele poderia sonhar para você.” (Lisa Bevere)

Por que deixar o “de repente” responder por você? Precisamos que você entenda que as crises, os “de repente”, os imprevistos, as surpresas e até mesmo as tragédias não são o fim, apenas o meio; mas para que sejam efetivamente o meio, você precisa decidir não permitir que interfiram no seu destino. Elas podem até diminuir a sua velocidade, podem inclusive diminuir a visibilidade, mas não podem, de maneira alguma, retirar de você a fé, ou seja, a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos (Hebreus 11:1).

Lisa Bevere, em seu livro *Sem Rivals*, diz que o que realmente importa em meio às flutuações do percurso é quem você é e a quem você pertence. Talvez possamos, no contexto deste capítulo, reescrever esta frase da seguinte forma: *O que realmente importa em meio às surpresas do percurso é quem você é, a quem você pertence e quem faz parte da sua promessa.* Com este pequeno ajuste, possivelmente ficará mais fácil você perceber que homem e mulher foram criados para serem diferentes fisicamente, mas nunca para caminharem em propósitos diferentes. Sem a união de marido e mulher, muitas batalhas

não podem ser vencidas e, por consequência, muitos propósitos não podem ser vividos.

Quanto maior a pressão externa, maior será a evolução interna.

É aquecendo uma barra de aço até que ela fique maleável e dando marteladas nela para modelar o metal e formar a lâmina que uma espada é forjada. A pressão externa e o nível de exposição que você está disposto a enfrentar farão de você o indivíduo que Deus planejou. Perceber o que podemos tirar de melhor das situações vividas transforma o processo em uma escola, você em um aluno e Deus no grande professor. Se Jesus, que era Filho, aprendeu a obediência através daquilo que sofreu (Hebreus 5:8), por que você insiste em fugir do processo? Viva o processo, enfrente o seu “de repente” e mais do que vencê-lo, busque aprender com a situação na qual foi inserido.

“Os perdedores veem as tempestades e recuam; mas há aquele que, no mesmo ambiente, procura ver a oportunidade de cultivar.” (Augusto Cury)

Não sei qual é o seu comportamento diante dos temporais da vida, mas não podemos concluir este capítulo sem lembrar:

1. *“Ninguém põe vinho novo em odre velho...”* (Marcos 2:22) – Aproveite os “de repente” para substituir seus odres. O choro pode durar uma noite, mas a alegria virá pela manhã e precisará de um novo odre para repousar. Reveja os seus modelos mentais, reavalie as suas crenças, dedique algum tempo para avaliar as suas posturas, ajuste os comportamentos necessários, enfim, saia deste “de repente” melhor do que você era quando ele começou;
2. *“Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.”* (Mateus 6:34) – O medo, a indecisão, os questionamentos e as dúvidas geram um estado mental que nos impede de receber de Deus, pela fé, nossas respostas e direção. Por mais desafiadora que seja a situação, você continua, ou pelo menos deveria continuar, sendo o gestor de suas emoções.

Perceber o que podemos tirar de melhor das situações vividas transforma o processo em uma escola, você em um aluno e Deus no grande professor.

Todo “de repente” traz consigo algumas **necessidades**. Toda necessidade exerce sobre nós um tipo de **pressão**. Toda pressão **desafia nossas estruturas** (físicas, mentais e espirituais). Este desafio pode se revelar como uma **fonte ou um furto de energia** e isso impacta diretamente a sua **conduta**. A forma como você lida com este **processo** será determinante no **resultado final**. Navegar é preciso, enfrentar a tempestade é necessário, todavia, saber em que estado vamos chegar do outro lado é indispensável.

A maturidade se desenvolve basicamente por meio de duas ações: testes e respostas.

Quero aproveitar a oportunidade para lembrar que, ao longo da vida, somos submetidos a testes que possuem o propósito de nos impulsionar em direção à maturidade: o crescimento em graça, sabedoria e estatura. A forma como reagimos ou respondemos a tudo isso é o que definirá nosso tamanho final. Em outras palavras, a forma como você

reage a todos os “de repente” da sua vida definirá o tamanho que você alcançará no final do processo. Quem quer ser grande precisa entender sua autorresponsabilidade diante daquilo que Deus colocou ou permitiu que fosse colocado diante de você.

Ufa, terminamos este capítulo cheio de confrontos e desafios, mas também cheio de sabedoria para melhorar a forma como você e seu cônjuge enfrentam os problemas juntos. Um lar que permanece em paz mesmo em meio às circunstâncias mais difíceis é um lar saudável que faz a diferença na vida dos indivíduos que nele habitam. Meu maior desejo é que esse conteúdo ajude você a construir esse tipo de lar, um lugar seguro onde a presença e a paz do Senhor trazem refúgio em meio à tempestade.

E, falando sobre paz, como está o seu coração em relação ao futuro? Está sintonizado com o do seu cônjuge? É o que iremos ver no próximo capítulo. Vamos lá!

Construindo uma base sólida

Eclesiastes 3; 9:11; 7:18; 8:17; 9:9

Salmo 42:7

Jó 42:5

Hebreus 11:1; 5:8

Marcos 2:22

Mateus 6:34



Não basta querer, vocês têm que planejar.
Sonhos só se realizam para aqueles que planejam juntos.



8

E O FUTURO? A DEUS PERTENCE?

*“Alice perguntou ao gato Cheshire...
Pode me dizer qual caminho eu devo tomar?
Isso depende muito do lugar para onde você quer ir – disse o gato.
Eu não sei para onde ir – disse Alice.
Se você não sabe para onde ir, qualquer caminho serve – responde o gato.”*
Trecho de Alice no País das Maravilhas (Lewis Carroll)

S seja bem-vindo ao capítulo que reservei para tratar sobre futuro, planos, ambições e/ou expectativas do casal para curto, médio e longo prazo. Como mencionei em outros capítulos, sempre que tenho oportunidade incentivo as pessoas a sonhar, planejar, desejar e criar expectativas. Sonhar é bom, mas para que o sonho se torne ótimo ele precisa estar alinhado com Deus. Os planos de Deus são melhores, mas não abrimos mão do nosso direito de apresentar os nossos e confirmar a concordância do Pai. Contudo, uma vez casados, não podemos nos esquecer de apresentar os planos também para o cônjuge, não é mesmo? E o que fazer quando não há concordância entre marido e mulher?

Pois bem, tenho aqui o ousado objetivo de conduzir a reflexão acerca deste assunto chamado visão de futuro do casal e responder os seguintes questionamentos:

1. Até que ponto temos governabilidade de nossa vida considerando a soberania de Deus?
2. Sabendo que, uma vez casados, homem e mulher tornam-se apenas um, como ficam os sonhos pessoais?
3. É possível um casamento em que ambas as partes se sintam realizadas?
4. Meu cônjuge é inflexível. Minha esposa não é submissa. Meu marido não quer ceder. E agora? O que fazer? Quem está certo e quem está errado, afinal?

Ao longo do tempo e dos recorrentes pedidos de ajuda que recebo, tenho visto vários casais travarem verdadeiras batalhas por não conseguirem o mínimo de alinhamento possível em relação ao futuro. Isso vai muito além das decisões acerca do bairro onde pretendem morar ou do carro que almejam comprar, por exemplo. Um quer filhos e o outro considera desnecessário; a esposa deseja crescer profissionalmente e o esposo entende que ela deve cuidar da casa e das crianças; o esposo quer melhorar de vida e a esposa o

critica por ser ambicioso demais; um sonha morar no exterior e o outro não quer sair de perto de seus pais; enfim, casais que possuem visões de futuro tão antagônicas que impossibilitam todo e qualquer tipo de diálogo sobre o tema.

Entretanto, você que está lendo este livro talvez esteja se perguntando: “Mas eles não combinaram isso antes?” Pois é, a maioria de nós não tomou o cuidado de aproveitar o namoro para estabelecer este tipo de alinhamento, para tentar casar com alguém que tenha sonhos não semelhantes, porém compatíveis. Muitos estavam mais preocupados em responder aos impulsos da paixão do que identificar a pessoa que o ajudaria tornar o casamento sustentável a longo prazo. E antes que você faça a segunda pergunta: “Mas isso tem solução?”, quero lhe dizer que é exatamente sobre esta solução que vamos falar neste capítulo. Não apenas é possível, como é mais fácil do que a maioria pode imaginar.

Para melhor aproveitamento do conteúdo que já começamos a explorar aqui, sugerimos que, antes de avançar no tema, você dedique alguns minutos para responder o seguinte questionário. Não tenha pressa em responder. Se precisar, releia a pergunta quantas vezes for necessário. A intenção é que você identifique a real situação deste tema no seu matrimônio. O objetivo não é, pelo menos por enquanto, apontar os erros e acertos, mas apenas lhe fazer perceber alguns indícios de que o assunto precisa ser melhor avaliado. Topa este desafio?

Perguntas	Sim	Não
1. Você já apresentou, em algum momento, seus sonhos para o seu cônjuge?		
2. Você conhece realmente os sonhos do seu cônjuge?		
3. Estes sonhos são compatíveis com os seus?		
4. Vocês já conversaram sobre o assunto tentando estabelecer um planejamento conjunto?		
5. Estes sonhos foram considerados na decisão do casamento?		
6. Você se considera caminhando em direção do seu sonho?		
7. Seu cônjuge está tendo as mesmas oportunidades?		
8. Você está abrindo mão do seu sonho para embarcar no do seu cônjuge?		
8.1. Isso deixa você confortável?		
8.2. Se não está confortável, seu cônjuge sabe do desconforto?		
9. Há a mesma disponibilidade em ceder em ambas as partes?		
10. Há bom senso em avaliar o que é mais interessante para o todo?		
11. Há o mesmo nível de investimento nos sonhos de ambas as partes?		
12. A possibilidade de realização do outro, mesmo em meio à sua não realização, o assusta?		

E aí? Foi difícil? Como disse anteriormente, a proposta não é debater as respostas certas ou erradas. Acredito que, no final desta leitura, vocês conseguirão fazer isso com bastante propriedade e, de preferência, sem brigar diante de possíveis divergências de opinião. Por enquanto, quero apenas pedir a sua atenção para a quantidade de respostas “não”. Este é um excelente alerta quanto à necessidade de dedicação neste capítulo. A submissão, a habilidade em ceder ou até mesmo a anulação de uma das partes poderiam estar mascarando possíveis insatisfações, mas agora temos em mãos a rica oportunidade de ajustar o plano de voo do casal.

Como fazemos em todos os capítulos, começemos a discussão de forma mais efetiva a partir de um exemplo. Suponhamos o seguinte diálogo:

Esposa: Amor, amanhã eu vou ao médico. Quero iniciar um tratamento para engravidar.

Esposo: Engravidar? Agora? Mas eu quero terminar meu doutorado e, cá entre nós, uma criança agora ia atrapalhar muito a nossa liberdade. Será que não podemos esperar

mais um pouco?

Esposa: Amor, eu já tenho 35 anos e esses tratamentos costumam ser longos. Se não começarmos agora, corremos o risco de ser pais muito velhos.

Esposo: Você sabe que estes tratamentos são bastante agressivos, não sabe? As mulheres costumam até engordar. Além de serem bem caro, não é mesmo?

Esposa: Mas eu quero ter um filho. Não me interessa se vou engordar. Quanto o preço, nós temos total condição de custear. Se necessário vendemos uma moto.

Esposo: Vender uma moto?

Esposa: Por que não? Você tem três.

Esposo: É melhor pensarmos nisso depois com mais calma.

Esposa: Depois quando?

Esposo: Quando eu terminar o doutorado. Pode ser?

Esposa: Mas você falou isso quando começou a pós-graduação. Venho adiando meus sonhos para apoiar os seus há anos. Agora não seria a sua vez de apoiar o meu?

Esposo: Sim. Mas filho é uma coisa que envolve os dois e eu não me sinto preparado para ser pai.

Poderíamos trocar a gravidez por outro exemplo? Uma cirurgia plástica adiada há anos? Quem sabe a compra de uma casa para deixar de morar no mesmo terreno dos pais de uma das partes? Estamos diante de uma situação muito comum em diversos lares: o chamado conflito de interesses. Neste caso, vemos a esposa tendo suas intenções frustradas, mas poderia tranquilamente ser o homem a parte não correspondida. Não pense que só as mulheres encontram dificuldades deste tipo. A grande questão é: Como resolver? Para facilitar então o entendimento, vamos dividir e avaliar o nosso exemplo em partes, como já temos feito até então.

“Amor, amanhã eu vou ao médico. Quero iniciar um tratamento para engravidar. Engravidar? Agora? Mas eu quero terminar meu doutorado e, cá entre nós, uma criança agora ia atrapalhar muito a nossa liberdade. Será que não podemos esperar mais um pouco?”

Estamos diante de um dos maiores desafios da vida conjugal: quando não há oportunidade para uma escolha pessoal completa, porém a necessidade de uma parceria, uma decisão conjunta ou a concordância de ambas as partes para dar continuidade a uma determinada ação. Há obrigatoriamente a necessidade de se chegar a um comum acordo, e, isso posto, temos uma excelente oportunidade para falar de dois temas extremamente importantes quando tratamos de futuro: **prioridades e negociações**.

De uma forma bem geral, precisamos entender que **casamentos sobrevivem a ambientes onde as prioridades são diferentes, mas não suportam a inabilidade para condução de boas negociações**. Infelizmente, muitos cônjuges não conseguem perceber que, no casamento, as prioridades deixam de ser pessoais e intransferíveis e precisam ser obrigatoriamente discutidas com a pessoa que ele(a) escolheu para viver uma vida inteira. Esta discussão podemos chamar de negociação. E lembre-se: Quanto mais díspares são as prioridades, maior será a necessidade de boas negociações. No trecho que destacamos do nosso exemplo para ilustração do problema, temos claramente um casal com prioridades diferentes e uma “tentativa” de negociação. Talvez possamos até dizer que a pré-disposição

de uma das partes para a negociação não seja tão genuína e, por isso, nos deparamos com o início de um conflito conjugal.

Mas como resolver? O que eu, enquanto esposo(a), preciso saber sobre prioridades e negociações, afinal? E quando a outra parte não está disposta a negociar, o que fazer? Vamos por partes e, para facilitar o entendimento, comecemos por ajustar alguns entendimentos:

- a) Toda negociação traz consigo, obrigatoriamente, um nível de discussão e, como em qualquer boa negociação, deve (ou pelo menos deveria) buscar o famoso ganha-ganha, ou seja, todas as partes ficam satisfeitas de alguma forma ao término da negociação. Caso contrário, temos um ruído pós negociação para resolver: a insatisfação.
- b) Não avançamos em nenhuma negociação sem a devida pré-disposição dos envolvidos não apenas de negociar, mas de abdicar quando necessário.
- c) Planejamentos ou acordos pós-negociação precisam ser cumpridos. Sabemos que nenhum planejamento está impedido de um certo nível de flexibilidade, mas não podemos confundir flexibilidade com volatilidade e muito menos leviandade.
- d) Em toda negociação, identificamos níveis diferentes de poder e autoridade. O grande desafio é **não** adotar uma postura coercitiva diante do poder que lhe foi confiado e muito menos utilizar da suposta autoridade para assumir uma postura de autoritarismo. Não entendeu? Talvez o exemplo abaixo ajude a nossa memória:

“Não vai comprar porque quem trabalha sou eu” é um nítido exemplo de postura coercitiva e adoção de autoritarismo por meio da autoridade que o dinheiro lhe confere naquele momento.

Conseguiu perceber? Nestes casos não há abertura para uma negociação justa. Há a imposição de uma decisão com base em uma autoridade ou um poder que lhe foi confiado mesmo que de forma temporária.

- e) Prioridades são definidas após o processo de negociação. São apresentadas ao longo da negociação com as devidas argumentações, mas só podem ser definidas depois da negociação. Só não podemos esquecer que os argumentos precisam ser fundamentados em princípios inegociáveis: verdade e transparência. Negociações baseadas em mentiras e obscuridade são insustentáveis. Normalmente, a mentira é um atributo utilizado por negociadores não preparados e que justificam os meios pelo fim.
- f) Não ter a sua opinião ou a sua vontade como a eleita não é sinônimo de derrota, porém de abdicação e/ou escolha baseada em bons critérios apresentados. Sair de uma negociação com o entendimento de derrota não o insere no próximo estágio: o investimento na realização do planejado.

Agora que ajustamos os entendimentos, podemos voltar ao nosso exemplo com um pouco mais de ferramentas para análise. Temos diante de nós uma esposa que quer realizar um sonho que envolve o casal como um todo e, isso posto, não “poderá” concretizá-lo sem a aprovação do marido. Como ela não exerce nenhum tipo de poder ou autoridade sobre o cônjuge, faz-se necessário uma negociação em que ambas as partes possuem o mesmo poder de decisão. Neste caso, o último recurso é a argumentação. A esposa inicia então a

negociação neste trecho do diálogo. De forma transparente, objetiva e bastante clara ela relembra seu sonho. A prioridade da esposa é a gravidez, e a prioridade do marido é a liberdade. Como podemos ver, a esposa apresenta claramente seu desejo, contudo o esposo não deixa clara sua discordância. Ele utiliza dois argumentos distintos entre si:

- 1) É cedo. Vamos adiar.
- 2) Será um impedimento para nossa liberdade.

Enfim, temos prioridades incompatíveis e uma demanda por negociação, todavia, faltando componentes indispensáveis para o sucesso. Como resolver? Suspendendo a negociação e revendo valores internos. Dedicando todos os esforços possíveis para corrigir as “meias verdades” e retomar a conversa com os valores certos.

“Amor, eu já tenho 35 anos e estes tratamentos costumam ser longos. Se não começarmos agora corremos o risco de ser pais muito velhos. Você sabe que esses tratamentos são bastante agressivos, não sabe? As mulheres costumam até engordar. Além de ser bem caro, não é mesmo?”

Analisando o trecho anterior, falamos da importância da verdade nas negociações com vistas à priorização. Aproveitamos a oportunidade para destacar a fragilidade de negociações, priorizações, escolhas e planejamentos que desconsideram este valor. Entramos agora no segundo trecho da nossa história e percebemos o esposo usando novas desculpas para justificar a verdade que ele não conseguiu assumir até o momento: ele não está preparado para ser pai.

Talvez eu esteja sendo até repetitivo em reafirmar que dois erros não fazem um acerto, mas preciso recorrer a essa frase para dizer que duas mentiras também não constroem uma verdade. Esse tipo de comportamento aumenta o desgaste da negociação e transforma a outra parte em um oponente que se vê precisando defender um ponto de vista e lutar por seu interesse. Não temos mais uma negociação, porém um conflito de interesses. Importante: Por mais dura que seja a verdade, ela precisa ser dita e não pode ser procrastinada. Mentir é uma forma suja de retirar do outro o direito de escolha diante da verdade. Mas não quero aqui falar novamente da importância da verdade e/ou sobre priorização e negociação. Quero falar de maturidade. Apesar de terminar com o sufixo “idade”, estamos diante de algo que não se obtém obrigatoriamente vinculado com o tempo ou com a idade. Maturidade é algo que precisa ser trabalhado e buscado com afinco: não vem de graça com o tempo. Você já percebeu que não é muito incomum ver pessoas que crescem em estatura, alcançam uma certa idade, mas continuam apresentando dificuldade para se comportar como adulto (1 Coríntio 13:11)?

Duas mentiras não constroem uma verdade.

Sem maturidade, não há qualquer condição de estabelecer alguns diálogos e, quiçá, planejamentos. Casais que negligenciam o desenvolvimento da maturidade, pessoal e relacional, administram conflitos desnecessários mais cedo ou mais tarde. Pessoas imaturas desenvolvem desculpas imaturas para justificar seus “nãos”: “Eu não quero porque não quero”; “Eu não vou e pronto”. Então, estabelecer alguns tipos de diálogo onde não há maturidade, seja ela, mental, emocional e/ou espiritual, tende a ser extremamente desgastante e improdutivo. A maturidade precisa ser percebida como pré-requisito e, assim sendo, uma atenção primária do casal. Pode-se até adiar uma decisão, mas não se pode de

forma alguma adiar a busca pela maturidade. É papel dos cônjuges se ajudarem mutuamente no desenvolvimento desta competência. Mas como fazer isso? Com a prática. Sabemos da importância do conteúdo formal, escrito e transmitido em sala de aula, porém sabemos que a prática é a melhor forma de desenvolvimento. Abraão foi desenvolvido no percurso. Davi foi forjado na trajetória entre pastor e Rei. José não dormiu e acordou governador.

As experiências práticas foram transformando essas pessoas e acredito que da mesma forma acontecerá com você. Porém, para esta crença se tornar verdade, você precisa estar disposto a se abrir para os feedbacks, despende energia nas correções necessárias e se lançar novamente na arena da vida. Este é o modelo de aprendizagem no qual acredito e que identifico em vários personagens bíblicos: prática, feedback, correção e mais prática. Fugir, procrastinar, fingir que o problema não existe e esperar as coisas se resolverem sozinhas são posturas que não ajudam em nada no processo de aprendizagem e muito menos o desenvolvimento da maturidade, seja ela qual for: mental, emocional e/ou espiritual. A grande questão é que recorrentemente trabalhamos com os extremos: ou nos eximimos da responsabilidade de resolver ou criamos paliativos para um problema que precisava ser eliminado. Vocês já viram, por exemplo, cônjuges que tratam o(a) esposo(a) como filho? Pois este é apenas um exemplo de paliativo muito comum. *“Meu/Minha esposo(a) é tão imaturo(a) que eu preciso resolver as coisas por ele(a)”*; *“Deixa eu resolver logo isso antes que ele(a) chegue. Ele(a) não tem maturidade para resolver esta questão”*; *“Ele é um marido tão bom que nem brigo com ele por gastar todo o nosso dinheiro com videogames”*; *“Ela é uma mãe tão dedicada que fico até com pena de dizer não. Prefiro ficar todo endividado do que contrariá-la”*. Estes pensamentos e atitudes não ajudam o seu cônjuge a desenvolver a maturidade que precisa para viver a vida de casado.

Como normalmente faz uma criança, na primeira crise quer parar com a brincadeira, neste caso, o casamento. A frustração é algo que só os maduros conseguem gerenciar. É no auge de sua imaturidade que o esposo do nosso exemplo começa a lançar inúmeras desculpas para não realizar o sonho da esposa e, acredite, o problema na maioria das vezes não está no sonho, mas no que ele supostamente irá perder: a liberdade, a dedicação integral da esposa, ser o centro das atenções, poder gerenciar seu tempo da forma que bem desejar, etc.

A frustração é algo que só os maduros conseguem gerenciar.

É nesta imaturidade que ele lança mão de um argumento que normalmente é extremamente ofensivo para as mulheres:

“Você sabe que as mulheres costumam engordar com estes tratamentos, né?”

Em meio à sua imaturidade, ele espera que ela seja tão imatura quanto e abra mão do seu sonho pela possibilidade de engordar. Será que ele pensou que alguém que deseja uma gravidez tem medo de engordar temporariamente? Quanto mais cedo tratamos nossas imaturidades, mais cedo nós mostramos aprovados para o próximo nível: a próxima fase deste *game* chamado casamento.

“É melhor pensarmos nisso depois com mais calma. Depois quando? Quando eu terminar o

doutorado. Pode ser? Mas você falou isso quando começou a pós-graduação. Venho adiando meus sonhos para apoiar os seus há anos. Agora não seria a sua vez de apoiar o meu?”

Diante da ausência de opções, a esposa lança mão de uma coisa chamada retribuição. “Será que agora não seria a sua vez de apoiar o meu?”, ou seja, será que não é chegada a hora de você retribuir tudo que eu fiz por você até agora? Será que não é o momento de eu colher o que plantei? A princípio, podemos dizer que o pensamento da esposa não está errado, não é mesmo? Baseando-se no princípio da semeadura, a esposa reivindica um suposto direito, em resumo, ela quer colher o que semeou. Se é verdade que quem semeia vento colherá vento (Oséias 8:7), da mesma forma podemos afirmar que quem semeia pouco, pouco ceifará e o que semeia em abundância, em abundância ceifará (2 Coríntios 9:6). Por que a esposa que semeou maturidade, abdicação e cooperação aos sonhos do esposo agora colherá imaturidade, resistência e relutância em cooperar com seus sonhos? Isso ocorre porque normalmente não há um diálogo aberto e sincero sobre as expectativas e, diante deste diálogo, começa-se a esperar do outro aquilo que ele nunca prometeu. Não podemos dizer que estamos diante de uma exceção da lei da semeadura, afinal, princípios são inegociáveis diante de Deus, logo não possuem exceções.

Talvez você esteja se perguntando: “Mas como assim? Ela precisava dizer por que ela está adiando seu sonho? Isso não ficou claro para ele?” Respondendo a primeira pergunta, se até Deus nos sugere fazer prova Dele quando semearmos (Malaquias 3:10), por que não podemos ter o mesmo comportamento nos relacionamentos humanos? Qual o erro em combinar o jogo com seu cônjuge? “Amor, vou adiar meu sonho até a conclusão da sua pós-graduação, mas depois não vou esperar nem mais um dia, combinado? Quando você estiver no último semestre já vou começar a procurar o médico e quero que você vá comigo, ok? O que seria isso? Nada mais do que a esposa alinhando prazos, reforçando acordos, colhendo o “de acordo” da outra parte, adiando um sonho, todavia colocando um prazo para este adiamento.

Não podemos dizer que o adiamento estava claro para ele, mas com as respostas acima teríamos muito mais certeza do quão claro ficou, não é? Se há expectativa de alguma retribuição ela deve ser combinada. Pessoas diferentes apresentam comportamentos diferentes e não podemos deduzir que o outro irá agir como nós agiríamos. Vale combinar, confirmar, perguntar, alinhar e verificar. O que não pode é criar expectativa em cima de uma coisa que não foi prometida. Se observarmos a resposta do esposo neste diálogo, “é melhor pensarmos nisso depois com mais calma”, vamos perceber que ele está novamente fugindo do acordo. Ele está dizendo que topa pensar com mais calma depois. Se a esposa deixar o diálogo findar desta forma, ela não terá um compromisso na mão, terá apenas a promessa de pensar novamente sobre o assunto. Muitos casamentos acabam diante do problema **expectativa x retribuição**. Vamos ver alguns exemplos para ilustrar:

a) “Quando nos casamos fomos morar no quintal da minha sogra, mas eu imaginei que seria somente por um tempo.”

Pergunta: Ele(a) prometeu um prazo? Vocês conversaram sobre este prazo? Ao longo do tempo foram evidenciados esforços para cumprimento deste prazo? Onde está o problema? Na expectativa equivocada ou na retribuição?

b) “Quando nós namorávamos, ele(a) era extremamente ciumento e eu muito ignorante. Com o tempo eu mudei, mas ele(a) não mudou uma vírgula.”

Mas esta mudança foi prometida? O que gerou a certeza da mudança? A mudança dele foi condicionada em algum momento à sua ou você criou esta expectativa individualmente?

Os exemplos ajudaram a elucidar o problema? Observe que não estou dizendo quem está certo ou errado, quero apenas focar nossa atenção na questão da expectativa x retribuição. Quando não há o devido alinhamento, com certeza há confusão.

Perceberam o quanto é desafiador o assunto futuro para a maioria dos casais e o quanto costumamos complicá-lo ainda mais negligenciando detalhes tão importantes? Não quero minimizar o seu problema, mas sigo com a certeza de que, com o conhecimento aqui compartilhado, você será capaz de escrever uma história muito mais assertiva daqui em diante. Além disso, faço questão de lhe assegurar que a Bíblia nos dá bases sólidas para o que estamos abordando neste capítulo. Vale a pena destacar alguns trechos bíblicos e comentar sobre como se aplicam a este tema e a nossos matrimônios.

Provérbios 24:14 diz: *“Saiba que a sabedoria também será boa para a sua alma; se você a encontrar, certamente haverá futuro para você, e a sua esperança não vai decepcioná-lo”*. A sabedoria vai muito além de inteligência, conhecimento, certificações, cursos concluídos ou coisas semelhantes. Sabedoria é a “arte” de colocar em prática (de forma assertiva) o conhecimento adquirido independente da situação vivida. Busque a sabedoria! Faça como Salomão, peça a Deus sabedoria (1 Reis 3). Assuma as suas limitações para Deus como fez o Rei Salomão (1 Reis 3:7-8) e peça a Ele discernimento para conduzir os conflitos, os impasses, as divergências de prioridades e os sonhos que estão sendo frustrados. Se lhe falta sabedoria, peça a Deus que lhe dará de boa vontade (Tiago 1:5-8). O que transformará a sua vida não é o conhecimento acumulado ao longo dos anos, por mais valioso que ele seja. Mudanças só acontecem com atitudes. Mude a forma de se comunicar, de apresentar seus sonhos, de estabelecer as prioridades, de se posicionar no seu relacionamento e até mesmo de aceitar recuar ou abdicar quando necessário, mas faça com sabedoria e entendendo que o princípio da sabedoria é o temor ao Senhor.

Mudanças só acontecem com atitudes.

Casais que não investem em sabedoria gastam recursos resolvendo conflitos que poderiam ser evitados. Lembre-se que, como diz Leonardo Boff, todo ponto de vista é a vista de um ponto. Mostre-se sempre disposto a observar o ponto de vista do outro, porém não se esqueça: Buscar entender o ponto de vista do outro não significa ignorar sempre o seu.

Outro trecho bíblico de muita valia aqui é o que se encontra em Jeremias 29:11: *“Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês”, diz o Senhor, ‘planos de fazê-los prosperar e não de causar dano, planos de dar a vocês esperança e um futuro’*. Os planos de Deus são bons, todavia somos chamados o tempo todo a cooperar. Em outras palavras, precisamos fazer a nossa parte, com a colaboração ou não do cônjuge. “Um casamento normalmente melhora com 50%”, ou seja, com os 50% que estão sob a sua responsabilidade. Muitos planos simplesmente não se concretizam porque nunca foram expostos, pleiteados, negociados e/ou perseguidos. Condicionar os seus 50% aos 50% da outra parte é no mínimo dar ao outro autoridade sobre uma coisa que ele(a) não tem: a sua vida. Quero lhe impulsionar a fazer tudo que está ao seu alcance, e confiar que Deus fará o que compete a

Ele e que seu cônjuge será movido por uma atmosfera que não tem como negar ou fugir. “Se ele não mudar eu não mudo”; “Se ela não abrir mão de nada eu também não vou facilitar”; “Se não for do meu jeito eu não quero”; “Se não for agora também não quero mais”. Estas frases não ajudam, pelo contrário, elas amarram a sua parte ao outro de forma equivocada e impedem que o processo flua como um todo, simplesmente pelo condicionamento da sua ação a uma reação / resposta / ação da outra parte.

Por fim, Jó 8:7 diz que “O seu começo parecerá modesto, mas o seu futuro será de grande prosperidade”. Chegou a hora de se encorajar mesmo diante de pequenos resultados. É muito comum pessoas desistirem simplesmente porque não conseguiram ainda colher os resultados esperados e na proporção que desejavam. “Já fiz de tudo e nada mudou”; “Já tentei tudo que você está me ensinando e ele mudou muito pouco”. Estas frases são muito comuns e normalmente são substituídas por uma desistência, mas eu gostaria de aproveitar a oportunidade para lhe dizer que, se você conseguir superar esta fase e persistir com disciplina, com certeza alcançará os resultados necessários. Você precisa apenas ser fiel no pouco, ser persistente diante dos supostos pequenos resultados e entender que a mudança de hábitos, a disciplina e a adoção de novas posturas irão de fato mudar os seus resultados, mas muitas vezes precisam antes corrigir equívocos do passado e, dependendo do tamanho deste passado, pode postergar um pouquinho os resultados tão sonhados. Entenda que recomeços são novos começos e estes começos podem parecer modestos, mas, se você se mostrar aprovado nesta etapa, com certeza o futuro será de grande prosperidade. As primeiras novas negociações podem ainda não ter gerado grandes resultados, você ainda continua sendo a parte que mais abre mão, o poder e a autoridade ainda estão sendo utilizados de forma equivocada, mas se você já mudou o que precisava, o resultado é questão de tempo.

Estamos caminhando para o fim deste capítulo, e a melhor maneira de finalizá-lo é deixando quatro reflexões para você meditar:

1. *Entre o início e o fim há uma coisa chamada caminho e, é inserido neste caminho que somos convidados a responder os testes que nos são lançados.*

Os testes não foram feitos para nos matar (1 Coríntios 10:13), todavia para nos forjar. A forma como você reage aos testes ditará o ritmo da sua caminhada entre as etapas de propósito, promessa e milagre.

2. *Combinar é melhor do que frustrar.*

Lembra do famoso ditado popular “o combinado não sai caro”? E do texto bíblico “é melhor obedecer do que sacrificar” (1 Samuel 15:22)? Podemos garantir que, da mesma forma, combinar é melhor do que frustrar. Casais inteligentes investem em tempo de qualidade e aproveitam parte deste tempo para realizar seus combinados. Não espere a crise para realizar as negociações necessárias. Aproveite o momento de calma para definir o rumo da viagem.

3. *Fique vermelho por cinco minutos para não ficar amarelo pelo resto da vida.*

Sabe quando não dizemos o que precisamos dizer com receio da indisposição, com medo do problema que pode ser gerado, com a preocupação do quão duro precisará ser e com pensamento de que talvez a coisa se resolva sozinha? Acredite: Você está evitando ficar vermelho por 5 minutos, mas não conseguirá evitar ficar amarelo o resto do tempo de convívio. Em outras palavras, entre um desconforto momentâneo ou duradouro, você está

escolhendo o duradouro. Casais inteligentes sabem que é muito melhor ter um problema pontual do que administrar uma bagagem desnecessária ao longo da viagem. A experiência nos diz que o peso da bagagem que é suportado no início do caminho se torna um fardo em poucos quilômetros percorridos. Seja pontual em suas questões e lembre-se: isso não significa ser sem educação, descortês, ignorante e assim por diante. Ser pontual é simplesmente resolver o que precisa ser resolvido no momento certo.

4. *“Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja, sendo Ele próprio o salvador do corpo.”* (Efésios 5:22-23; ARC)

Não podemos esquecer que na cabeça estão as nossas orelhas e ouvidos, logo podemos concluir que a cabeça também precisa ouvir e, para ele ouvir, a esposa precisa falar. Ser a cabeça não lhe dá o direito de negligenciar a opinião da esposa e, apesar de isso me parecer óbvio, optei por incluir esta dica porque percebi que muitas pessoas têm se perdido neste entendimento. Alguns mais ousados chegam inclusive a classificar a Bíblia como machista diante de versículos como este. Parece que estamos tão interessados em descobrir o que é mais importante que não percebemos que um corpo não funciona sem a cabeça, mas também não funciona sem o coração, sem os pulmões, sem os rins e assim por diante. Todos os órgãos possuem suas responsabilidades e é no todo que eles garantem o pleno funcionamento do corpo. Assim também é no casamento. A cabeça lhe são atribuídas maiores responsabilidades, mas isto não faz dele o dono da verdade. A cabeça lhe são conferidas as decisões, mas não lhe garante o direito de legislar em causa própria arbitrariamente. Em meio a estes equívocos, maridos não deixam suas esposas investirem em suas carreiras mesmo elas apresentando mais condições de mudar a realidade financeira da família. Inseridos nestes pensamentos equivocados e excludentes, é que muitos esposos não apoiam a visão de futuro de suas esposas e se colocam como donos da verdade defendendo que a esposa deveria ser mais submissa do que auxiliadora. Posso dar inúmeros nomes a este tipo de comportamento, mas prefiro dizer que isso é desperdício de recurso. Se é bom que o homem não viva só e você possui uma auxiliadora, por que não utilizar este recurso? Por que não dialogar, tomar decisões juntos e até mesmo encontrar na esposa habilidades que não são tão comuns nos homens? Homens e mulheres precisam rever seus modelos de tomada de decisão se querem planejar seu futuro. Precisam entender que estão debaixo da mesma missão (submissão) e que só alcançarão suas promessas se entenderem que precisam estar juntos.

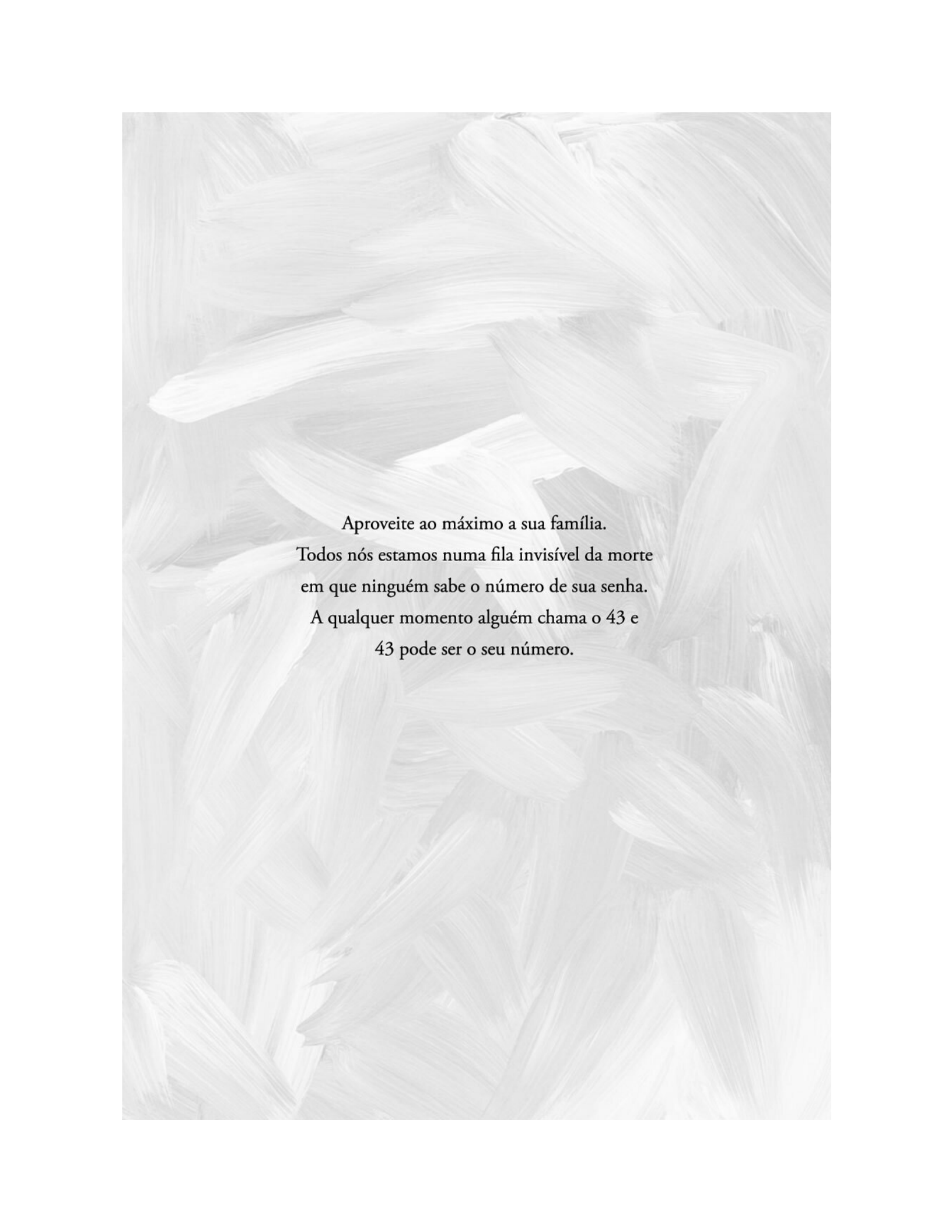
Amigo(a), chegamos ao final de mais um capítulo e quero lhe dizer algo: Não tenha medo de recomeços. Sempre que o futuro do seu matrimônio estiver em jogo, vale a pena recomeçar; vale a pena realinhar tudo e garantir que os dois estejam caminhando com a mesma visão, construindo algo juntos. Sim, o futuro a Deus pertence, mas também está nas suas mãos!

Siga em frente porque a leitura ainda não acabou. Tem mais assuntos bons vindo por aí. “Te vejo” lá!

Construindo uma base sólida

1 Coríntios 10:13 e 13:11

Oséias 8:7
2 Coríntios 9:6
Malaquias 3:10
Provérbios 24:14
1 Reis 3
Tiago 1:5-8
1 Samuel 15:22
Jeremias 29:11
Jó 8:7
Efésios 5:22-24



Aproveite ao máximo a sua família.
Todos nós estamos numa fila invisível da morte
em que ninguém sabe o número de sua senha.
A qualquer momento alguém chama o 43 e
43 pode ser o seu número.



9

GRAVIDEZ E FILHOS?

Problema, bênção ou solução?

“Filho é bênção, mas pode se tornar um problemão.
Depende apenas de como você administra o que foi confiado em sua mão.”

“Filho não é solução.
São confiados a pais que desejam assumir esta função.”

Chegamos até aqui tendo tratado de bastantes assuntos desafiadores, então nada melhor do que tratarmos de mais um! Reservei este capítulo para tratar sobre gestação e filhos. Pode ser que neste momento você se pergunte: “Mas por que tratar deste tema? Meus filhos são as melhores coisas que já me aconteceram. O meu problema não são meus filhos”. Por outro lado, pode ser que diga: “Este capítulo não é para mim. Já tentei de tudo e nunca consegui engravidar”. Ou ainda, também é possível que argumente: “Filhos não estão nos nossos planos. Não queremos ter filhos. É pecado não querer filhos?”

Você consegue perceber como o mesmo assunto pode ser encarado de formas tão antagônicas? Apesar de filhos, segundo as Escrituras Sagradas, serem bênçãos de Deus, eles não são percebidos desta forma em todas as realidades. Há casos em que a motivação da gravidez foi apenas uma tentativa de manutenção de um casamento em crise; há situações em que a gravidez foi consequência de uma aventura impensada; há ainda realidades em que o filho foi uma tentativa de prender alguém e, quiçá, cenários em que o filho traz à memória uma experiência de violência contra a mulher. Não podemos esquecer também que, em alguns lares, a gravidez é um sonho impossível. Enfim, o que “era” para ser uma bênção, simplesmente se transforma em problema, frustração, “solução”, prisão e impedimento, por exemplo.

É sobre isso que iremos tratar neste capítulo: a gestação ou a dificuldade em gerar, os filhos ou a ausência dos mesmos, os desejados e os não desejados, os planejados e os não planejados, os bem-sucedidos e os não tão bem-sucedidos. Enfim, abordaremos algumas realidades que envolvem a temática gravidez e filhos e os respectivos impactos no matrimônio, na vida social, nos sonhos pessoais e matrimoniais e, até mesmo, nos possíveis conflitos diante do desafio de educação/criação.

É chegada a hora de conhecer conceitos, princípios e ferramentas que podem mudar a sua realidade: reorganizar o que precisa de organização, corrigir o que precisa ser corrigido e até mesmo melhorar o que já está caminhando bem. A proposta é, à luz da Bíblia e do

conhecimento adquirido em anos de ministério, lhe oferecer ferramentas para viver esta experiência de forma extraordinária, seja qual for a sua realidade particular.

Acredito que pequenas mudanças são capazes de contribuir para grandes progressos. O princípio estabelecido por Deus, bem como a promessa realizada, não pode ser alterado, mas a rota pode e deve ser recalculada sempre que necessário. Inícios equivocados podem nos apresentar consequências extremamente desafiadoras, mas isso não significa, obrigatoriamente, um impedimento.

Como fazemos em todos os capítulos, tomemos por base alguns exemplos para composição da nossa discussão. Como a temática abarca uma infinidade de possibilidades, para cada exemplo utilizado trataremos de uma questão específica. Ao contrário dos demais capítulos, precisaremos recorrer a vários exemplos para conseguir abordar todas as possibilidades imagináveis. Acredito, sinceramente, que as ilustrações irão facilitar bastante o entendimento. Vejamos:

Exemplo nº 1:

Mulher: Mãe, preciso que você fique com meu filho hoje. Eu tenho uma festa para ir com uns amigos.

Avó: Ficar com ele para você ir a uma festa? Não fico mesmo. A responsabilidade é sua.

Mulher: Mas eu não tenho direito de me divertir?

Avó: Pensasse isso antes de engravidar. Cadê o pai?

Mulher: Mãe, você sabe foi apenas um caso.

Avó: Então cuida você da consequência deste caso.

A partir deste primeiro exemplo, quero lhe ajudar a entender que filho é uma responsabilidade. É muito importante começarmos por esta definição. Antes de mais nada, filho é uma responsabilidade de longo prazo e intransferível. Responsabilidade no sentido de que exige uma postura de seus pais em assumir o compromisso diante da missão que lhes foi confiada. De longo prazo porque este compromisso precisa ser duradouro, perene, contínuo e constante por muitos anos. Intransferível porque não pode ser terceirizado, seja com avós, escola, igreja, padrinhos, tios etc. É possível até o estabelecimento de parcerias, mas jamais a terceirização. Compete à escola, por exemplo, a escolarização, à igreja, a educação cristã, mas aos pais, e somente aos pais, instruir segundo os objetivos que têm para os filhos (Provérbios 22:6), disciplinar e se necessário castigar (Provérbios 23:13), amar e fazer deles flechas (Salmos 127:3). E já que estamos falando de responsabilidade, é importante lembrar: Responsabilidade é totalmente diferente de propriedade. “Ser responsável por” não significa “ser dono de”. O responsável está focado na missão enquanto o proprietário na obsessão, na pressão e na sucessão. A missão é intransferível, mas o filho é flecha que um dia irá seguir a sua própria direção. Seu filho é sua responsabilidade, porém não sua propriedade. Quanto mais cedo você entender isso, melhor.

No entanto, talvez você esteja se perguntando: “Mas a mulher deste exemplo vai se anular para assumir esta responsabilidade?” A resposta é não. Para a perfeita compreensão faz-se necessário antes apresentar um segundo conceito: Gravidez é uma decisão. Precisamos destacar nossa severa dificuldade em entender gravidez não planejada, não

desejada ou acidental como alguns costumam normalmente se referir às gestações que se iniciam em um período em que um homem e uma mulher afirmam não ser o desejado. Com tanta informação, métodos contraceptivos e até mesmo a possibilidade da abstenção, é no mínimo engraçado dizer e fingir acreditar que aconteceu sem querer. Quem não quer não realiza o ato sexual ou, se o realizar, toma as devidas medidas para evitar a gravidez, não é mesmo? Mas o objetivo aqui não é a discussão se há ou não gravidez não planejada, não desejada ou acidental. O que quero lhe mostrar é que, seja qual for o caso, a gravidez continua sendo uma decisão e, uma decisão irrevogável de acordo com as leis humanas na maioria das nações e, principalmente, diante da lei de Deus.

Filho é uma responsabilidade de longo prazo e intransferível.

As circunstâncias, os ambientes, as premissas e as motivações nas quais esta decisão foi tomada não muda o fato de ser uma decisão. Podem apenas denunciar o nível de maturidade dos participantes. “Mas eu era muito jovem”; “Mas ele prometeu casar comigo”; “Mas eu achei que ele(a) ia mudar”; “Mas eu achei que ela estava tomando remédio”; “Mas eu não imaginei que seriam gêmeos”; “Mas eu não sabia que viria com problema de saúde”; “Mas eu não imaginava que dava tanto trabalho”. Estas são apenas algumas desculpas que normalmente são utilizadas para justificar a postura de algumas pessoas diante da gravidez e, por consequência, do(s) fruto(s) desta gestação. É importante, de forma repetitiva e enfática, lhe dizer que por melhores que sejam as desculpas, elas não mudam as realidades. Você escolheu acreditar que ele(a) ia mudar, você escolheu deixar por conta da outra parte a utilização dos métodos contraceptivos, enfim, você escolheu. Agora você precisa mostrar que é maduro(a) suficiente para administrar as consequências da sua escolha. É hora de entender que mesmo em meio a escolhas “supostamente” não muito assertivas, você está sendo convidado(a) a exercer o dom que recebeu e precisa administrar com fidelidade a graça de Deus (1 Pedro 4:10). Sim, é isso mesmo que você leu: gravidez é dom, é a graça de Deus manifestada na sua vida. Mas, voltando a pergunta inicial, assumir a escolha não é um convite à anulação. É um convite à priorização.

Exemplo nº 2:

Mulher: Você acha que é fácil não poder engravidar. Todas as minhas amigas já são mães.

Homem: Então vamos adotar uma criança, amor.

Mulher: Eu quero um filho meu e pronto. Não vou desistir.

A partir deste segundo exemplo, quero lhe mostrar que gravidez é um meio dentre vários de ser mãe. É muito comum vermos casais que, diante da dificuldade ou impossibilidade de engravidar, vivem verdadeiras crises conjugais. Não podemos, diante desta realidade, nos omitir da responsabilidade de tratar deste assunto. Por isso, saiba que a gravidez é um meio, porém não o único, de alcançar a tão esperada maternidade ou paternidade. É muito importante entender este conceito, pois somente pela compreensão do mesmo será possível perceber que existem filhos que concebemos de forma natural, mas existem filhos que concebemos por inseminação ou adoção. A pessoa pode ter a dificuldade ou a

impossibilidade da gravidez natural, mas nada a impede de engravidar do sonho e mobilizar os esforços necessários para realização do mesmo, se assim for de interesse de ambas as partes. O que não pode é um impedimento como este inviabilizar o matrimônio como um todo.

Com filhos ou sem filhos, como vimos no primeiro capítulo deste livro, o matrimônio continua sendo vitalício. É fundamental que entendamos que entre o Alfa e o Ômega, o início e o fim, e a promessa e a realização, há um caminho a ser percorrido e alguns testes e provas fazem parte desta viagem. A forma como lidamos com estes testes e provas irá determinar o sucesso ou insucesso no final da jornada. Não podemos deixar um assunto como este impedir a caminhada e, para isso, repito: a gravidez é um dos meios de alcançar a tão esperada maternidade/paternidade.

Sabemos que este entendimento ou o alcance deste nível de compreensão e maturidade é uma conquista e, como toda conquista, demanda a superação de algumas fases de um jogo que talvez possamos chamar de vida. A grande questão é que não temos como avançar para a próxima fase se não estivermos dispostos a jogar a fase anterior, não é mesmo? A abordagem deste tema é apenas um convite para que você avalie a possibilidade. Como falamos em outro momento, é hora de avaliar se já foram feitas todas as tentativas possíveis e, caso positivo, priorizar o sonho e não o processo. Muitas pessoas têm simplesmente adoecido diante de sentimentos de incapacidade ou impotência diante da gestação. A proposta de Deus nunca foi a doença. A proposta é vida e vida em abundância. Como disse Rick Warren em certa ocasião, você jamais chegará à maturidade sendo um expectador passivo. Muitas vezes, esta maturidade vem por meio do sofrimento. A sua postura diante de suas dores será determinante. O sonho da maternidade não pode ser impedido pela dor da impossibilidade revelada. É hora de superar. Que tal pensar nisso?

Exemplo nº 3:

Esposo: Eu quero a separação. Não suporto mais. Não suporto mais tantas brigas, ciúmes, problemas. Eu quero me separar.

Esposa: Eu estou grávida!

Esposo: Como assim? Como grávida?

Esposa: Grávida, ué. Como uma pessoa fica grávida? Você não sabe?

Esposo: Mas como vai ser isso? Há quanto tempo você já sabia disso?

Esposa: Não sei... Quanto tempo não importa. Mas acho melhor você não ir embora. Nós vamos ter um filho.

Exemplo nº 4:

Mulher: Você não vai levar ele hoje.

Homem: Mas ele é meu filho. Este final de semana é meu. Por que não vou levá-lo?

Mulher: Para quê? Para sair com a sua namoradinha?

Homem: Mas eu tenho direito de reconstruir minha vida e meu filho faz parte dela.

Mulher: Sua vida é aqui. Você quer seu filho? Assuma a sua família.

Como já falamos em outros momentos, todas as vezes que nos propomos a entender por que um casamento ruiu, precisamos mudar a pergunta do famoso “Por que eles se separaram?” para “O que uniu este casal no início?”. Quando sabemos o que uniu um

casal, temos a oportunidade de resgatar a motivação desta união e reaproximá-los ou, no mínimo, compreender quão frágil era o que os unia e recomeçar em bases mais sólidas e sustentáveis.

Se o que os unia era a beleza, a intensidade sexual da juventude ou o dinheiro, por exemplo, podemos dizer que estamos diante de alicerces altamente vulneráveis, logo precisamos recomeçar pela reconstrução de bases mais sólidas. Mas, se o que os unia era a admiração, o caráter ou o tratamento zeloso e carinhoso, vamos perceber que precisamos apenas identificar onde caíram, arrepender-se, praticar as ações adotadas inicialmente e, provavelmente, o problema estará resolvido.

Filho não é raiz e muito menos âncora matrimonial.

E quando o que os uniu foi um filho? Temos um problema. Filhos crescem, filhos deixam de ser dependentes, e, por mais especiais que sejam, não são e nem devem ser bases para manutenção de casamentos. Isso, além de altamente frágil, atribui à criança uma responsabilidade que não deveria competir a ela. É um engano generalizado achar que esta estratégia é a mais adequada. Talvez possamos dizer que seja inclusive uma fuga da responsabilidade de mudança de um indivíduo. “Como não quero ou não consigo mudar, vou prender a outra parte neste matrimônio, mesmo que seja por um motivo tão inadequado.” As perguntas que não querem calar são: “Até quando você conseguirá prender a pessoa?”; “Qual será a qualidade deste relacionamento?”; “Fidelidade, compromisso, respeito, admiração e desejo são mantidos diante desta decisão?”.

Filho não é raiz e muito menos âncora matrimonial. Em outras palavras, filho não alimenta um casamento e muito menos prende alguém nele. A adoção desta estratégia precisa ser percebida com uma fuga, uma omissão diante da necessidade de mudança, uma irresponsabilidade e, principalmente, uma covardia com a criança que precisa de um ambiente mais adequado para alcançar seu crescimento em graça, sabedoria e estatura.

Conseguiu perceber quão desafiador estes temas (gestação e filhos) têm se tornado no dia-a-dia de inúmeros lares? Olha que ainda não falamos das recorrentes brigas conjugais diante das diferenças de opiniões em relação à criação dos pequenos, à escola ideal a matricular, à fé a professar e aos inúmeros detalhes extremamente pertinentes ao tema. A proposta a partir deste momento é justamente adentrar em um nível de detalhe: o processo de educação. Quero ajudar a migrar do entendimento do filho e/ou da gravidez como problema, solução, crise ou desafio para a percepção como bênção. Vejamos:

1) Filho: um indivíduo em formação.

A única coisa que a criança já nasce sabendo é chorar. Pais precisam entender que compete a eles o papel de formação. Pais são, ou deveriam ser, antes de mais nada, educadores, pessoas que estão dispostas a dedicar seu tempo para educação, preparação, formação e treinamento de seus filhos. Não precisam ser obrigatoriamente dotados de todas as técnicas ou estratégias pedagógicas de um professor por formação, mas precisam no mínimo entender que esta atribuição compete a eles e, na maioria das vezes, elas são realizadas mesmo em meio ao silêncio, pelos exemplos dados ao longo do caminho. Pais que não dão assistência perdem a preferência e abrem espaço para a concorrência. E você sabe que concorrência é esta? Os Youtubers, os influencers, a DarkWeb, os amigos, a rua,

as séries de televisão e assim por diante.

Pais que negligenciam a responsabilidade de educação expõem seus filhos às mais diversas influências, afinal, na sua omissão, os filhos vão buscar a informação que “precisam” e ficam com o que mais lhes “satisfaz”. É possível até imaginar Satanás dizendo: “Obrigado pela informação que você não deu ao seu filho”. Lembre-se, filhos, enquanto indivíduos em formação, precisam de pais que os ajudem no desenvolvimento físico, emocional e espiritual. Precisam de pais para suprir suas necessidades físicas da mesma forma que carecem de pais que os ensinem a lidar com suas emoções e a encontrar o caminho da sua espiritualidade. Precisamos parar tudo imediatamente e responder: “Quem está fazendo este papel na vida dos meus filhos?” Quero aproveitar a oportunidade para lembrar algumas verdades que são fundamentais quando tratamos sobre formação, preparação, criação e educação de filhos:

a. Não há sucesso sem relevância, concisão, simplicidade e muita comunicação. Se não trouxermos conteúdo de relevância, se não exercitarmos a habilidade de concisão (brevidade, precisão, assertividade e resumo), se não formos capazes de ser simples ao falar e ensinar e, principalmente, se não estabelecermos um alto nível de comunicação, provavelmente não obteremos êxito na missão que nos foi confiada. O mundo líquido, volátil, mutável, ambíguo e complexo, como o mundo pós-moderno costuma chamar, demanda de nós competências que talvez não fossem tão exigidas no passado. Sei quão desafiador isso pode ser para a maioria de nós, mas o fato é que, se não dedicarmos um tempo de qualidade para o desenvolvimento destas competências, vamos simplesmente deixar de ser uma referência para nossos filhos. Estamos diante de competências que, além de complexas por si só, precisam estar conectadas umas às outras em uma espécie de interdependência. Não dá, por exemplo, para ser relevante sem uma comunicação efetiva. Não dá para ser conciso se não se sabe o que é relevante para aquele que nos ouve. O que estou tentando lhe dizer é que a geração Twitter não tem paciência para longos discursos, mas isso não nos impede de dizer o que eles precisam ouvir. Só precisamos ser mais relevantes e concisos.

A geração do cancelamento está inserida em um ambiente que é muito comum cancelar aquele que não é relevante. E, muitas vezes, eles ousam fazer isso com os próprios pais, mas isso não significa que precisamos viver esta realidade em nossos lares. Só é necessário aumentar o nível de comunicação para sermos mais assertivos.

Talvez você deve estar se perguntando: “Mas sou eu que preciso me adaptar ao meu filho? Que história é essa dele me cancelar?” A proposta nunca foi a adaptação de princípios, a ideia não passa nem perto da conformidade com o sistema em que fomos inseridos. O convite é para adoção de estratégias e modelos de comunicação que façam dos nossos filhos não apenas flechas, mas flechas na direção correta.

b. Criança é igual à esponja, suga tudo. Chegou a hora de chamar ou pedir a sua atenção não apenas para o que você fala, como também para o que faz. É também importante neste momento estar mais atento ao que seu filho ouve, ao que seu filho lê, às pessoas que seu filho segue, acompanha ou tem como referência nas mídias sociais.

Não há como ser mais claro: seus filhos sugam tudo e nem sempre possuem os filtros

necessários ou a sabedoria que só lhes será concedida com a maturidade. Os filtros são acessórios que precisam ser instalados ao longo do processo de crescimento. Sabemos que em uma geração digital este acompanhamento é mais complexo, mas precisamos reforçar que não é impossível e o sucesso está na vigilância proposta na Bíblia. Pais de sucesso são aqueles que mantêm a constante vigilância e oração por seus filhos, mas também entendem que a fé sem obras é morta. Pais precisam ser uma espécie de firewall na mente de seus filhos enquanto eles não apresentam condições para realizar isto sozinhos. Acredite, é mais fácil controlar a entrada do que reclamar da saída. Se não estivermos atentos a que tipo de insumos ou matérias primas estão sendo absorvidas, não seremos efetivos no processamento e, por consequência, não conseguiremos controlar a saída do produto final. “Como assim?” Imagine um processo fabril: entra a matéria-prima e, depois de um processamento qualquer, sai um produto final acabado. Quando não escolhemos a matéria-prima correta, não podemos questionar a qualidade do produto fabricado, não é? Assim também com nossos filhos. Ou entendemos que eles sugam tudo e gerenciamos este tudo, ou seremos obrigados a lidar com resultados diferentes do desejado e entender que podemos ter negligenciado de alguma forma. Enfim, tenha atenção ao que está sendo semeado na vida de seus filhos para depois não se decepcionar com a colheita. Cuidado, pois as suas atitudes podem estar sendo mais danosas do que todas as invasões que você conseguiu evitar. Vigiar o mundo exterior e não cuidar do interior da casa é desperdício de energia e tempo.

c. A identidade é o maior tesouro a se alcançar. Ainda inseridos na proposta de falar de filhos como indivíduos em formação, iremos agora tratar de identidade. Temos percebido que muitas crianças, adolescentes, jovens e até mesmo adultos têm apresentado severa dificuldade em descobrir sua identidade pessoal, coletiva e em Cristo. Em outras palavras, não sabem quem são individualmente, não reconhecem seu papel no coletivo e, o que é ainda pior, não sabem sua identidade em Jesus.

O maior investimento que os pais podem fazer na vida de seus filhos é ajudá-los a encontrar sua verdadeira identidade e acreditar nela. Quanto mais cedo isso for feito, menos espaço será dado para que a sociedade na qual ele está inserido lhe apresente ou lhe imponha uma identidade equivocada. Quando o filho descobre sua identidade pelo meio certo, no tempo certo e através da pessoa certa, corre muito menos risco de ceder às investidas do mundo. O sistema poderá até dizer que ele(a) é muito pequeno(a) para definir o seu próprio gênero como temos visto ultimamente; poderá tentar fazê-lo acreditar que ele(a) é um(a) fracassado(a); que não vale a pena esperar o tempo certo para namorar, ter relações sexuais e até mesmo casar; enfim, vão tentar lhe apresentar inúmeros estilos de vida que julgam valer a pena ser vivido, mas, conhecendo a própria identidade e para quem e por quem foram criados, saberão discernir o que lhes cabe ou não cabe.

Ainda não estarão totalmente imunes às armadilhas do caminho, terão o discernimento, mas ainda precisarão de ajuda para suportar a pressão externa. Mais do que ligar o alerta sobre esta problemática, é importante colocar este ponto no topo da sua lista de prioridades. Filhos podem ser jovens, imaturos, novos e pequenos demais para serem apresentados a inúmeros assuntos, mas isso não vale para identidade. Desde pequenos, precisam saber que, se ninguém os ama, Deus e seus pais os amam; se existem estilos de

vida, incompatíveis com o que a nossa fé professa, estes estilos de vida por mais lícitos que sejam, não lhes cabem; se o mundo os exclui pelo seu comportamento ético e correto, Deus os inclui em suas promessas; se para ser inserido precisa fazer o errado, com certeza é melhor ser excluído deste ambiente e viver no lugar que lhe oferece vida eterna. Conseguiu perceber? A identidade revelada é a armadura que nossos filhos precisam para sobreviver à guerra que os desafia diariamente na escola, no meio de supostos amigos, nas festas, etc.

2) Filhos precisam de pai e mãe.

A educação dos filhos é uma das responsabilidades que os cônjuges precisam assumir juntos. É necessário haver uma parceria, uma sociedade, uma união de esforços, uma cooperação e uma responsabilidade compartilhada. Contudo, infelizmente, vemos muitos casais discordando em alguns pontos e, na imaturidade diante das discordâncias, travando verdadeiras brigas em torno deste desafio. Como disse Charles Swindoll, “Um dos sinais indicativos de maturidade é a capacidade de discordar sem se tornar desagradável”. Parece-nos ser oportuno pegar este pensamento de Swindoll e afirmar que um dos sinais da maturidade conjugal é a capacidade de discordar sem brigar. Quando as brigas giram em torno da educação de seus filhos, isso é ainda mais prejudicial à saúde familiar. Lembra que filhos sugam tudo? Diante das brigas, eles sugam muito mais do que conseguimos imaginar. Eles, como espectadores diretos, sugam suas fragilidades, suas incoerências, e as oportunidades geradas para se favorecerem e inúmeras outras informações totalmente desnecessárias. Pais precisam entender que a discordância faz parte do processo, mas não precisam obrigatoriamente se transformar em batalhas. Pais precisam apenas estar atentos à compatibilidade dos objetivos. As estratégias podem até ser diferentes, mas se os objetivos finais forem coerentes e compatíveis, já temos material suficiente para não brigarmos desnecessariamente.

Um dos sinais da maturidade conjugal é a capacidade de discordar sem brigar.

“Mas e se eu não concordar com a estratégia? Se eu já sei que não vai dar certo? Se eu fui criado de outro jeito e quero repetir o mesmo para o meu filho, pois sei que dará certo?” Estas provavelmente são algumas perguntas que permearam a sua cabeça neste momento, não é mesmo? A dica que dou é: Compatibilizem os objetivos, estabeleçam prazos para monitoramento/reavaliação e, por fim, não tenham compromisso com o erro. Enfim, estejam abertos a outras estratégias se os objetivos e a licitude estão preservados, mas sempre definam prazos para revisão e, se perceberem que os resultados não são bons, não tenham compromisso com o erro e mudem a estratégia. “Mas pode ser tarde...”; “Mas por que perder este tempo se eu já sei no que vai dar?” A resposta é simples: decisões colegiadas (compartilhadas, que envolvem mais de uma pessoa) normalmente são mais lentas, entretanto tendem a ser mais assertivas. Com o tempo e a prática desta estratégia, vocês estarão muito mais afinados e, o que é ainda melhor, terão mostrado para seus filhos o que é verdadeira submissão bíblica (Efésios 5:22-23), o que é um bom exemplo de mulher sábia (Provérbios 14:1), qual o pensamento de Deus quando instituiu uma auxiliadora, e por que é melhor serem dois do que um (Eclesiastes 4:9) e assim por diante.

3) Gravidez / Filho: uma bênção.

Agora podemos finalmente afirmar que filho é uma bênção. Você deve estar se perguntando: “Mas, por que só agora? Não seria a primeira definição?” Optei por deixar para o fim porque esta bênção só será percebida como tal se superarmos todos os entendimentos acima. Filho é e sempre será uma bênção, mas para que seja percebido como tal, precisamos interiorizar os conceitos expostos ao longo deste capítulo. Você já percebeu a habilidade que algumas pessoas possuem de transformar bênções em problemas? Pois bem, este é o equívoco que queremos evitar. Observe que, ao longo deste capítulo, tentamos ajustar as expectativas afirmando que filho é uma responsabilidade e a gravidez é uma decisão. Em seguida, reforçamos as demandas que se revelam ao longo do caminho e, para isso, deixamos claro que filho é um indivíduo em formação, suga tudo, precisa de ajuda para descobrir sua verdadeira identidade e exige uma parceria efetiva de seus pais em sua criação. Só depois, já na conclusão deste capítulo, vem a afirmação de que gravidez e filhos são bênções de Deus. Entendemos que, com as expectativas desajustadas e o desentendimento acerca das demandas que serão necessárias no caminho, muitos pais transformam a bênção em problema. Com motivações, entendimentos, expectativas, valores e informações errados nunca será possível viver as bênções que nos são confiadas ao longo da jornada.

Guarde bem consigo essas três definições sobre filhos que acabamos de abordar, pois serão um norte para os seus pensamentos antes e durante a criação de filhos. É uma nova estação que muda completamente a vida do casal. Sim, é cheia de desafios, porém, se pai e mãe estiverem engajados, certamente alcançarão mais ainda o coração de Deus. É a época em que você provavelmente mais ouvirá a voz Dele ministrando ao seu coração e abrindo os seus olhos para enxergar como Ele. Portanto, passe por cima das dificuldades, encha-se de coragem, e aproveite o máximo que puder!

Estamos seguindo agora para o último capítulo deste livro, e ele nos trará duas características que fazem qualquer relacionamento superar dificuldades: parceria e cumplicidade. Nos vemos lá!

Construindo uma base sólida

Provérbios 22:6

Provérbios 23:13

Salmos 127:3

1 Pedro 4:10

Efésios 5:22-23

Provérbios 14:1

Eclesiastes 4:9

The background of the image is a dense, abstract pattern of light gray brushstrokes. The strokes are of varying lengths and directions, creating a textured, painterly effect. The colors range from very light gray to a slightly darker, muted gray, giving the background a sense of depth and movement.

O amor suporta tudo, mas não aceita tudo.
Pois o que tudo aceita não é amor; é omissão.



10

PARCERIA E CUMPLICIDADE

O sucesso está na reciprocidade

*“Quem planta parceria colhe cumplicidade.
Quem planta cumplicidade colhe intimidade.”*

Eu não sei se existe uma fórmula básica para o sucesso, mas a do fracasso é investir em um relacionamento sem parceria e cumplicidade. No entanto, talvez você possa estar se perguntando: *“Cumplicidade? Como assim? Eu não cometi nenhum delito para ter cúmplice”; “Parceria? Eu sempre aprendi que o homem tem que ser o provedor e o cabeça. Que tipo de parceria eu preciso desenvolver com minha esposa?”* Pois bem, chegou a hora de corrigir alguns equívocos sobre este tema. Chegou o momento de desfazer alguns entendimentos distorcidos e, por consequência, apresentar dois recursos vitais para o crescimento conjugal: a parceria e a cumplicidade.

Neste capítulo, iremos ampliar o entendimento do *“não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele”* (Gênesis 2:18). Já tangenciamos esta questão em outros capítulos deste livro, porém iremos agora expandir a sua visão e explorar recursos que você talvez não esteja utilizando, mas que com certeza fazem parte dos planos de Deus para o matrimônio. A não utilização não significa inexistência, apenas revela a inutilização pessoal, seja por desconhecimento, inabilidade, preconceito, interpretação equivocada, dúvida e/ou medo. Em outras palavras, sabe quando compramos um telefone novo, passamos anos utilizando-o e, de repente, nos deparamos com alguém que nos apresenta um novo recurso que nunca tínhamos visto antes e falamos: *“Nossa. Eu não sabia que isso existia no meu telefone. Como isso facilita minha vida!”* Assim também é no matrimônio. Às vezes, vivemos anos de uma vida conjugal medíocre simplesmente por não utilizar recursos que já nos foram disponibilizados. Avance comigo neste capítulo e conheça o impacto da parceria e da cumplicidade em um matrimônio. Com certeza as perguntas iniciais serão substituídas por algo do tipo: *“Por que ninguém nunca me falou isso antes? Como eu consegui sobreviver tanto tempo sem este conhecimento? Se eu soubesse que seria assim, já teria investido neste tema antes”*.

Como sempre, vamos adotar alguns exemplos para facilitar a percepção e o entendimento. É possível que os exemplos não se enquadrem perfeitamente na sua realidade, mas eles irão conduzir a sua mente para situações bem próximas e, com o

mínimo de esforço, você conseguirá localizar possíveis erros que estão sendo praticados e impedindo o seu caminhar para um outro nível conjugal. Vejamos:

Exemplo nº 1:

Esposa: Amor, estou te sentindo tão estranho. Está tudo bem?

Esposo: Sim. Está tudo bem.

Esposa: Então por que você chegou tão calado?

Esposo: Eu não posso ficar calado? Não tenho o direito de ficar cansado?

Esposa: Nossa... Só fiquei preocupada. Não está mais aqui quem falou.

Esposo: Você acha que é fácil? Fica tudo nas minhas costas. Eu preciso resolver tudo, preciso decidir tudo, preciso arrumar solução para tudo e ainda não posso ficar um pouco quieto?

Estamos diante do nosso primeiro exemplo. O ambiente simulado é de uma esposa tentando entender o comportamento estranho de seu marido e, em paralelo, o esposo por sua vez, de forma até um tanto ignorante, se recusando a compartilhar com ela o que o está atormentando. Um nítido exemplo de um relacionamento que ainda não conheceu o poder da parceria e da cumplicidade. Infelizmente, esta é a realidade de muitos casamentos. Cônjuges que se casam, mas continuam vivendo como solteiros em algumas áreas, em especial, na administração de seus conflitos, problemas, dificuldades e até mesmo medos. Ora se comportam desta forma pela incapacidade de perceber no cônjuge uma pessoa que possa ajudá-lo, mas ora agem de tal maneira, em especial os homens, por acharem que pedir ajuda à mulher é um sinal de fraqueza ou incompetência. Seja lá qual for o motivo, o fato é, que nestas situações, os casais perdem uma oportunidade ímpar de semear cumplicidade e colher ainda mais intimidade. É isso mesmo que você ouviu. Quanto mais cúmplices vocês forem, mais íntimos se tornarão e esta intimidade transbordará em outras áreas do seu matrimônio de forma voluntária. *“Mas como assim cumplicidade?”*

Estamos falando de uma cumplicidade em que pessoas se auxiliam de forma tão profunda e intensa que, em razão disso, chegam a um nível de relacionamento interpessoal no qual não há a necessidade de se expressarem para se fazerem entendidos. De forma geral, é um companheirismo, uma camaradagem e uma solidariedade tão produtivos e saudáveis que conseguem de forma indireta colocar seus participantes em uma relação de interdependência positiva, submissão não impositiva e, principalmente, cooperação voluntária e sensibilidade mútua. *“Mas eu aprendi que o homem deve ser o cabeça da mulher”* (Efésios 5:23). Sim. O homem foi chamado por Deus para ser o cabeça. O seu entendimento está correto, mas talvez esteja incompleto.

Da mesma forma que os homens foram chamados para serem o cabeça, mulheres foram ungidas por Deus para serem auxiliaadoras (Gênesis 2:18). Observe que a proposta da Bíblia é oferecer ao cabeça alguém que possa ajudá-lo. A parceria e a cumplicidade inserida na proposta bíblica não invalidam a autoridade do esposo, apenas o convidam a desenvolver uma autoridade inteligente, compartilhada quando necessário e jamais solitária. Como falamos em outro momento, a cabeça vem equipada de fábrica com dois ouvidos, ou seja, compete ao cabeça dar a direção, mas sempre que possível, tomando o cuidado de ouvir a sua auxiliadora. *“Mas ela não tem maturidade para me ajudar. Mas ela*

não tem como me ajudar. Compartilhar será apenas uma forma de deixar mais uma pessoa preocupada". Se é isso que você está pensando neste momento, deixe-me revelar algumas verdades:

- a) Ninguém subirá os níveis de maturidade necessários sendo apenas um expectador passivo;
- b) Autoridade não é conquistada através da imposição de poder, no silêncio ou no isolamento. Autoridade é conquistada na mansidão e na capacidade de inspiração daqueles que o seguem;
- c) Parceria e cumplicidade não são desenvolvidas em momentos isolados. São sínteses de comportamentos com continuidade.

Exemplo nº 2:

Esposo: Amor, que tal este ano passarmos o Natal em um hotel fazenda?

Esposa: Preciso ver se meus pais vão topa, né?

Esposo: Mas eu pensei em irmos só nós e as crianças. A ideia é termos um momento nosso.

Esposa: Mas meus pais não atrapalham em nada. Por que eles não podem ir?

Esposo: Mas eu não falei que eles atrapalham. Eu só propus viajarmos em família.

Esposa: Mas meus pais deixaram de ser família? Se você não quer estar perto dos seus pais, eu quero estar perto dos meus. Vai você para o seu hotel fazenda.

Quero aproveitar o exemplo para falar do maior impedimento da cumplicidade e da parceria conjugal: as interferências. Para ficar mais claro, precisamos que você entenda que interferência nada mais é do que algo ou alguém que se intromete entre duas partes. Algo ou alguém que impede o desenvolvimento de alguma coisa mediante sua intervenção e/ou interposição contínua. *"Mas como assim? Não consegui entender. O que isso tem a ver com o exemplo em questão?"*

O matrimônio não é um convite ao isolamento, mas também não pode percorrer o caminho da abertura irresponsável.

Simples, muitos casais não conseguem desenvolver um nível satisfatório de parceria e cumplicidade simplesmente porque não conseguem blindar seu matrimônio das interferências indevidas, sejam dos pais, amigos, filhos, etc. Em alguns casos, vemos casais que até convidam a interferência, como nos parece estar acontecendo no exemplo que utilizamos. Atenção: o matrimônio não é um convite ao isolamento, mas também não pode percorrer o caminho da abertura irresponsável. Dentro da proposta de incentivar você a ter um relacionamento onde haja abundância de parceria e cumplicidade, repense sobre as possíveis interferências existentes.

Por mais bem-intencionadas que elas possam estar, precisam ser reavaliadas. *"Mas meus pais me ajudam muito"; "Sempre que precisamos eles estão à disposição"; "Nós moramos no mesmo quintal"*. Bem, preciso lhe dizer que talvez eles precisem ajudar menos. Talvez vocês precisem recorrer menos à ajuda deles. Talvez vocês devessem até morar um pouco mais

distante.

Casamentos em que não há o corte do cordão umbilical não conseguem crescer como deveriam. As adversidades, as dificuldades, as dúvidas, os medos e as inseguranças do percurso podem ser intervenções divinas para forjar o matrimônio que Ele deseja para a sua vida. Quando alguém, mesmo que bem-intencionado, não lhes deixa viver aquilo que irá preparar, forjar, habilitar e capacitar vocês, isso compromete o seu crescimento, mesmo que de forma involuntária.

“Mas como eu vou fazer isso? Eu não posso mudar de uma hora para outra.” Acredite: procrastinar é sinônimo de alta periculosidade. Quando você menos esperar, não conseguirá mais acabar com o comodismo do seu cônjuge diante da recorrente ajuda de seus pais e/ou sogros; não conseguirá mais impedir a intromissão recorrente; não conseguirá mais evitar que seu cônjuge se relacione com amizades indevidas; não conseguirá mais educar seus filhos sem a intromissão dos avós; não conseguirá nem mesmo definir uma viagem, a suposta mudança de endereço, a escola a matricular as crianças e outros detalhes pertinentes ao casal sem a interferência de terceiros. Enfim, a interferência terá roubado totalmente a possibilidade do desenvolvimento de uma parceria ou cumplicidade, mesmos nos níveis mais elementares.

Procrastinar é sinônimo de alta periculosidade.

E como já falamos, na inexistência de cumplicidade e parceria, há total incapacidade de desenvolvimento de intimidade. Enfim, estamos diante de um relacionamento insustentável. *“Mas sem a ajuda dos meus pais não vamos conseguir manter o padrão que temos”; “Sem a ajuda dos meus sogros, vamos precisar mudar as crianças de escola”.* Pois é com muito amor que digo: Este padrão que você está tentando manter, nunca lhe pertenceu. Se necessário, mude as crianças de escola sim. Faça-as entender desde cedo como famílias maduras resolvem seus problemas com a cooperação interna. Precisamos lembrar da seguinte orientação de Deus para Abraão: *“Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que Eu te mostrarei”* (Gênesis 12:1; ARC).

Em resumo, Deus estava dizendo: “Para fazer o que desejo na sua vida, Eu preciso que você elimine alguns vínculos. Eu preciso que você e sua esposa sigam o caminho, o propósito, a missão e a promessa que tenho para vocês. Ao longo do caminho te mostrarei mais detalhes, no percurso, te capacitarei e diante da sua postura neste processo, cumprirei Minha promessa.” Talvez você possa estar dizendo agora para si mesmo: *“Mas o contexto era outro”.* Quero chamar a sua atenção apenas para um detalhe: a esterilidade da vida deles só acabou quando eles conseguiram desenvolver a parceria e cumplicidade exigida por Deus.

Conseguiu perceber a importância deste tema? Você já conhecia estes recursos dados por Deus? Qual o nível de parceria, cumplicidade e intimidade da sua casa? Agora que já despertamos para a importância da parceria no casamento e ressaltamos o perigo da interferência, quero convidá-lo a explorar conceitos fundamentais que permeiam este assunto. Não posso permitir que você conclua a leitura deste livro sem entender que:

Casais precisam ficar “pelados” mais vezes diante um do outro.

Mesmo em meio a uma sociedade onde há uma severa banalização da nudez, ainda

acreditamos que ficar “pelado” diante de alguém é a maior exposição física que podemos fazer. Não é impossível dizer que, guardadas as exceções em que esta nudez se faz necessária para procedimentos cirúrgicos ou exames clínicos específicos, quando ficamos pelados diante de alguém estamos viabilizando um nível de intimidade acima do normal ou da média. Em outras palavras, não ficamos (ou pelo menos não deveríamos ficar) pelados diante de qualquer um, correto?

Precisamos perceber que a nudez física que desenvolvemos diante de nossos cônjuges não é suficiente. Precisamos avançar para o *step* da nudez emocional e psicológica, precisamos estabelecer um nível de intimidade com nosso cônjuge que supere a questão física e biológica e alcance o campo das emoções, dos desejos, dos pensamentos e assim por diante. Precisamos romper um problema que assola a humanidade há mais de dois mil anos: a hipocrisia. *“Eu não vou falar isso para ela(e). O que ele vai pensar? Não posso me expor assim. Melhor deixar quieto. Eu consigo controlar.”* Frases como estas não ajudam casais que almejam viver um casamento de alta performance. É melhor confessar o desejo do que confessar o erro. É melhor compartilhar um sentimento do que administrar um arrependimento. Como falamos em outro capítulo, é melhor ficar vermelho 5 minutos do que amarelo por muito mais tempo.

É melhor compartilhar um sentimento do que
administrar um arrependimento.

Não é possível estabelecer um nível profundo de intimidade em ambientes onde há reservas, sentimentos encobertos e dificuldade de ficar pelado diante do outro. Observe: Não estamos percorrendo o caminho da banalização da nudez como já comentamos aqui, contudo combatendo a imaturidade diante do tema por parte de pessoas que vivem uma realidade conjugal incompleta. Lembra quando falamos que casamento era (ou deveria ser) apenas para pessoas maduras? Então, preciso que você entenda o que estamos defendendo aqui de forma madura; que no final você perceba que *“quando era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino, mas logo que chegou a ser homem, acabou com as coisas de menino”* (1 Coríntios 13:11; ARC).

De boa intenção, o inferno está cheio.

Em outros capítulos, destacamos a importância de entender a motivação que impulsionava alguns comportamentos, decisões e posturas. Não quero aqui desfazer o que viemos ministrando ao longo do livro e dizer que não é importante entender a motivação. Pelo contrário, quero que você esteja ainda mais atento às motivações e, para complementar, lembre-se de que de boas intenções o inferno está cheio.

Vamos entender melhor: Vemos em Lucas 2:52 um texto bíblico que diz que Jesus, aos 12 anos de idade, ia crescendo em sabedoria, estatura e graça. Se o texto diz que Jesus crescia, podemos concluir que crescimento e o desejo de crescimento não é um problema para a Bíblia, não é mesmo? Mas em compensação, vemos em Gênesis 11 Deus frustrando os planos de crescimento daqueles que construíam a Torre de Babel, certo? Para deixar ainda mais claro o que quero dizer, vemos em Gênesis 4 dois irmãos ofertarem ao Senhor e apenas uma oferta ser aceita, correto? Percebeu o que estamos tentando dizer? Para Deus, a motivação é fundamental. Os fins não justificam os meios na justiça divina. Contudo, para

Deus também não basta boas intenções. Estas intenções precisam estar alinhadas com o propósito. Veja, por exemplo, o texto de Mateus 16:21-23. Jesus dizia a Seus apóstolos que era necessário que Ele morresse. Pedro, tomando a palavra, disse que de modo algum isso aconteceria, ou seja, ele estava disposto a lutar para que aquilo não acontecesse. De alguma forma, Pedro apresentava sua boa intenção em proteger seu mestre, porém, mesmo diante da boa intenção de Pedro, Jesus lhe responde: *“Para trás de mim Satanás...”*.

Em resumo, se a intenção é aparentemente boa, mas foge do meu propósito, então, diante deste desalinhamento com a minha missão, ela não é boa, pelo menos não para mim. Conseguiu perceber aonde quero chegar? As interferências, mesmo bem-intencionadas, podem nos afastar do nosso propósito. As interferências, mesmo que bem-intencionadas, podem atrapalhar o desenvolvimento conjugal. Lembra daquele ditado popular que nos orientava a não avaliar o livro pela capa? Então, não avalie as intenções pela capa, veja além das cortinas e verifique se estão realmente alinhadas com a proposta do casamento. É diante da negligência desta avaliação que muitos casamentos se inserem em contextos de crise que começaram supostamente com ações “bem-intencionadas”. É claro que a ajuda financeira dos pais é bem-intencionada, mas com certeza impedirá o crescimento da outra parte. É claro que a opinião de alguém mais experiente acerca da criação dos filhos é bem-intencionada, mas pode inibir a participação efetiva dos verdadeiros responsáveis. Conseguiu compreender? Vamos pensar nisso?

Amigos amigos, casamentos a parte.

Você já ouviu algo parecido, certo? Tomei a liberdade de adaptar a frase apenas para ajudar você a perceber que amizades e casamentos precisam respeitar seus respectivos espaços. Muitos cônjuges conseguem estabelecer bons limites quando falamos de parentes, mas são totalmente negligentes no que se refere a algumas amizades. Sei e reconheço o valor de um bom amigo. Conheço o texto bíblico que reforça o quanto é bom e agradável que os irmãos (amigos) vivam em harmonia (Salmos 133:1), mas não desconsidero a orientação de Paulo acerca das más conversações e o quanto elas podem corromper os bons costumes (1Coríntios 15:33).

Muitos casamentos estão perecendo porque homens e mulheres casados querem alimentar relacionamentos, hábitos e até mesmo ambientes da época de solteiro. *“Mas como assim? Não posso ter amigos? Qual o problema de eu me relacionar com um amigo(a) solteiro(a)? Só porque casei não posso ir mais ao meu futebol? Não posso ir mais ao shopping com minhas amigas?”* Lembra do capítulo em que falamos de liberdade e privacidade? A proposta nunca foi o extremo, porém o equilíbrio. A grande questão está no quanto estes relacionamentos têm atrapalhado a sua relação conjugal, o quanto eles estão contaminando seu coração com desejos da época de solteiro e o quanto isso tem impactado em tempo de qualidade com seu cônjuge.

É muito comum nos depararmos com reclamações como *“Meu marido não tem tempo para sair comigo e com as crianças, mas não falta a um futebol”*; *“Eu chamo meu esposo para sair e ele nunca quer ir, mas basta um amigo ligar para uma resenha que ele vai”*; *“Eu chamo minha esposa para viajar e ela diz que se não levar um casal de amigos não tem graça e a viagem fica chata”*; *“Todo final de semana minha mulher traz um monte de amigas para nossa casa. Perco totalmente minha liberdade”*. Estes são apenas alguns exemplos que ilustram com

maestria o que estamos abordando neste momento: cônjuges que não conseguem romper ou rever alguns laços de amizade que estão interferindo diretamente na sua relação matrimonial. Há inclusive casos de pessoas que tentam estabelecer um padrão de consumo, vestimenta, status e comportamento compatível com os destes amigos e, para que esse objetivo seja alcançado, expõem o cônjuge a privações e até mesmo humilhações. Limites precisam ser revistos. Se é verdade que interferências comprometem severamente o desenvolvimento da parceria e da cumplicidade do casal, também é verdade que a interferência das amizades pode ser ainda mais danosa do que a realizada pelos parentes. A princípio, pode lhe parecer até um pouco radical, mas a proposta está longe da adoção de atitudes radicais. A proposta é simplesmente o equilíbrio, uma avaliação sensata, um pouco de bom senso e, principalmente, a priorização do cônjuge em detrimento de outros relacionamentos.

Considerações Finais

Chegamos ao fim da nossa leitura, por isso quero aproveitar para reforçar o conceito de que a orientação dada ao longo desta leitura foi endereçada a todos. Contudo, só conseguirão colher bons frutos de todo este conteúdo aqueles que enveredarem pela estrada da prática. Melhores práticas só são alcançadas mediante uma busca efetiva por exercitar aquilo que ouvimos falar. Não entendeu? Lembra quando aprendemos que a fé vem pelo ouvir (Romanos 10:17)? Longe de mim dizer que isso não é verdade. Só quero lembrar que a mesma Bíblia também nos ensina que a fé sem obras é morta (Tiago 2:26). Do mesmo modo, este conteúdo, sem uma atitude prática associada, também é morto. Meu desejo é que você esteja entre aqueles que vão dar vida a este conteúdo, mas sei que isso não depende de mim. Depende exclusivamente de você; do seu foco, da sua disciplina, da sua disposição, da sua capacidade de abandonar velhas crenças por mais difícil que seja e, principalmente, de muito auxílio e direção do Espírito Santo.

Foi muito bom, querido(a) amigo(a), completar essa jornada com você. Não meça esforços para aplicar em seu casamento o conhecimento aqui adquirido. Daqui para frente, tudo pode ir de vento em popa. Aja e creia! O casamento tem dias difíceis, mas não desista, pois agora você agora possui as chaves para viver abundantemente a vida a dois que Deus preparou para você.

E, por fim, quero lhe encorajar a não ficar olhando para trás. Há pessoas que passam mais tempo tentando consertar o passado do que criando possibilidades para o futuro. Aprenda com o passado, mas não permaneça lá; siga em frente. Deus já lançou seus erros no mar do esquecimento, e jogou fora a vara de pescar. Portanto, sim, é possível encontrar a felicidade em meio às imperfeições.

Que o Senhor os abençoe!

Construindo uma base sólida

Gênesis 2:18

Gênesis 12:01

Gênesis 4
Efésios 5:23
1 Coríntios 13:11
Lucas 2:52
Mateus 16:21-23
Romanos 10:17
Tiago 2:26
Salmos 133:1

Bibliografia

- BERNHOEFT, Rosa: Mentoring, Prática e Casos. São Paulo, Évora, 2014.
- Bíblia de Estudo do Discipulado. São Paulo, Sociedade Bíblica Brasileira, Revisão Revista e Atualizada, 3ª Edição, 2017.
- BEVERE, Lisa: Sem Rivais. Brasília, Chara Editora, 2017.
- CARVALHO, Jb: Metanoia, a Chave Está em Sua Mente. Brasília, Chara Editora, 2018.
- COLLINS, Jim & Hansen, Morten T.: Vencedoras por Opção. São Paulo, HSM Editora, 2012.
- COLLINS, Jim [tradução Cristina Yamagami]: Como as Gigantes Caem: e Por Que Algumas Empresas Jamais Desistem. Rio de Janeiro, Elsevier, 2010.
- COVEY, Stephen M. R. & LINK, Greg & MERRIL, Rebecca R.: A Confiança Inteligente - criando prosperidade, energia e alegria num mundo carente de confiança. Rio de Janeiro, Leya, 2013.
- GALLWEY, W. Timothy [Tradução Equipe The Inner Game Scholl]: The Inner Game, A Essência do Jogo Interior. São Paulo, NewBook, 2013.
- GOLEMAN, Daniel: Foco: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso. Rio de Janeiro, Objetiva, 2014.
- Manual Bíblico SBB; tradução de Lailah de Noronha. São Paulo, Sociedade Bíblica Brasileira, 3ª edição revisada, 2018.
- SILK, Danny: Cultura da Honra, Vivendo uma Atmosfera Sobrenatural. Brasília, Chara Editora, 2016.
- SUBIRÁ, Luciano: Maturidade, o Acesso à Herança Plena. Rio de Janeiro, Central Gospel, 2018.
- SUBIRÁ, Luciano: Até que nada mais importe, como viver longe de um mundo de performances religiosas e mais próximo do que Deus espera de você. São Paulo, Hagnos, 2018.